



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

**CAMPUS DE ERECHIM**

**CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA**

**ALEXANDRA CARNIEL**

**AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA  
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO/SOBRE O MUNICÍPIO DE ITÁ**

**ERECHIM-RS**

**2018**

**ALEXANDRA CARNIEL**

**AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA  
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO/SOBRE O MUNICÍPIO DE ITÁ**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia-Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador Prof. Dr. Reginaldo José de Souza.

**ERECHIM**

**2018**

**PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas**

Carniel, Alexandra

As Transformações da Paisagem no Ensino de Geografia:  
Uma Experiência Pedagógica no/sobre o Município de Itá/  
Alexandra Carniel. -- 2018.  
118 f.:il.

Orientador: Reginaldo José de Souza.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Geografia , Erechim, RS , 2018.

1. Paisagem. 2. Recurso Didático. 3. Educação. 4.  
Hidrelétrica. 5. Questão Ambiental. I. Souza, Reginaldo  
José de, orient. II. Universidade Federal da Fronteira  
Sul. III. Título.

ALEXANDRA CARNIEL

**AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA  
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO/SOBRE O MUNICÍPIO DE ITÁ.**

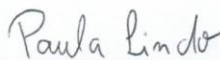
Trabalho de conclusão de curso de  
graduação apresentado como requisito para  
obtenção de grau de Licenciado em  
Geografia da Universidade Federal da  
Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 05 de julho de 2018.

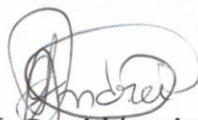
**Banca examinadora:**



**Prof. Dr. Reginaldo José de Souza**



**Profa. Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo**



**Profa. Dra. Adriana Andreis**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me mantido firme ao longo destes quatro anos e meio de graduação e pelos tantos desafios superados.

Aos meus pais Cleusa e Hélio, por todo o apoio, dedicação e auxílio a mim dedicados.

Ao meu querido irmão Fabrício, por toda a compreensão, ajuda, e disponibilidade para me auxiliar durante todo o período de graduação.

A minha avó Elsa, por ouvir minhas preocupações e a mim dedicar suas orações.

Ao meu orientador professor Reginaldo Souza, por toda a dedicação, a compreensão e auxílio mesmo nos feriados ou fins de semanas.

Ao professor Robson Paim, por todos os ensinamentos, conselhos e sugestões ao longo desta caminhada.

A professora Marilete Dalellaste, pela disposição e compreensão em ceder suas aulas para a realização da experiência pedagógica.

Aos estudantes da Escola Valentin Bernardi, pela colaboração e participação na realização da experiência pedagógica.

As professoras Adriana Andreis e Paula Lindo, pelas contribuições na apresentação do presente trabalho.

Aos professores do curso de Geografia, por todos os aprendizados adquiridos e por me ajudarem a descobrir esta ciência maravilhosa que é a Geografia.

Aos meus colegas e amigos que ao longo do curso contribuíram para alegrar meus dias e construir novas aprendizagens.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender como as transformações da paisagem motivadas por um empreendimento hidrelétrico podem ser abordadas no ensino de Geografia. A paisagem, como a dimensão da vida, a composição visual formada por elementos físicos, naturais e artificiais, presentes em determinada porção do espaço, pode servir para estudar as suas transformações, por um viés geográfico, possibilitando compreender a história dos lugares, suas funções, o uso e a apropriação do espaço, entendendo as dinâmicas da vida através do olhar e da percepção. Nesse sentido, a fotografia pode ser utilizada como uma fonte histórica, como forma de linguagem e leitura de mundo, que pode tornar-se uma aliada no ensino de Geografia, na abordagem dos conteúdos físicos e humanos. Ler uma fotografia significa desvendar as paisagens e significar os espaços. Trabalhar as transformações da paisagem a partir de uma análise crítica e reflexiva de fotografias pode possibilitar tornar as aulas de Geografia mais dinâmicas, ressignificando conteúdos e conceitos geográficos. Assim, como um resultado e, ao mesmo tempo, um processo da própria pesquisa, também apresentamos uma experiência pedagógica sobre o uso da fotografia no estudo das transformações paisagísticas no município de Itá-SC, com uma turma de sétimo ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Educação Básica Valentin Bernardi. Com isto, buscamos aliar um fato local, pertencente à realidade dos moradores da cidade de Itá, a um conceito geográfico, a paisagem, e a busca de uma nova abordagem de um recurso didático já utilizado desde muito tempo, como é o caso da fotografia. Assim, sentimos a necessidade de realizar o presente estudo, com vistas a uma possível contribuição ao ensino de Geografia, e, talvez, outras disciplinas que, nas escolas do município, abordem os impactos da construção do empreendimento. A escolha da cidade de Itá para a realização da pesquisa deve-se ao fato de que foi diretamente impactada pela construção da UHE e a consequente relocação de toda sua área urbana, portanto, com uma transformação incisiva da paisagem e nas maneiras de percebê-la. Por fim, como resultados apresentados, salientamos que a fotografia foi um instrumento fundamental no estudo das transformações da paisagem durante a experiência pedagógica com os estudantes, permitindo a eles lançarem olhares sobre o passado, o presente e o futuro da sua cidade. Durante a realização da experiência pedagógica surgiram questionamentos sobre os direitos da paisagem e agora afirmo a fundamental importância destes direitos para os direitos a cidadania e os direitos a educação, através de uma formação cidadã crítica, uma Geografia que faça a diferença na vida dos estudantes e na sua atuação e participação em sociedade.

**Palavras-chave:** Educação. Recurso Didático. Hidrelétrica. Questão Ambiental.

## ABSTRACT

The present research aims to understand how the transformations of the landscape motivated by a hydroelectric project can be approached in the teaching of Geography. The landscape, as the dimension of life, the visual composition formed by physical and natural and artificial elements present in a certain portion of space can be used to study their transformations through a geographical bias, making it possible to understand the history of places, their functions, the use and appropriation of space, understanding the dynamics of life through gaze and perception. In this sense, photography can be used as a historical source, as a form of language and world reading, which can become an ally in the teaching of Geography, in the approach to physical and human contents. Reading a photograph means unraveling the landscapes and signifying spaces. Working the transformations of the landscape from a critical and reflexive analysis of photographs can make geography classes more dynamic, resignifying contents and geographical concepts. Thus, as a result and at the same time, a process of the research itself, we also present a pedagogical experience on the use of photography in the study of landscape transformations in the city of Itá-SC, with a seventh year class of elementary school Municipality of Basic Education Valentin Bernardi. With this, we seek to combine a local fact, pertaining to the reality of the inhabitants of the city of Itá, to a geographic concept, the landscape, and the search for a new approach to a didactic resource already used since a long time, as is the case of photography. Thus, we feel the need to carry out the present study, with a view to a possible contribution to the teaching of Geography, and perhaps other disciplines that, in the schools of the municipality, approach the impacts of the construction of the enterprise. realization of the research is due to the fact that it was directly impacted by the construction of the HPP and the consequent relocation of all its urban area, therefore, with an incisive transformation of the landscape and the ways of perceiving it. Finally, as results presented, we emphasize that photography was a fundamental instrument in the study of the transformations of the landscape during the pedagogical experience with the students, allowing them to cast their eyes on the past, the present and the future of their city. During the pedagogical experience, questions were raised about the rights of the landscape and I now affirm the fundamental importance of these rights for citizenship rights and the rights to education, through a critical citizen education, a geography that makes a difference in the lives of students and in their performance and participation in society.

**Keywords:** Education. Didactic Resource. Hydropower. Environmental Issues.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1- Mapa de localização da área de estudo

Figura 2- Mapa de localização dos municípios que foram afetados pela UHE-Itá

Figura 3- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 4- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 5- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 6- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 7- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 8- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 9- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 10- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 11- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 12- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 13- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 14- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 15- Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi

Figura 16- Cartaz elaborado por estudantes do 7º ano da Escola Valentin Bernardi

Figura 17- Cartaz elaborado por estudantes do 7º ano da Escola Valentin Bernardi

Figura 18- Cartaz elaborado por estudantes do 7º ano da Escola Valentin Bernardi

Figura 19- Cartaz elaborado por estudantes do 7º ano da Escola Valentin Bernardi

Quadro 1- Questionário: Paisagens da janela e a transformação do lugar

Quadro 2- Questionário: As novas e antigas paisagens de Itá- SC



## **LISTA DE FOTOGRAFIAS**

Fotografia 1- Casa da Cultura Alberton

Fotografia 2- Casa da Memória Camaroli

Fotografia 3- Antiga Igreja de São Pedro

Fotografia 4- Torres da Antiga Igreja de São Pedro

Fotografia 5- Antiga e Nova cidade de Itá

Fotografia 6- A cidade e a igreja antes da UHE

Fotografia 7- A cidade e a igreja antes da UHE

Fotografia 8- Antiga Igreja de São Pedro

Fotografia 9- Torres da Antiga Igreja de São Pedro

Fotografia 10- Pedra fundamental da nova cidade de Itá

Fotografia 11- Pedra fundamental da nova cidade de Itá

Fotografia 12- Colonização e expansão da antiga cidade de Itá

Fotografia 13- Colonização e expansão da antiga cidade de Itá

Fotografia 14- Antigo hospital de Itá

Fotografia 15- Novo hospital de Itá

Fotografia 16- Antiga prefeitura

Fotografia 17- Nova prefeitura

Fotografia 18- CDA

Fotografia 19- Itá Termas Parque Hotel

Fotografia 20- Ruas da cidade de Itá

Fotografia 21- Casa da Cultura Alberton

Fotografia 22- Casa da memória Camaroli

Fotografia 23- Praça da nova cidade de Itá

Fotografia 24- Rua da cidade de Itá

## **LISTA DE SIGLAS**

CDA- Centro de Divulgação Ambiental

CONAMA- Conselho Nacional de Meio Ambiente

EIA- Estudo de Impacto Ambiental

ELETROSUL- Centrais Elétricas do Sul

GERASUL- Centrais Geradoras do Sul do Brasil S. A.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MAB- Movimento de Atingidos por Barragens

RIMA- Relatório de Impacto Ambiental

UHE-Usina Hidrelétrica

UHE- Itá- Usina Hidrelétrica Itá

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	16
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA PESQUISA .....</b>	<b>18</b>
2.1. IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DAS HIDRELÉTRICAS NA GEOGRAFIA .....	18
2.2. HISTÓRIA E COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ITÁ-SC.....	22
2.3. HISTÓRIA DA UHE-ITÁ.....	24
2.4. A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DAS HIDRELÉTRICAS PARA A GEOGRAFIA .....	29
<b>3. REFERENCIAIS TEÓRICOS: PAISAGEM - EMBASAMENTO FILOSÓFICO .....</b>	<b>31</b>
3.1. PAISAGEM-EMBASAMENTO GEOGRÁFICO .....	43
<b>4. A GEOGRAFIA ESCOLAR E O ESTUDO DA PAISAGEM: DIREITO À EDUCAÇÃO E DIREITO À PAISAGEM.....</b>	<b>57</b>
4.1. COMO EDUCAR SOBRE OS DIREITOS DA PAISAGEM.....	62
4.2. A PAISAGEM E A PERCEPÇÃO.....	64
4.3. PAISAGEM, PERCEPÇÃO E FOTOGRAFIA .....	66
4.4. PAISAGEM E CONHECIMENTO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO .....	69
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>72</b>
5.1. EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM ESTUDANTES DO SÉTIMO ANO.....	72
5.2. A PAISAGEM NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES .....	73
5.3. AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM EM ITÁ NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES.....	75
5.4. FOTOGRAFIAS UTILIZADAS PARA ABORDAR AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM EM ITÁ-SC.....	78
5.5. OS DESENHOS ELABORADOS PELOS ESTUDANTES E AS REPRESENTAÇÕES DA PAISAGEM DE ITÁ .....	85
<b>Paisagem e Beleza .....</b>	<b>86</b>
<b>Paisagem e História .....</b>	<b>87</b>
<b>Paisagem e Afetividade: .....</b>	<b>91</b>
<b>Paisagem e símbolos turísticos.....</b>	<b>93</b>
5.6. Uma visão futurística sobre as paisagens de Itá .....	95
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: PRESENTE, PASSADO E FUTURO E CIDADANIA .....</b>	<b>101</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>104</b>
APÊNDICE A.....	106
APÊNDICE B .....	114
APÊNDICE C.....	115
APÊNDICE D.....	117

## 1. INTRODUÇÃO

A Usina Hidrelétrica Itá, como um empreendimento hidroelétrico que modificou o desenvolvimento dos municípios atingidos, deu novo sentido ao lugar, transformou paisagens, deslocou populações, trouxe novas perspectivas de “progresso” e, ao mesmo tempo, frustração de moradores que há anos residiam naquelas propriedades que eram passadas de geração em geração e as deixaram para atender as necessidades socioeconômicas.

A partir deste empreendimento hidrelétrico, que trouxe várias modificações nas mais diversas esferas que afetam a vida em sociedade, podemos abordar o conceito de paisagem na educação geográfica, com os impactos e transformações, as novas configurações dos espaços, a organização de movimentos sociais, a comparação do novo e do antigo. Desta forma, realizando uma análise geográfica do conceito de paisagem através do processo de instalação da Usina Hidrelétrica Itá no município de mesmo nome.

A paisagem como a composição visual formada por elementos físicos, naturais e artificiais, presentes em determinada porção do espaço, está em constante transformação, seguindo as transformações que a sociedade e a própria natureza lhe impõem. Estudar as suas transformações, por um viés geográfico, significa compreender a história dos lugares, suas funções, o uso e a apropriação do espaço, entendendo as dinâmicas da vida através do olhar e da percepção.

Cada paisagem é dotada de significados, em que podemos realizar leituras sobre o espaço vivido, perceber as dinâmicas, a história e a evolução das cidades. Cada qual possuindo suas particularidades, individualidades produzidas por determinados elementos naturais e atores sociais.

A paisagem também é objeto de estudo de outras ciências e técnicas, como a ecologia, arquitetura, bem como a literatura e as artes, ganhando destaque a partir do século XVI, com ênfase nos elementos da natureza. A representação da paisagem passa a estar atrelada às artes, inicialmente com aspectos da natureza, retratados de forma bela, em que são representadas através de imagens de fundo de pinturas. No século XIX, as paisagens tornam-se símbolos da arte, com artistas como Van Gogh e Cézanne. E mais tarde, conforme afirma Coelho (2011), a partir da invenção do daguerreotipo, no ano de 1838, a paisagem passa a ser representada pela fotografia.

Diante da necessidade de dar novos sentidos aos recursos didáticos e metodológicos

para as aulas de Geografia, é preciso buscar linguagens com diferentes abordagens que despertem o pensar crítico e a sensibilidade dos alunos. Em que fotografias e imagens podem ser instrumentos metodológicos para a representação espacial e paisagística da realidade.

O presente trabalho busca compreender como utilizar a fotografia, como recurso didático para trabalhar a transformação da paisagem no ensino de Geografia, partindo do estudo de caso sobre as transformações ocorridas na paisagem, com a construção do reservatório da Usina Hidrelétrica Itá. Foi escolhido este recorte espacial como área de estudo por ser uma cidade que sofreu profundas transformações em sua paisagem, com a instalação do reservatório da Usina Hidrelétrica, sendo totalmente relocada para a efetivação da construção de tal empreendimento.

No processo de construção da Usina Hidrelétrica, as imagens do antes e do depois, permanecem presentes nas lembranças e memórias de uma população<sup>1</sup>, e, assim, podem ser interpretadas e estudadas em múltiplas dimensões, em trabalhos com os mais diferentes enfoques, e, inclusive, com um direcionamento para o ensino, visto que existem trabalhos realizados sobre a Usina Hidrelétrica Itá e suas transformações e impactos na paisagem, porém, não existem trabalhos sobre a temática, voltados para o ensino de Geografia. Desta forma, propomos outra abordagem, aliando as transformações da paisagem ao ensino de Geografia, tendo a fotografia como recurso didático. Assim, sentimos a necessidade de realizar o presente estudo, com vistas a uma possível contribuição ao ensino de Geografia, e, talvez, outras disciplinas que, nas escolas do município, abordem os impactos da construção do empreendimento.

Compreender como as transformações da paisagem motivadas por um empreendimento hidrelétrico podem ser abordadas no ensino de Geografia;

Investigar diferentes formas de conceituação da paisagem no decorrer da história do pensamento geográfico;

Ressignificar o uso de fotografias no ensino de Geografia, no que diz respeito a conteúdos paisagísticos, por meio da realização de oficina didático-pedagógica com uma turma do sétimo ano da Escola Municipal Valentin Bernardi, na cidade de Itá;

---

<sup>1</sup> Sobre este assunto, pode-se consultar os trabalhos de Schmidel (2017) e Quadros (2016) que, em suas monografias de conclusão de curso, estudaram as transformações da paisagem nas perspectivas dos moradores da Linha Rio Branco, município de Mariano Moro-RS, e nas perspectivas de moradores idosos da cidade de Itá, respectivamente.

Propor um roteiro de atividades sobre o estudo da paisagem, que possa auxiliar outros professores envolvidos com a temática na Educação Básica.

A partir de minhas experiências como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Geografia<sup>2</sup>, e dos estágios curriculares, realizados ao longo da graduação, passei a me interessar pelo ensino de Geografia, os processos de ensino e aprendizagem e a questionar o ensino dos conceitos e categorias de análise geográficas, (espaço, território, lugar, paisagem, região e redes), e a maneira como estes, tornam significativo o conteúdo geográfico. Tudo isto possibilitou refletir sobre a necessidade do conhecimento sobre o conteúdo pedagógico geográfico, para tornar as aulas mais atraentes e coerentes ao contexto escolar.

O ato de ensinar se configura numa tarefa complexa, em que fazem parte múltiplas variáveis e um conjunto de saberes que formam a identidade profissional do professor. O trabalho escolar, centrado na relação professor-aluno, rege o processo de ensino-aprendizagem, em que, através da prática docente, o professor adquire saberes profissionais, por meio de experiências, reflexões teóricas, concepções epistemológicas, expectativas, percepções e práticas escolares, que permeiam a ação docente, através de uma multiplicidade de saberes que formam o conhecimento do professor. Torna-se necessário questionar sobre a eficácia dos saberes, em que muitas vezes o professor precisa ressignificá-los, para que possam ser inseridos e compreendidos durante as aulas.

O conhecimento pedagógico do conteúdo aborda a reflexão da complexidade do ato de ensinar, e a especificidade profissional, em que é necessária a integração e transformação dos conhecimentos específicos e conhecimentos pedagógicos no ato de ensinar. É a prática da atividade docente, constantemente renovada, através da reflexão sobre a prática, sobre os meios que se ensina, o contexto e a especificidade da disciplina. Acreditamos que o conhecimento pedagógico do conteúdo, constitui-se num importante embasamento teórico para a ressignificação dos conteúdos, conceitos e fenômenos geográficos, com o intuito de instigar alunos e professores na construção de uma educação geográfica significativa.

Neste contexto de reflexões sobre o conhecimento pedagógico dos conteúdos, escolhemos o conceito de paisagem para a realização do estudo, pois acreditamos que este expressa a representação da vida, em suas múltiplas formas e essências, uma síntese da

---

<sup>2</sup> Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência( PIBID) subprojeto Geografia no período de março de 2014 a março de 2018.

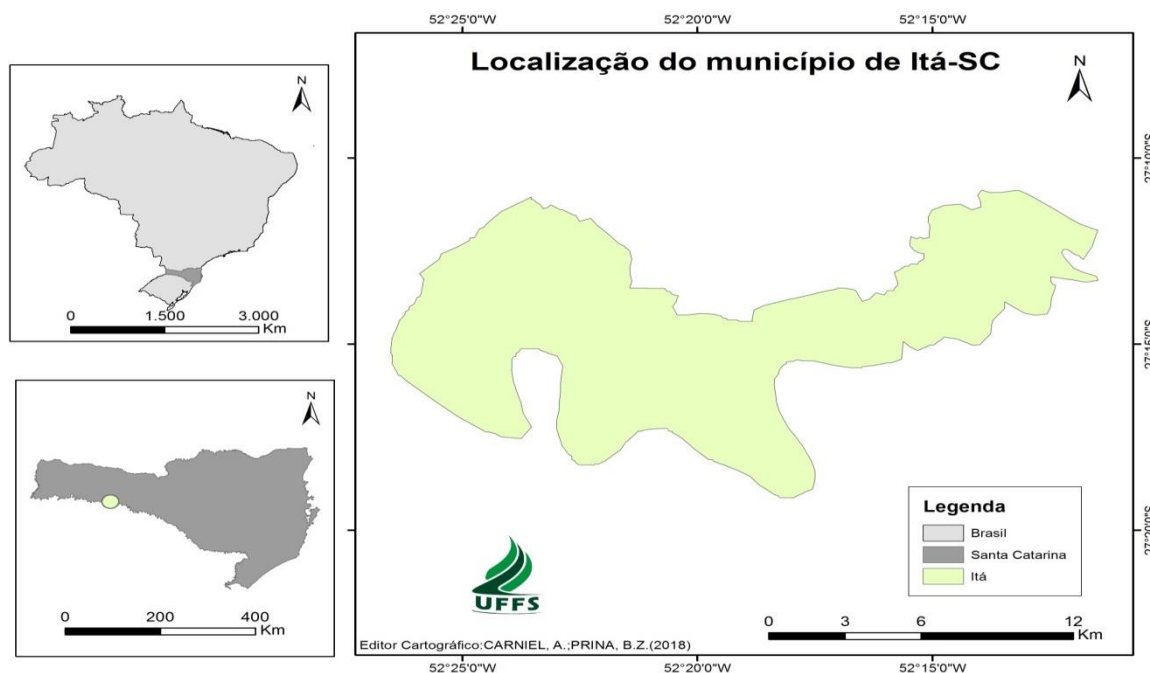
materialização dos fenômenos geográficos, da hibridação do homem com a natureza. A paisagem é um conceito que vai além da dicotomia Geografia física e Geografia humana por abranger ambas as esferas em conexão.

A escolha da fotografia como recurso didático se deu através de questionamentos sobre a eficácia desta estratégia, se realmente está sendo explorada de forma crítica e reflexiva na abordagem de fenômenos geográficos, ou apenas como ilustração. Desta maneira, buscamos propor uma nova abordagem sobre a utilização da fotografia como recurso didático, através de uma visão estética e paisagística.

A fotografia como estratégia para compreender as transformações da paisagem foi associada à cidade de Itá-SC, devido a esta ter sido totalmente relocada com a construção de um empreendimento hidrelétrico, fato este que modificou as dinâmicas sociais, gerou transformações na paisagem, podendo desta forma ser facilmente compreendida através dos diferentes olhares e perspectivas sobre a cidade.

Assim, buscamos aliar um fato local, pertencente à realidade dos moradores de Itá, a um conceito geográfico, a paisagem, e desenvolver a abordagem de um recurso didático, como a fotografia para o ensino de Geografia, através do embasamento teórico do conhecimento pedagógico do conteúdo.

Figura 1: Localização do município de Itá.



No mapa a esquerda, o Brasil. Logo abaixo em uma escala um pouco menor, a representação do estado de Santa Catarina. E a direita a localização da área de estudo, o município de Itá.

## 1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A área de estudo, como já mencionada, compreende a cidade de Itá-SC, (ver figura 1) tendo em vista, que esta foi totalmente relocada, com a construção da hidrelétrica. O período de estudo compreende a década de 1980, quando iniciaram os estudos sobre o possível potencial hidrelétrico localizado na volta do Uvá, até os dias atuais, com os impactos presentes na paisagem, na população, na economia, na cultura através da preservação da memória de áreas totalmente atingidas.

A tipologia da pesquisa é explicativa, exploratória, descritiva e crítico-reflexiva. Explicativa, pois são explicados conceitos e diferentes conceituações sobre paisagem. Exploratória, pois são exploradas informações e referências sobre paisagem. E descritiva, pois visa descrever uma experiência sobre o uso da fotografia para trabalhar as transformações paisagísticas, com a turma de 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Educação Básica Valentin Bernardi, localizada no município de Itá- SC. E crítico-reflexiva, pois é pautada na análise das perspectivas dos estudantes sobre a paisagem através da elaboração de desenhos e fotografias com representações paisagísticas.

A metodologia utilizada na pesquisa é qualitativa, pois é estudado um conceito



geográfico, suas definições, contextualizações e a importância para a ciência geográfica e de que modo pode ser trabalhado a partir de um recurso didático, como a fotografia.

Primeiramente, a fonte de informação da pesquisa é de caráter documental, pois foi realizada a seleção de fotografias que representem as transformações na paisagem do município de Itá (fotografias antigas e atuais), que possam ser inseridas no contexto escolar, como recurso didático para as aulas de Geografia e para a compreensão dos conceitos geográficos. No segundo momento, a pesquisa é de campo, pois foi realizada a experiência pedagógica na Escola Municipal Valentin Bernardi, com estudantes do 7º ano do ensino fundamental, na cidade de Itá. E também por que os próprios alunos foram a campo para coletar fotografias, lançando diferentes olhares sobre a paisagem, percebendo suas transformações, seus vínculos com a cidade, e sua história através do processo de instalação da Usina Hidrelétrica Itá.

A pesquisa se caracteriza com o procedimento de levantamento, estado da arte, devido ao levantamento dos artigos referentes à paisagem e fotografia nas revistas de Ensino, Educação e Geografia. No segundo momento a pesquisa seguirá um modelo documental, pois serão levantadas fotografias de antes e após o processo de construção da Hidrelétrica, junto ao Centro de Divulgação Ambiental (CDA) e Casas da Cultura Albertoni e Camarolli.<sup>3</sup> Por último, os procedimentos serão de pesquisa-ação, pois foi realizada uma oficina com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Educação Básica Valentin Bernardi, abordando o conceito de paisagem, transformações paisagísticas e aliando a fotografia como ferramenta didático-pedagógica.

---

<sup>3</sup> O centro de divulgação ambiental (CDA) é o órgão responsável pelos programas ambientais desenvolvidos pela UHE-Itá, através de projetos desenvolvidos nas escolas dos municípios atingidos pelo reservatório e divulgação de ações e iniciativas ambientais. As Casas da Cultura Camaroli e Albertoni funcionam como museus, expondo fotografias, objetos e documentos da antiga cidade de Itá, buscando preservar a memória e a cultura.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

### 2.1. IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DAS HIDRELÉTRICAS NA GEOGRAFIA

A água é um elemento essencial para o desenvolvimento de toda e qualquer forma de vida. A história nos conta que desde o início, as primeiras civilizações buscavam formar as primeiras comunidades a margem de rios, para tornar mais fácil o abastecimento de água e o desenvolvimento da agricultura, como por exemplo, o rio Nilo no Egito e o Rio Tigre e Eufrates na Mesopotâmia. À medida que as sociedades foram se desenvolvendo, cada vez mais, a demanda por água, tornou-se maior e junto com ela a demanda de energia. Com o avanço da industrialização e como consequente a grande urbanização, a demanda por energia se torna cada vez maior. Em que a água passa a ser utilizada como recurso energético, através das usinas hidrelétricas, gerando uma série de impactos, alguns até mesmo, irreversíveis ao meio ambiente.

Uma usina hidrelétrica caracteriza-se como o conjunto de obras, equipamentos e estruturas, com o objetivo de geração de energia elétrica, através do aproveitamento do potencial hidráulico existente em um rio, possuindo uma ampla infraestrutura, com reservatório, barragem, vertedouro e linhas de transmissão de energia. Para a construção de uma hidrelétrica são necessários, disponibilidade de água, fatores geológicos e topografia adequada e a realização de análise temporal da paisagem. Também são realizados estudos prévios para verificar a interferência e os possíveis danos e impactos ambientais.

Impacto ambiental de acordo com a Resolução 01/1986 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) significa “qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente causada por alguma forma de matéria ou energia resultante de atividades humanas, que direta ou indiretamente afetam a sociedade.”.

A transformação do complexo ecos sistema de uma ambiente lótico (rio) em lântico (lago), de maneira brusca, desencadeia uma série de desequilíbrios ecológicos e sociais . Assim, a avaliação do significado sócio-ambiental da construção de uma hidrelétrica envolve a difícil ponderação entre usufruir os benefícios proporcionados pela geração de energia elétrica e arcar com os impactos negativos decorrentes da implantação do empreendimento. (COELHO, 2008, p.5).

As barragens acarretam impactos ambientais enormes, como a perda da biodiversidade, a degradação do solo, a extinção de espécies animais e vegetais e o surgimento de espécies invasoras. As hidrelétricas possuem um elevado custo, obstruem os rios e não duram para sempre, isto é uma hidrelétrica possui um tempo de vida útil, estimada

em uma centena de anos. Cerca de 20% da energia elétrica do mundo é proveniente de hidrelétricas. No Brasil existem cerca de 158 usinas hidrelétricas. A segunda maior usina hidrelétrica do mundo é a Itaipu Binacional pertencente ao Brasil e ao Paraguai.

A definição de barragem, segundo o Manual de Segurança e Inspeção de Barragens, publicado pelo Ministério da Integração Nacional (2002), é atribuído a uma estrutura construída em determinada parte de um rio. Esta construção se caracteriza por ser transversal e tem por finalidade formar um reservatório onde ocorra acumulação de água, o qual pode ter diferentes finalidades, como armazenamento de água ou acompanhado de uma complexa infraestrutura, para geração de energia elétrica. (Martini, 2015, p.22)

Para a construção de uma hidrelétrica, um vasto território precisa ser alagado, em que ocorre a perda de sítios arqueológicos, a população ribeirinha que precisa ser deslocada para outros lugares. Grande perda da fauna e da flora, espécies animais e vegetais que acabam por ser extintas, degradação dos nutrientes do solo, destruição de grandes espaços de floresta nativa e interferência nas dinâmicas da natureza.

A energia elétrica trouxe consigo inúmeras vantagens e facilidades aos trabalhos humanos, porém acarretando em várias transformações paisagísticas, transformando paisagens que levaram milhares de anos, através de eras e períodos geológicos para obter tal configuração, acarretando assim a perda de paisagens naturais, formadas pelo curso natural de um rio. Toda forma de gerar energia artificial, com maior ou menor intensidade, traz impactos ao meio ambiente. A sociedade interfere de modo cruel nas dinâmicas da natureza, alterando o curso natural de um rio, desmatando florestas nativas, extinguindo assim espécies animais e vegetais, acabando com parte da biodiversidade, da fauna e da flora. Artificializando desta forma parte de alguns elementos da natureza, e as paisagens e as funções dos lugares passam a ser planejados pelo homem.

As hidrelétricas trazem enormes transformações ao espaço geográfico, aos lugares, as paisagens e aos modos de vida, através dos interesses sócio-econômicos, da geração de energia e as questões ambientais.

A construção de uma hidrelétrica também pode ser considerada uma hibridação, uma fusão da sociedade com a natureza, em que o ambiente é alterado, mudam-se as formas de vida, a paisagem é transformada, a vista já não é mais a mesma, criam-se territorialidades movimentos de resistência, críticas ou sugestões na construção de tal empreendimento que traz profundas mudanças à região. A construção de uma hidrelétrica ao mesmo tempo em que traz perspectivas de progresso também gera frustração de moradores que há anos residiam

naquelas propriedades e são obrigados a deixá-las para atender as demandas da sociedade. Antes da construção de um empreendimento de tamanha abrangência é necessária a análise da paisagem, como forma de avaliar os elementos do ecossistema, avaliando os impactos ambientais, as possíveis perdas da fauna e da flora, e os danos à biodiversidade procurando maneiras, medidas, propostas e projetos para minimizar tais impactos.

A paisagem é o resultado mais evidente na construção de uma hidrelétrica, pois seus pontos positivos e negativos estão refletidos na vista do horizonte, nas alterações dos lugares e espaços, nas memórias presentes e passadas, no cuidado com o ambiente, nas mudanças econômicas, sociais e culturais.

Portanto, através da observação, da comparação do antigo e do novo sobre uma paisagem é possível compreender os grandes impactos de um empreendimento hidrelétrico na vida social e cotidiana de uma população. A construção de uma hidrelétrica implica na alteração das dinâmicas naturais, como o desvio do curso fluvial de um rio, áreas inundadas, supressão de espécies nativas. E principalmente a relocação de pessoas que pode ser caracterizado como um processo de desterritorialização.

As barragens trazem a ocorrência de grandes impactos em escala local e regional, como as áreas de cultivo, áreas de desenvolvimento da agropecuária, as propriedades passadas de geração em geração que acabam por ser abandonadas, os espaços de vida que são deixados para trás, as áreas de vivência de trabalho que são esvaziadas. A população residente nestas áreas se vê obrigada a ceder suas propriedades e parte de sua vida ao progresso e as demandas da sociedade. Pessoas que não tem outra a escolha, a não ser recomeçar suas vidas em outro local, muitas vezes longe de antigos amigos e vizinhos. Fato que exige uma readaptação que marca a vida, a memória e o cotidiano das pessoas, restando à memória e afetividade com lugares e paisagens de outrora.

Também é relevante o grande contingente populacional de operários e técnicos envolvidos na construção destes empreendimentos, e seus familiares que migram para estas áreas. Migrações estas, que transformam a mobilidade e os fluxos dos lugares durante o período de tempo de construção e operação das hidrelétricas. Mudam as paisagens, os trabalhos desenvolvidos, as funções dos lugares. As áreas de antigas plantações cedem lugar ao desenvolvimento de outras atividades, como: a pesca. O turismo, também é um ponto de destaque, as terras situadas às margens do lago tornam-se mais valorizadas, e são procuradas

por moradores residentes em grandes centros urbanos, como uma forma de encontrar a calma, o sossego e descanso nos feriados e fins de semana.

Os territórios de recursos hídricos são espaços globais de produção (assim como, espaços de poder) visto que a gestão dos recursos hídricos, também como a de qualquer outro recurso natural só assume plenamente seu significado enquanto parte de um esforço de realização de renda, não só em benefício da própria economia usuária, mas também como estímulo a um fluxo de transferência sempre crescente, entre setores, regiões ou países. (ESPÍNDOLA, 2009, p.144).

Os recursos hídricos, transformados em recursos energéticos pelas hidrelétricas, são vistos como pontos estratégicos, na obtenção de lucro, na geração de renda, em que ocorre a exploração da natureza a serviço dos interesses humanos e a mercê do capital.

Na extração da renda diferencial da água nos territórios adjacentes à Bacia do Rio Uruguai, a apropriação capitalista tem, nas últimas décadas, dado maior atenção à exploração da energia hidrelétrica, um dos combustíveis fundamentais para a formação da economia mundial após a ascensão do capitalismo monopolista no último quartel do século XIX.. (ESPÍNDOLA, 2009, p.146).

As hidrelétricas se configuram no avanço do “meio técnico-científico e informacional” defendido por Milton Santos, gerando uma complexa e vasta hibridação da paisagem, estreitando a relação homem-sociedade e natureza. Acarretando um processo de desterritorialização de áreas atingidas e a reorganização espacial de toda uma população, em que esta muitas vezes não é levada em real consideração, mas só lhes resta se adaptar a outro lugar, outra paisagem e até mesmo outra vida.

Com a construção de hidrelétricas, cidades inteiras podem ser atingidas, como no caso de Itá- SC, em que casas, igrejas, escolas, hospitais, centros de eventos de comunidades e núcleos rurais são afetados, demolidos e seguidamente inundados. Configurando-se assim em lugares e paisagens que não voltam mais, mas que originam novas paisagens.

No Brasil aproximadamente 75% da matriz energética é composta de energia elétrica proveniente de hidrelétricas. (MARTINI, 2015, p.4). Sendo que no Brasil as três principais matrizes energéticas são: elétrica, hidrelétrica, termelétrica (a gás e nuclear).

A publicidade midiática e os discursos das hidrelétricas fazem acreditar que seja a fonte de energia que gera menor número de resíduos e poluentes ambientais. Em que muitas vezes os grandes impactos ocasionados são camuflados por iniciativas de “preservação ambiental” “desenvolvimentos sustentável” ou “preservação do patrimônio histórico e cultural” das áreas atingidas, através de programas e ações sociais desenvolvidas pelas próprias hidrelétricas.

Porém, a visão repassada pelas hidrelétricas como uma forma limpa e barata de produzir energia não é verdadeira, as hidrelétricas causam sim impactos menores do que usinas nucleares, e termelétricas. Mas da mesma maneira agregam uma séria de impactos principalmente de cunho ambiental.

Como forma de ressarcir um pouco dos impactos e danos materiais a população é repassada uma compensação financeira aos municípios afetados pelas hidrelétricas, através de repasses financeiros durante um determinado período de tempo, o que muitas vezes pode gerar grandes mudanças na base econômica dos municípios.

Some-se a tudo isto a importância que os recursos hídricos adquiriram dentro do sistema capitalista no decorrer do século passado e a rarefação atual dos recursos territoriais, causada pela insaciável e irracional busca por novos territórios de exploração inerente ao Capital. Teremos então os recursos hídricos como um dos principais fatores do processo social de produção e a renda da água como um dos agentes contraditórios dentro deste processo. (ESPÍNDOLA, 2009, p.149).

As hidrelétricas também são uma forma de dominação e poder sobre uma fração do território. Empreendimentos deste ramo, exigem uma série de estudos com profissionais especializados, e investimentos de valor elevado, em que os acionistas deste investimento terão lucros, e os governos municipais atingidos por barragens tem a base da sua economia modificada, através royalties oriundos da geração de energia, os governos estadual e federal obterão a arrecadação de impostos, fato este que traz a circulação de fluxos e mercadorias e rege o sistema capitalista.

Portanto, muitas vezes o grande potencial hidrelétrico pode parecer uma grande vantagem para a economia, mas um ponto negativo para o meio ambiente, e as pessoas que passam por estes processos de relocação. Deve-se lembrar de que assim como a distribuição dos recursos hídricos não é igual no território brasileiro, como por exemplo a região nordeste que sofre por falta de chuvas, a distribuição energética também é diversificada o que acarreta formas de desigualdade e fragmentação social.

## 2.2.HISTÓRIA E COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ITÁ-SC

Os primeiros colonizadores de Itá partiram da ferrovia de Barros (atual município de Gaurama) por uma picada de 60 km, passando pelos povoados de Santo Antônio, Três Arroios e Dourados até as margens do Rio Uruguai.

No ano de 1919 instalou-se na região a empresa colonizadora Luce Rosa e Cia LiTda da cidade de Porto Alegre- RS. O primeiro pioneiro da colonização da colonização foi

Theodoro Scheuble e sua esposa Helga, ambos alemães, juntamente com seus filhos vieram de São Paulo em 21 de maio de 1919, estabelecendo-se nas proximidades do futuro povoado. Em 31 de setembro do mesmo ano os Senhores Valentin Bernardi, Pedro e Ângelo Paludo, e seus familiares estabeleceram-se em lotes no local e o caboclo Luis de Campos batizou este lugar com o nome de Itá, que em língua Tupi Guarani quer dizer Pedra, mas este é apenas um dos modos de enxergar esta leitura sobre a nomenclatura.

De 1947 a 1951 foi construída a primeira Usina Hidrelétrica em Itá, que se chamava Cooperativa Força e Luz Itaense de Representação Ltda. Sendo inaugurada na data de 02 de outubro de 1952, com a presença do governador do estado Irineu Bornhausen, a usina operou até meados de 1967/1968.

Em 1967 a população surpreendeu-se com a presença de um helicóptero sobrevoando a cidade, para a avaliação do rio Uruguai para a construção de uma Usina. No ano de 1977 a Eletrosul e a CSN (Consórcio Nacional de Engenheiros S.A) realizaram novos estudos sobre o aproveitamento hidrelétrico do Rio Uruguai. Em 1978 a população recebe a notícia sobre a construção da Usina e que a cidade de Itá iria desaparecer submersa pelas águas.

Em 1979 a construção de uma nova cidade de Itá começou a ser planejada. Em 1981 é firmado o marco fundamental da cidade nova. Na mesma década por falta de recursos federais para a efetivação das obras, por este período a população passa a conviver com duas cidades. Em 1994 foi realizada a última missa na antiga Igreja São Pedro. Em 13 de dezembro de 1996 a nova cidade de Itá foi inaugurada. Com a relocação da cidade Itá mudou inclusive suas feições geomorfológicas e sítio urbano, anteriormente situava-se num fundo de vale e foi relocada para uma área mais elevada, uma crista.

O município de Itá está localizado a oeste do estado de Santa Catarina, com área de extensão territorial de 165,869km<sup>2</sup>, com população estimada (2017) pelo IBGE de 6.275 pessoas, com densidade demográfica de 38,75 hab. Km<sup>2</sup>, com PIB (per capita) (2015) de 33.964,56 reais, com IHDM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) de 0,771. (IBGE).

O município de Itá situa-se em uma região de relevo marcadamente dobrado e com o vale encaixado do Rio Uruguai, ordenado com alta declividade. Há predominância de rochas basálticas. A vegetação é composta por mata primitiva, mata secundária e mata implantada., caracterizadas por cobertura vegetal nativa, recomposição natural, com capoeiras altas e

reflorestamento. Os quatro principais rios que banham Itá, são: Rio Uruguai, Rio Jacutinga, Rio Engano e Rio Ariranhazinha. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITÁ, 2013).

### 2.3.HISTÓRIA DA UHE-ITÁ

No período de 1966-1969 o Comitê de Estudos Energéticos da Região Sul realiza estudos para identificar os recursos hidroenergéticos da bacia do Rio Uruguai e elabora um programa de implantação de hidrelétricas. De 1977-1979 os estudos são revistos, levando em consideração o aproveitamento energético e os aspectos sócio-econômicos, culturais e ecológicos. Através destes estudos verifica-se a possibilidade de 22 hidrelétricas na bacia do Rio Uruguai, em que a Itá é a de maior destaque, por seu baixo custo e alto potencial energético.

De 1979-1981:

São realizados os estudos de viabilidade, mais tarde revistos (entre 1984 e 1985), devido a mudanças hidrológicas da bacia causada por enchentes. Nesta fase, altera-se o posicionamento da barragem, que passa a ficar à montante da foz do rio Uvã. Com isso perdeu-se um pouco de área de reservatório, mas a região, habitada, foi poupada do alagamento. Nesta época, começam as providências com relação à relocação da cidade de Itá. (CONSÓRCIO ITÁ, 2000).

Nos anos de 1986 e 1987 ocorre o “Desenvolvimento e revisão do Projeto Básico, aprovado pelo Departamento Nacional de Água e Energia Elétrica” (CONSÓRCIO ITÁ, 2018). No ano de 1989 “O Brasil decreta moratória e o financiamento acordado com o Banco Mundial para a construção da Usina é suspenso.” (CONSÓRCIO, ITÁ, 2000)

“Em 1993 com o comunicado de dois decretos federais é realizada a parceria entre estado e empresa privada, para a finalização das obras que estavam paralisadas, em que as empresas privadas teriam” “o direito de explorar economicamente a energia gerada”. (CONSÓRCIO ITÁ, 2000, p.138).

Nos anos de 1994 e 1995 por meio de licitações é realizada a escolha do Consórcio que junto com a ELETROSUL concluiria as obras, sendo escolhida a Cia de cimentos Itambé e a Itasa. Em 1996 e 1997 iniciam a construção da ensecadeira e da casa de força, com material rochoso e, ainda, ocorre o desvio do Rio Uruguai, ao longo de cinco túneis. “Em 1998, a Gerasul – Eletrosul é privatizada, a UHE Itá passa a ser administrada pela Tractebel, um grupo Belga. “( QUADROS, 2015 apud CONSÓRCIO ITÁ, 2000).



No ano de 1999 inicia-se o enchimento do reservatório, ocupando uma área de 141 km<sup>2</sup>, em que destes 103 km<sup>2</sup> compreendem a área inundada. Em 2000 a usina começa a gerar energia e em 2001 as obras são concluídas e a usina passa a operar amplamente. Em relação a dados técnicos do reservatório, esta opera com um total de 1.450 MW de potência. O custo total da obra ultrapassou US\$ 1 bilhão.

Nos onze municípios que tem suas terras atingidas pelo empreendimento, foram afetados total ou parcialmente – duas sedes municipais (Itá e Marcelino Ramos) quatro sedes distritais, 32 núcleos rurais, 15 equipamentos isolados (escolas, cemitérios, etc) 3563 propriedades e extensa rede de infra-estrutura viária, elétrica e telefônica, causando desequilíbrio na complexa trama urbana, rural, e essencialmente, social, sedimentada no território e no tempo. (PLANO DIRETOR UHE-ITÁ, 2000, p. 15).

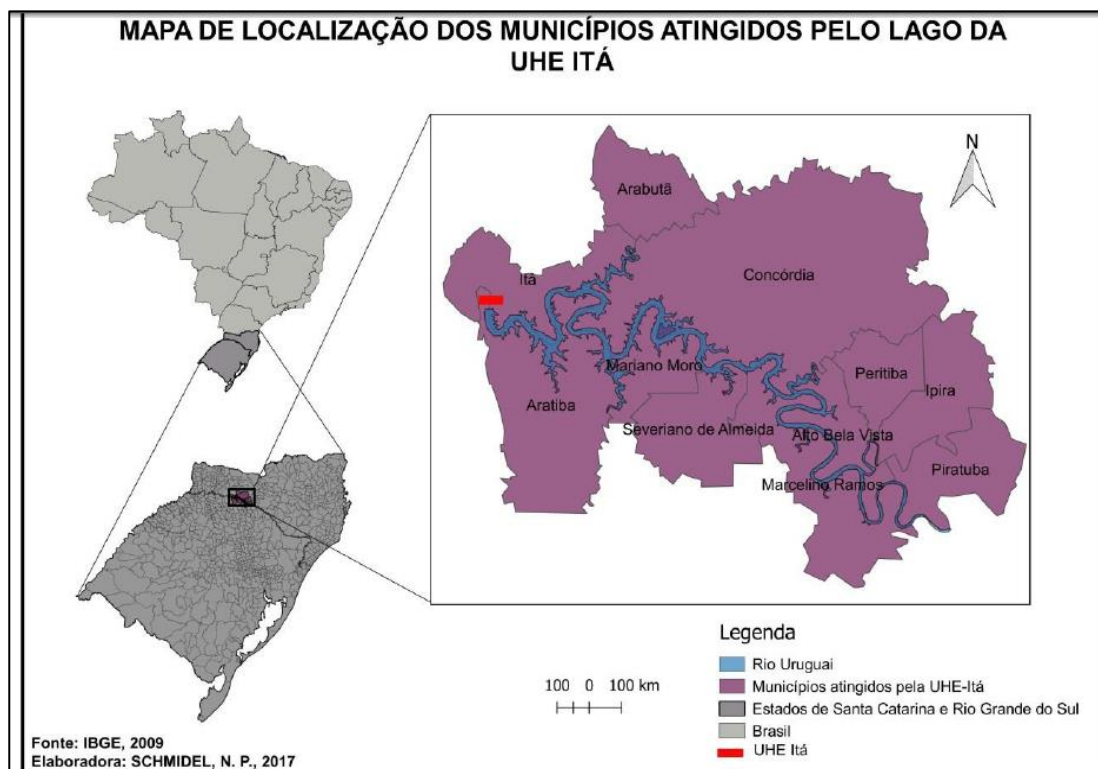
Como descrito pela citação acima, a construção da UHE-Itá atingiu vários municípios e comunidades rurais, em que exigiu todo um processo de relocação de pessoas, escolas, igrejas e estabelecimentos comerciais. O município de Itá foi o que mais sofreu transformações em seu espaço geográfico, nas paisagens e lugares, pois sua sede urbana foi totalmente atingida, sendo necessária a relocação urbana do município a 4Km de distância da antiga cidade .

O saldo final de todo o processo manteve uma série de problemas pendentes A desestruturação de comunidades e das municipalidades no entorno do lago da barragem foi o maior deles. Cerca de 12.700 pessoas (3.585 famílias) foram diretamente atingidas por este alagamento sistemático, envolvendo 3.219 propriedades, em 36 núcleos rurais. Itá tornou-se o primeiro município brasileiro cuja sede municipal foi totalmente coberta pelas águas de uma barragem. (ESPÍNDOLA, 2009, p.172).

A cidade de Itá foi totalmente relocada em 1997, a população viveu um período confuso entre 1991 e 1997 em que a cidade velha ainda funcionava, e a nova cidade começava a ser construída, as famílias pouco a pouco iam sendo relocadas , em que os elementos da antiga cidade foram sendo abandonados, demolidos, até a antiga Itá tornar-se vazia, para receber as águas do reservatório da UHE.

A implantação de um empreendimento com o porte e as características da UHE- Itá não é possível sem produzir grandes interferências sobre o meio ambiente onde o mesmo se insere. O reservatório, resultado do alargamento do rio Uruguai e seus afluentes, com seus 142 km<sup>2</sup> de lago, atingiu terras de onze municípios: Aratiba, Mariano oro, Severiano de Almeida e Marcelino Ramos no Rio Grande do sul e Itá, Arabutã, Concórdia, Alto Bela Vista, Ipira, Piratuba e Piritiba em Santa Catarina. No estudo de impacto ambiental (EIA) e Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) esses impactos são registrados em diferentes áreas e estão relacionados com as diferentes fases de implantação: mobilização, construção da infra-estrutrua de apoio e das obras principais, enchimento do lago e operação. (PLANO DIRETOR DA UHE-ITÁ, p.13).

Figura 2: Localização dos municípios afetados pelo reservatório da UHE-Itá.



Primeiramente a esquerda, o Brasil, logo abaixo em escala menor, os estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. E a direita os 11 municípios afetados pela UHE-Itá.

A construção da UHE agregou grandes transformações na vida social, econômica e cultural dos municípios atingidos. A nova Cidade de Itá foi totalmente planejada, em que elementos culturais da antiga cidade foram preservados como a Casa da Cultura- Casa Alberton e a Casa da Memória- Casa Camaroli(ver fotografias 1 e 2).

O Rio Uruguai é o elemento substancial sobre o qual as comunidades estabelecem a materialidade das lembranças objetivadas na memória. Ele permanece no seu curso, embora a técnica o tenha alterado, como o símbolo máximo de um passado que se desdobra no presente e que, quem sabe, poderá ensinar a todos o ato de lembrar e esquecer, (ESPÍNDOLA, 2009 ,p.162).

A Casa da Cultura possui arquitetura alemã, seu cenário é composto por uma espécie de armazém, pois na antiga cidade funcionava como um ponto de comércio, com a venda de doces e salgados e bens de consumo. A família Alberton também alugava quartos aos visitantes da cidade, pois na mesma não havia hotel na época. Na casa também há um salão em que é transmitido aos visitantes um breve documentário sobre toda a história, a colonização e a cultura do município.

Fotografia 1: Casa da Cultura Alberton.



Fonte: Alexandra Carniel, 2018.

A Casa da Memória-Casa Camaroli, possui a arquitetura italiana e funciona como um pequeno museu, com muitos objetos, e instrumentos antigos, como ferramentas, vestimentas, utensílios domésticos, e os apetrechos de trabalho do primeiro médico da cidade. Objetos estes que lembram a vida simples dos antepassados e que foram doadas por famílias do município, como forma de manter viva a memória de outros tempos.

Fotografia 2: Casa da Memória Camaroli.



Fonte: Alexandra Carniel, 2018.

As comunidades atingidas por alagamentos sistemáticos do Vale da Bacia do Rio Uruguai vivem entre um presente que lhes escapa, uma memória que lhes naturaliza a vivência e um futuro que temem, mas que se lhes apresenta como possibilidade de controlar racionalmente suas existências através da luta e do trabalho duro. (ESPÍNDOLA, 2009, p.158-159).

Outro elemento marcante na vida dos itaenses e facilmente perceptível nas falas e expressões dos estudantes, são as Torres da antiga Igreja de São Pedro. Nas fotografias abaixo, primeiro na fotografia 3 observa-se a antiga Igreja de São Pedro, e logo abaixo na fotografia 4, a sua atual configuração, com as torres em meio ao lago. Conforme relato de moradores no período de demolição da igreja, a cada nova tentativa de destruir as torres alguma peça da máquina quebrava, então através de um plebiscito a população optou por manter as torres como um símbolo e também uma lembrança da velha cidade. Hoje as torres são o principal ponto turístico da cidade e nos relatos dos estudantes percebe-se uma relação de apego e identidade com este ponto da cidade

Fotografia 3: Antiga Igreja de São Pedro.



Fonte: Daiane Quadros, 2015.

Fotografia 4: Torres da Antiga Igreja de São Pedro



Fonte: Daiane Quadros, 2015.



Atualmente a cidade de Itá é conhecida como uma cidade turística, oferecendo vários atrativos, como: termas, tirolesa, passeios turísticos. Em que o turismo passou a compor a economia do município.

#### 2.4.A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS HIDRELÉTRICAS PARA A GEOGRAFIA

O estudo das hidrelétricas e suas transformações sobre a paisagem é de relevante importância para a Geografia, pois expressa a relação homem e meio, e a exploração da natureza pelo homem, em que a técnica domina o meio, para atender as finalidades impostas pelo ser humano.

As hidrelétricas geram enormes transformações na paisagem, seja na construção de uma UHE ou em seu pleno funcionamento, muitas são as questões envolvidas para a realização de tal empreendimento, como a relocação de pessoas, de núcleos e comunidades, o desmatamento de remanescentes nativos, o desvio do curso natural de um rio, fatores estes que geram profundos impactos em escala local e regional.

O ensino de Geografia a partir da vivência do aluno, permite a construção de uma educação geográfica, voltada a problematização da realidade vivida, ao planejamento e as possíveis soluções para os desafios percebidos no meio vivenciado.

A paisagem também faz parte do cotidiano do aluno, de sua experiência de vida, dos elementos que seus olhos observam. Trabalhar as transformações da paisagem a partir da realidade do aluno, através de um fator que direta ou indiretamente interfere no seu modo de vida, como as transformações paisagísticas ocasionadas por uma hidrelétrica, permite com que o mesmo se sinta inserido no mundo, e nos debates geográficos que dizem respeito a sua realidade.

Compreender as transformações das paisagens locais, implica em compreender a dinâmica de sua cidade, a sua história, a base econômica, os principais pontos de destaque, bem como os principais desafios e dificuldades a serem superados.

É necessário que o ensino de Geografia adentre nos impactos das hidrelétricas para despertar o senso crítico dos estudantes em relação às transformações da paisagem, as ressignificações dos lugares, as novas dinâmicas sociais e aos processos de desterritorialização.

Salienta-se que da quantidade de estudos específicos sobre as temáticas das hidrelétricas, muitos referem-se apenas a estudos de casos, são necessários vínculos geográficos e também mais materiais pedagógicos e didáticos direcionados aos impactos das

UHE e principalmente como um apoio pedagógico as pessoas e principalmente estudantes amplamente afetados por elas.

Cada indivíduo possui uma percepção diferenciada sobre a barragem e seus efeitos. Esta diversidade está ligada a questões históricas, ao universo simbólico e à organização sócio-política local. As transformações resultantes desta reorganização socioespacial são o que fica latente e permanece vivo na memória coletiva, diante de um novo espaço. O tempo e a questão espacial são parâmetros fundamentais para a formação da percepção, sendo, neste sentido, dispositivos importantes para a definição das ações. (ESPÍNDOLA, 2009 p.143).

A temática das hidrelétricas é um ponto de debate em sala de aula, que pode ser melhor explorado, através de discussões sobre os impactos, os pontos positivos e negativos e também as possibilidades que tal empreendimento pode oferecer. Que desta maneira os estudantes aprendam a realizar leituras e interpretações da paisagem e passem a se questionar, sobre até que ponto são viáveis transformações paisagísticas, como a implantação de hidrelétricas, pois ao mesmo tempo em que suprem a necessidade de energia e facilitam os trabalhos, também acarretam inúmeros impactos irreversíveis à natureza, ao solo, a espécies animais e vegetais.

Através de temáticas referentes às hidrelétricas e as transformações paisagísticas, pensar sobre os usos e direitos da paisagem no presente e para as futuras gerações. Problematicar e buscar iniciativas que visem o desenvolvimento sustentável, a preservação ambiental e a manutenção da vida. Despertando o olhar geográfico, a percepção, através da educação ambiental, promover reflexões sobre o futuro da paisagem, e sobre formas de usufruir os recursos naturais sem comprometer o desenvolvimento pleno da vida e de futuras gerações.

### **3. REFERÊNCIAS TEÓRICOS: PAISAGEM- EMBASAMENTO FILOSÓFICO**

A filosofia é uma ciência complexa que prioriza o conhecimento, pois como a própria etimologia de sua palavra diz, refere-se ao: “amor pela sabedoria”. Ao estudar a paisagem por um viés filosófico, encontramos diversas argumentações, descrições e olhares sobre este ponto de estudo, que muito tem a contribuir com a Geografia e as análises espaciais paisagísticas, com trabalhos de vários autores de embasamento filosófico que abordam a paisagem em diversas dimensões e pontos de vista.

Partindo da perspectiva de que quanto mais sofisticada e tecnológica a natureza, mais desenvolvimento e progresso existiriam, indagamos sobre a possibilidade de o quê, ou quais elementos ainda podem ser considerados naturais na paisagem? Pois, “o natural tornou-se um problema, uma realidade inteiramente incerta, problemática” (SERRÃO, 2013, p.18).

Em relação à naturalidade da natureza, que por vezes acaba por ser representada na própria paisagem, alguns questionamentos são propostos, como: Até que ponto permanece viva a naturalidade da paisagem? Quais as possibilidades que a naturalidade da paisagem ainda oferece? O homem está contribuindo para a manutenção da naturalidade ou por vezes acaba por destruí-la?

Não tendo a natureza partes no espaço nem cortes no tempo, resta perceber como teria a consciência formado a noção de paisagem, uma vez que esta implica um recorte nesse todo omni-englobante para nele destacar algumas de suas partes, que no entanto apenas existem nesse mesmo momento que as percebe e aprende como “esta paisagem”. (SERRÃO, 2013, p.8)

Um ponto de partida para o debate é pensar na dialética Paisagem e Natureza e Homem e Natureza. No primeiro caso, ambas com concepções distintas, que por vezes encontram-se adoecidas pela ação humana, pelos impactos do consumo exagerado e do desperdício exuberante, que degradam suas formas e particularidades, em que cabe ao homem regenerá-las ou degradá-las ainda mais. No segundo caso, Homem e Natureza são vistos numa relação de dependência múltipla, de plena existência e a proliferação de vida, relação esta que deixa marcas na paisagem, positivas ou negativas conforme a ação humana.

“A experiência estética, enquanto atitude de reflexão e prazer, que capta as coisas como elas são e as conserva sem intervir no seu ser, prestando atenção à presença do que está próximo, detém um lugar privilegiado no conjunto das dimensões humanas”. (SERRÃO, 2013, p.21-22). Interpretar a paisagem significa tornar intensa a percepção, realizar a leitura do espaço, através de uma unidade que representa um todo, considerar a espacialidade e a

temporalidade dos elementos, distinguir paisagem de natureza, observando a naturalidade presente ou ausente em ambas, na dimensão do visível a partir das concepções do observador.

Os movimentos da natureza são expressos na paisagem, através da dinâmica de plantas e animais. A mobilidade da natureza que molda e transforma o espaço é o que, por ora, se confunde com paisagem. Espaço é paisagem passível à contemplação estética ou à própria crítica.

O ser humano é quem realiza as maiores intervenções paisagísticas, apenas um fragmento desta vitalidade infinita (ASSUNTO, 2013), que designamos de paisagem, que transforma, modifica e adapta-a aos seus objetivos e finalidades, substituindo os elementos da natureza, como os animais e a vegetação, por grandes construções, obras de engenharia, em que o natural é substituído pelo artificial.

Conforme Assunto (2013), por vezes, a paisagem se confunde com o espaço. Numa estreita relação de continuidade. Espaço geográfico é onde o ser humano habita, trabalha, interage e desenvolve as mais diversas atividades. Paisagem é a imagem do tempo circunscrito no espaço. Toda e qualquer paisagem, conforme ASSUNTO (2013), é espaço e também representação do espaço. E interpretar uma paisagem significa interpretar o espaço.

[...] A paisagem é o próprio espaço que se constitui como objeto de experiência e tema de um juízo no nosso caso a partir do momento que a questão da paisagem quer ser, e é, uma questão estética, paisagem é o espaço que se constitui em objeto de experiência estética, e tema de um juízo estético. (ASSUNTO, 2013, p.341).

A paisagem que possui suas particularidades e funcionalidades, presentes no acelerado ritmo de uma metrópole, na extensa urbanização e industrialização, ou então pelo verde e vasto de uma mata fechada, representa a existência de uma forma de organização espacial, temporal, um movimento da esfera da vida.

[...] O céu é espaço, mesmo do ponto de vista estético, mas ao qual ninguém arriscaria chamar de paisagem-poderemos com segurança afirmar que nem todo espaço é paisagem e que a paisagem é espaço, embora não apenas espaço, pois o conceito de paisagem inclui notas que não são próprias do conceito de espaço enquanto tal. (ASSUNTO, 2013, p.344).

É preciso questionar sobre a paisagem e indagar sobre as suas profundas transformações que impactam o espaço geográfico. Ao longo do tempo, as mais profundas transformações que a humanidade realizou na imagem da paisagem, as primeiras civilizações, o descobrimento das primeiras técnicas, o desenvolvimento da agricultura em que povos nômades tornam-se sedentários, as primeiras formas de comércio, a organização de



comunidades em volta de rios, o descobrimento do fogo, a organização das primeiras formas de governo, o surgimento das grandes navegações, a invenção da roda, o conhecimento do universo, dos continentes, invenções que transformaram a vida como as telecomunicações e atualmente o “meio técnico científico informacional” como afirma Santos (2002), em que o mundo passa a estar conectado através das redes, em que até a cultura passa a ser um objeto da tecnologia. O intenso processo de industrialização e urbanização acarretam no inchaço das grandes cidades, no processo de favelamento, em que surgem uma série de problemas urbanos pela falta de planejamento como: o trânsito caótico, a mobilidade urbana limitada, problemas de ordem social, econômica e ambiental e a profunda desigualdade social. (MARICATO, 2008).

A transformação da paisagem, em que o rural cede espaço ao urbano, as matas e florestas são substituídas por grandes indústrias e centros comerciais, os verdes campos são substituídos pelo abrasivo asfalto, que nos faz acreditar que quanto mais a paisagem for composta pelo artificial, mais perto estará o progresso e o pleno desenvolvimento. É preciso ir além da crença.

Será possível imaginar a existência sem a paisagem? Ser humano também significa ser paisagem, viver a paisagem, sentir a paisagem, interagir, interferir, modificar e transformar, ser o próprio elemento de sua composição e também de sua transformação.

E quais as possibilidades que a paisagem oferece ao humano, seja em sua contemplação, como produto de consumo, como por exemplo, os pontos turísticos, ou em sua mais simplória manifestação, no despertar de cada amanhecer, no interagir diariamente, nos fluxos dos centros urbanos, na fusão natureza e sociedade, englobando as diferentes escalas e impactando na produção do espaço. A paisagem é a dimensão em que passado e presente se chocam, abrindo possibilidades ao futuro e permanecendo nas memórias, nas histórias de vida de uma população.

O intenso processo de globalização está produzindo inúmeras modificações no espaço, e na natureza, pois esta também é espaço, e imagem e interpretação do espaço. Tantos avanços científicos trouxeram inúmeras facilidades à vida humana, porém ocasionaram grandes preocupações ambientais. Ao tornar a paisagem cada vez mais artificializada, será que o ser humano estará se autodestruindo (?) Pois, apesar de invenções fantásticas ainda é a biosfera, a esfera da vida, em que o ser humano necessita dos componentes básicos para sua sobrevivência como: água, oxigênio, luz, solo, temperatura adequada para o pleno

funcionamento do organismo.

Transformar a paisagem significa modificar lugares, alterar dinâmicas, movimentos e fenômenos da natureza. Paisagem é vida. Vida em transformação, na floresta, ao desabrochar de uma flor, ao cair de um fruto, no rio que corre, no pássaro que gorjeia ou nas pessoas que, no cotidiano da cidade, deslocam-se de um lado para o outro, aí está presente a vida, a imagem e consequentemente a paisagem.

Sendo assim, fazer uma Geografia a partir da inserção da fotografia nos estudos geográficos torna possível uma leitura de mundo carregada de elementos impactantes para a educação geográfica, pois oportuniza ao aluno ler, decifrar e interpretar paisagens para compreender o lugar em que vive, em diversas escalas de análise. (HAGAT, 2017, p.19).

A paisagem é um meio de investigação e busca de informação. Investigação social e investigação sobre a natureza, e a hibridação do natural com o social. As dinâmicas paisagísticas, compreendidas além da observação momentânea e a contemplação, mas como fonte de estudo sobre determinado objeto ou fenômeno biológico, físico, químico e geográfico. Em que por meio da observação da natureza o ser humano desvenda a ordem natural e social do mundo. Para Ritter (2013, p.101):

[...] O que está para além do espaço assim confinado permanece o estranho; não há qualquer razão para se ir ao encontro da natureza “livre” e entregar-se-lhe contemplativamente. Daqui que a paisagem só se torne natureza para aquele que “vai até” (transcensus) ela, a fim de participar “lá fora”, em livre contemplação fruidora, na própria natureza que enquanto tal se torna presente como o todo. (RITTER, 2013, p.101)

A vista para o horizonte se torna paisagem, através da sensibilidade, da percepção e interação do observador com o ponto a ser contemplado pelo olhar. A paisagem é uma forma de estimulação para o mundo, para seus contextos e realidades, através das forças da natureza. “[...] a natureza enquanto paisagem se torna presente, não no conceito, mas no sentimento estético, não na ciência, mas na poesia e na arte, não no transcensus do conceito, mas no transcensus como encontro frutivo na natureza?” (RITTER, 2013, p.105)

A natureza é representada pelo homem, a representação de suas formas, como é sentida, apropriada e habitada. A maneira com que é dada ênfase e importância aos recursos naturais, à gestão ambiental e aos problemas socioambientais. “Quando o céu e a terra da existência humana já não são sabidos nem são ditos no mundo da ciência, como no mundo antigo o eram no conceito de filosofia, a poesia e a arte assumem a tarefa de os mediar esteticamente enquanto paisagem” ( RITTER, 2013,p.112).

A natureza enquanto paisagem não deve ser compreendida isoladamente no mundo moderno, mas através das representações artísticas, da arte, da poesia, da ciência, na sua dimensão estética e simbólica, expressando a relação da sociedade com a natureza. A poesia, a ciência e arte são diferentes meios de abordagem de temáticas paisagísticas para com a intervenção na realidade. É necessário a sociedade articular as representações artísticas, culturais, os estudos científicos, acadêmicos, a publicidade, a mídia e meios de comunicação à interação da sociedade com a natureza, com o intuito de promover a formação da cidadania, da consciência ética ambiental, e dos direitos de uso da paisagem.

Conforme Ritter (2013) a cidade trouxe a perda da tranquilidade da natureza, da simples contemplação das estrelas, e ao mesmo tempo, que libertou o homem, também o torna prisioneiro de uma imensa selva de concreto. A perda da tranquilidade da natureza implica na fantasiosa liberdade do homem, que deixa de ser escravo da natureza para ser seu legislador. O ser humano não deve ser visto como escravo ou como manipulador da natureza, mas como elemento integrante da paisagem e da vida social, preocupado com o futuro, com a gestão dos recursos, com o uso da terra, dos espaços públicos, dos direitos essenciais à vida e às próximas gerações.

A natureza que pertence à vida terrena do homem enquanto céu e terra torna-se esteticamente, na forma da paisagem, no próprio conteúdo desta liberdade cuja existência tem por condição a sociedade e o seu domínio sobre a natureza subjugada e reduzida a objeto. (RITTER, 2013, p.119).

É na linha do horizonte, no ponto de articulação que liga o céu a terra, que se expressa o desenrolar da vida, o desenvolvimento de espécies animais, vegetais, a dinâmica e complexa interação de diversos seres, de múltiplos atores sociais, seja na densa e fechada floresta, em que a natureza livre demonstra seus arranjos ou no asfalto quente, rodeado por um paredão de construções e prédios que se expressa a existência, a singularidade de elementos que compõem e dinamizam a paisagem.

Os conceitos geográficos são ferramentas estruturantes no estudo e análise dos fenômenos espaciais, em que muitas vezes estas categorias se complementam e por equívoco até mesmo se confundem. Mas cada qual possui suas características essenciais na descrição e abordagem da ciência geográfica.

O autor Rosário Assunto (2013) esclarece os conceitos de território, ambiente e paisagem. O território como um conceito espacial, dotado de valor quase que exclusivamente

quantitativo. A extensão da superfície terrestre delimitada por barreiras físicas, político-administrativas ou histórico-tradicionais.

Assunto (2013, p.125) aborda: "[...] o território como matéria (espacial, quantitativa e extensiva); o ambiente, na dupla acepção biológica e histórico-cultural, como conteúdo; e a paisagem como forma na qual se exprime a unidade sintética a priori da matéria (território) e do conteúdo-ou-função(ambiente)" (ASSUNTO, 2013, p.125)

As categorias analíticas e históricas de espaço e tempo são primordiais aos estudos e descobertas humanas. O espaço é quase impossível de ser estudado sem a categoria tempo, aliando-se assim a história do tempo, das memórias, com o espaço e a localização.

O ambiente é tratado em duas dimensões: a biológica e a histórico cultural. Biológica, através das características físicas, geológicas e geomorfológicas. Histórico-cultural na perspectiva dos costumes, das tradições e das atividades econômicas desenvolvidas. Assunto (2013) defende a afirmação de que não existe ambiente sem território. "Diremos, portanto que "ambiente" é mais que "território", sendo ambiente o território qualificado biológica, histórica e culturalmente" (ASSUNTO, 2013, p. 128).

No ambiente existe o território acrescido da vida, da história, da cultura: e por isso "ambiente" e "território" não são conceitos por assim dizer intermutáveis; no que diz respeito ao ambiente, o território é a matéria prima, enquanto o ambiente é o território tal como a natureza e o homem o organizaram em função da vida. Querendo, podemos dizer que ambiente é "o território vivo para o homem e vivido pelo homem", enquanto o território pode ser pensado, estudado e manipulado enquanto tal mesmo que se faça a abstração da vida que "nele vive e do homem que vive esta vida". Resta, no entanto, ver sob que relação o conceito de ambiente (incluindo nele o território) se encontra no que diz respeito ao conceito de "paisagem". (ASSUNTO, 2013, p.128).

Ambos o território e o ambiente integram a concretude e a abstração da paisagem em sua unidade, o território é modelado pelo ambiente. O ambiente da maneira com que vivemos, através de suas formas e cores expressa a dimensão da paisagem. Portanto é a partir da paisagem que devemos agir para intervir no ambiente e também no território.

O mundo visto através da categoria ambiente é entendido como uma unidade orgânica, em que a paisagem é a linha para o estudo da relação do homem com a extensão terrestre. Em que existe, a interferência da presença do homem, sobre a Terra, num atual contexto de conflitos entre as civilizações, e de constantes crises ecológica, social e política.

É através do corpo, da apropriação da superfície terrestre, por meio do corpo que é moldado o padrão de mundo e ambiente. Cada vez mais, o homem se apropria dos espaços

ainda desconhecidos da Terra, e muito além do universo, dos planetas. O corpo é a apropriação da natureza, da paisagem, do ambiente que dá sentidos à vida e provoca sensações.

É comum a grande preocupação das ciências da natureza, com a noção de paisagem e a preservação dos objetos e sujeitos que a compõem, traduzida por fontes midiáticas e demais meios de informação.

Esta desmesura traduz-se nos nossos dias num paradoxo cada vez mais insuportável: servindo o homem, a tecnologia contemporânea subjuga-o. As redes de comunicação, por exemplo, libertando-o cada vez mais dos constrangimentos da extensão e do peso das coisas, massacram, por sua vez, as paisagens que ele ama e exercem para com elas a “tirania do tempo real”. (BERQUE, 2013, p.191)

Vivemos um momento de crise, em que a modernidade gerou a falta de sentidos nos pequenos detalhes da vida, da história e até mesmo de um futuro próspero. Em que viver a natureza, sentir o ambiente, dar-se conta da vida, e dos seus pequenos detalhes, que a tornam importante e única, está cada vez mais difícil, embora a tecnologia tenha facilitado os trabalhos, estamos cada vez mais cansados, absorvidos por uma profunda nostalgia e apatia, que nos torna seres deprimidos perante as inúmeras descobertas e novidades do século XXI.

A ecologia é a ciência preocupada com o ambiente mundo, com o funcionamento dos ecossistemas, e as dinâmicas das paisagens. “A ecologia não é o simbólico, e o ambiente não é a paisagem, ainda que a paisagem suponha o ambiente e que os símbolos de que é portadora existam não menos nos ecossistemas do que no nosso imaginário” (BERQUE, 2013, p.192).

O estudo da paisagem e de suas características físicas, biológicas, químicas, sociais, econômicas e geográficas deve ser um fator fundamental na gestão dos territórios, na maneira de absorver as potencialidades da paisagem, porém respeitando suas limitações. E a combinação do universal com o singular na trajetória do ambiente. Bem como as correspondências do ser humano com a superfície terrestre, na construção de espaços físicos, no conhecimento e exploração dos ecossistemas.

Berque (2013) afirma que o homem sempre sentiu a necessidade de estabelecer limites, como uma forma de significar o mundo e os lugares. Na atual crise contemporânea, esta necessidade fica mais evidente, através das limitações da organização humana sobre a extensão terrestre.

A paisagem deve ser estudada através de suas entidades relacionais, por meio da percepção humana, nos seus recursos, seus problemas, seus riscos, seus atrativos, para o bem

comum da humanidade, sem prejudicar a natureza que a comporta, garantindo desta forma a contínua habitualidade da terra, e condições de vida favoráveis às próximas gerações.

É a paisagem que reflete a atuação humana com a extensão terrestre, com a superfície da existência, a essência da sociedade e da vida coletiva. Portanto é através da observação profunda das paisagens, que pensamos em melhores gestões sobre ela, em gerir melhor a Terra e seus espaços habitáveis, diminuindo desigualdades e visando o bem comum das sociedades.

Com a modernidade surgem as preocupações sobre a paisagem, ao passo em que há a contradição de ser a intensa fase de destruição das paisagens. “[...] a paisagem é uma relação particular com o ambiente, que apareceu em condições específicas e que, portanto não se pode aplicar a todas as épocas nem a todas as culturas” (BERQUE, 2013, p.201).

E existem as paisagens que não estão disponíveis às massas, mas apenas às classes mais privilegiadas, como por exemplo, o consumo das paisagens, realizado muitas vezes pela mídia e empresas turísticas, de que apenas poucos têm a oportunidade de conhecer. As classes privilegiadas que percebem o belo e o estético das paisagens, e as classes menos favorecidas que observam as funcionalidade e utilidades da paisagem do seu dia a dia, do seu trabalho.

“A paisagem nasceu assim sob o signo de otium: o ócio daqueles que não trabalham a terra, ou seja, que não transformam a natureza pelas suas mãos.” (BERQUE, 2013, p. 205). É mais comum associar a noção de paisagem à natureza, do que a cidade ou áreas urbanas.

O ser humano precisa dar mais relevância e ser crítico diante desses problemas aos usos das paisagens e à destruição e até mesmo a morte de inúmeras paisagens, seja pela construção de uma imensa selva de concreto que não permite a visibilidade da paisagem, ou por meio da poluição visual e sonora.

É necessário que as mais diversas ciências, preocupadas com os problemas atuais, se aliem, utilizando suas variadas técnicas, no estudo do passado, do presente e do provável futuro da paisagem na sociedade contemporânea. Em que a espécie humana como formadora e modeladora do mundo investiga os problemas atuais e une seus conhecimentos em favor da superação dos desafios globais que afetam a todos em maior ou menor proporção.

É através da vida, da trajetória humana, por meio dos sentidos que o homem atribui significados sobre o ambiente para com a sua existência. A paisagem é a realidade da vivência do homem, da sua forma de habitar, trabalhar e produzir.

O próprio pensamento da paisagem participa desta descosmicização, que fez da paisagem um objeto fetiche, abstraído da sua mediância, e que nos nossos dias é tratado como mercadoria. É em busca justamente dessa mercadoria que alastra o urbano difuso, destruindo o ambiente e matando a paisagem. (BERQUE, 2013,p.212).

A paisagem muitas vezes é vendida pela indústria cultural e turística, fundamentando um capitalismo das paisagens, em que apenas algumas classes sociais melhor favorecidas têm condições de conhecer. Assim, o direito a paisagem passa a ser apenas privilégio de alguns, enquanto a grande maioria apenas as conhece através da mídia, sem realmente desvendar a sua verdadeira essência, realidade e contexto.

Portanto para que o ser humano deixe de destruir, matar e massacrar as paisagens é necessário a formação de uma consciência crítica que nos liberte da loucura do sistema capitalista, que passemos a consumir de maneira consciente, sem exageros, sem desperdícios, sem precisar degradar a natureza, que passemos a nos preocupar com a dor e o sofrimento do próximo, buscando minimizar as profundas desigualdades sociais, e que tenhamos em mente que a extinção das paisagens também é a aceleração da própria morte da espécie humana.

Michel Corajud (2013) destaca o papel das intervenções nos espaços públicos, o poder da intervenção humana, na observação da realidade concreta, nas condições geográficas paisagísticas, na comparação de dados físicos, biológicos, nos indícios estruturais e na identidade evolutiva da paisagem.

Existe uma relação vital entre os componentes da paisagem, que rege a dinâmica da vida, das interações das populações presentes na paisagem. A linha do horizonte é o ponto de encontro da proliferação da vida no espaço. O horizonte, que vai muito além, de onde os olhos alcançam, sendo a paisagem a dimensão da linha do horizonte, que a conecta e relaciona com diversas paisagens, lançadas pelo horizonte do observador. Cada uma, dotada de configurações singulares próprias e específicas.

“Com esta agitação de superfície a terra protege a sua integridade profunda, amorfa e tece com o céu, ao separar-se dele, uma epiderme comum, o solo que tem pra nós todos os aspectos das fases transitórias nos seus diferentes estados de equilíbrio.” (CORAJOUD, 1937, p.215)

A intervenção humana produz efeitos no horizonte da paisagem, seja no vasto campo de uma plantação, ou na enorme selva de concreto das cidades. Existe uma relação e conexão entre as paisagens de diferentes escalas e contextos, com diferentes populações, elementos, construções e culturas que demonstram a diversidade global e a essencialidade dos recursos naturais necessários à sobrevivência.

É na linha do horizonte que está presente o solo, que permite a propagação da vida vegetal, animal, o desenvolvimento celular, as funções de matéria e energia, a circulação de moléculas e átomos, vírus e bactérias. Também, é nesta dimensão que são realizadas as atividades vitais, o trabalho, o lazer, o desenvolvimento artístico e cultural.

Michel Corajoud (2013, p.215) defende a seguinte afirmação “A paisagem é o lugar onde o céu e a terra se tocam” (CORAJOUD, 2013, p.215). Esta afirmação apesar de ser de embasamento filosófico, possui uma reflexão geográfica, pois “o lugar onde o céu e a terra se tocam”, é a superfície, o espaço geográfico, a linha do horizonte em que acontecem as dinâmicas da vida, as relações e o desenvolvimento das atividades humanas que moldam e transformam paisagens. Em que a paisagem de conjunto é formada pela diversidade dos elementos dispersos entre a terra e o céu. Está presente aí, a dificuldade de se fracionar uma paisagem, pois ela possui sua dinâmica em que tudo se integra.

Não é a singularidade de um elemento, como uma árvore, que faz a paisagem, mas a composição e justaposição de elementos, uma árvore, um riacho, com os pássaros voando, com o sol escaldante que faz com que se torne paisagem. Não é a singularidade, mas a multiplicidade de elementos dinâmicos que forma a paisagem.

As paisagens possuem diferentes realidades, em que são necessárias explorações profundas para desvendar suas características presentes, passadas e suas tendências futuras. Não é através de uma observação momentânea que estamos realizando estudos sobre a paisagem, mas por meio de diversas observações, leituras e interpretações sobre determinado fragmento do espaço, e sua articulação com demais espaços e paisagens que a estamos descobrindo.

“A paisagem é inesgotável no sentido em que oferece uma multidão de indícios que nos indicam o que ela é, o que ela era e o que pode se tornar” (CORAJOUD, 2013, p.217). Olhar para o horizonte, pensar no passado da paisagem, na organização da sociedade até tornar-se o que é hoje, e a partir de alguns fragmentos, de alguns traços impressos no vasto do



horizonte, pensar sobre o seu futuro, suas futuras transformações, e demandas a serem impostas pela sociedade.

A paisagem é uma fonte interminável para a abordagem dos mais diversos e complexos fenômenos, processos e relações, uma fonte de estudo que aguça e desperta o mundo visível, presente diante de nossos olhos, e aberto a nossas sensações, desejos e projetos. Uma base, que pode ser melhor explorada, por diversos profissionais, como engenheiros, arquitetos, urbanistas, designs, mas principalmente pelo geógrafo e professor de geografia, como uma porta de entrada para o entender o mundo.

“Com efeito, na própria carne da paisagem imprimem-se e perduram todos os estigmas do passado. A paisagem é uma memória e eu posso interrogá-la. “(CORAJUD, 2013, p.217)”. A paisagem também é uma linha de inquietudes, questionamentos, dúvidas em relação à história, a disseminação da cultura, aos avanços tecnológicos e principalmente ao desenvolvimento humano, pois junto a ele surgiram cada vez mais transformações paisagísticas.

A paisagem é uma expressão cultural viva e impressa no território e no horizonte, a história contada e sentida através do olhar e da percepção. Em que percebe-se o trabalho e as transformações de gerações, uma contemporaneidade, um acúmulo de tempos, histórias e pensamentos.

É necessário, prestar atenção nos estados-limites, nas franjas paisagísticas, nas suas justaposições e aglomerados. Nas franjas periféricas da paisagem, às quais muitos não dão a devida importância e consideração, como, as paisagens escondidas e menos privilegiadas dos grandes centros urbanos. Ou, então, as paisagens para as quais fechamos os olhos, ou então naquelas em que passamos distraídos, conectados com o celular na mão, com o fone de ouvido na música preferida e não nos damos conta, na paisagem que nos mostra vidas sofridas, uma vegetação destruída, ou um rio poluído. Elementos paisagísticos, estes, que vimos com frequência, que trazem problemas, mas simplesmente olhamos e seguimos adiante, ninguém faz nada para mudar, mas esta paisagem de dor continua lá...

Corajoud (2013, p.219) cita a noção de paisagem urbana afirmando que:

É preciso alcançar os limites exteriores da cidade, reencontrar o horizonte e a materialidade do mundo para que a ideia manifesta de paisagem seja sentida. Por vezes, é verdade, a paisagem entra na cidade; quando a malha se alarga e o céu desce nela: a passagem do rio é disso o exemplo fecundo. (CORAJUD, 2013, p. 219).

Muitas são as realidades paisagísticas presentes em uma grande cidade, uma paisagem composta de extremos, de contrastes, de grandes diferenças artísticas, culturais, religiosas e sociais. Revelando desta maneira, vidas diferentes, espaços opostos, uma divergência política, ideológica e econômica.

Corajoud (2013) também destaca as paisagens do campo

Em primeiro lugar, porque parece efetivamente ser na experiência da paisagem feita, arquitetada, pelo homem que nos são dadas todas as formas de conhecimento acerca da natureza; esta, sem dúvida, nunca teria significado nada para nós se não tivéssemos agido sobre ela. Mas, sobretudo, porque as alianças formais dessas paisagens dizem muito sobre as interdependências que mantêm o homem e o mundo em estreita coabitação. Dão testemunho, em leitura direta, da soma dos esforços que foram necessários para o cultivo de um território que a isso se recusava... as astúcias...as audácias. Todos estes contornos traduzem o próprio corpo do camponês nas disputas com essa terra que lhe impôs limiares insuperáveis.” (CORAJOUD, 2013, p.220)

Corajoud (2013) destaca o campo como a categoria paisagem, em que o trabalho é visualmente circunscrito, na dinâmica das realizações, da produção e na história das gerações que fazem o uso da terra. O campo, organizado conforme os domínios da natureza, a naturalização do campo, dotada de significados sociais que constroem uma paisagem histórica, que reflete a história do homem que a habita. A paisagem do campo como a ordem das necessidades, as áreas de cultivo, a produção agrícola, as formações vegetais, os recursos a serem retirados da terra que revelam as condições de existência de um povo. É necessário considerar a profundidade da paisagem, como imagem histórica e meio de produção.

O que para mim permanece real, é que ao olhar para as paisagens da natureza e para as paisagens históricas ainda posso fazer a síntese das suas diferentes transições; sou capaz de assumir a dispersão dos dados sensíveis e manter o encadeamento das coisas. E se as paisagens garantem as minhas intenções, é porque me concernem e encontro em mim o complemento daquilo que olho. Sendo a nossa relação com o mundo sempre mediatizada pelo corpo, posso sentir e retomar por minha conta o sentido da sua montagem e aprender, no meu próprio corpo, a sua dinâmica de realização. Tinha, até esse dia, sentido e bom senso suficientes para compreender, ao olhar simplesmente para umas paisagens, o que se urdira sobre essa terra! Mesmo se eu não pertencesse a um tal local, era capaz de penetrar na sua estrutura, isto é, compreender o conjunto das disposições visíveis no espaço e a articulação das partes. Ainda que estranha, depressa a paisagem se me tornava familiar, pois compunha um território aberto às minhas investigações. (CORAJOUD, 2013, p.222).

A paisagem contemporânea é marcada por suas descontinuidades, pela perda da territorialidade, pela libertação da realidade sensível. A paisagem como o extravasamento das coisas sobre o horizonte, por meio da percepção e seus afloramentos dinâmicos. As imagens que transmitem esse extravasamento, manipulam as paisagens, transmitindo mensagens intencionais, ocultando evidências, mostrando apenas o que é conveniente e convincente a ser

visto. A apropriação paisagística realizada pelo corpo, pelos seus sentidos em que é necessário esforçar-se ao máximo, para não passar por despercebido as nuances, os gritos das paisagens.

É necessário prolongar a percepção, os olhares sobre a paisagem para entender seus mistérios e a sua dimensão física, biológica, histórica e geográfica. Vivemos um contexto de crises, crise esta de tempo, do espaço dos próprios fatos da realidade, vivemos alienados sem compreender o que se passa a nossa volta e sem fazer nada para mudar e transformar.

### 3.1. PAISAGEM EMBASAMENTO GEOGRÁFICO

A paisagem também pode apreendida para além dos limites visuais, pois é dotada de significados e sentidos, em que dela são pertencentes os aromas, sabores, sentidos e percepções, ligada à particularidade do indivíduo. “A paisagem como a expressão materializada das relações do homem com a natureza num espaço circunscrito” (SUERTEGARAY, 2001, p.5). A paisagem é algo que se cria e se transforma, renova-se, formada por objetos de distintas histórias e identidades.

Neste sentido, a paisagem pode ser analisada como a materialização das condições sociais de existência diacrônica e sincronicamente. Nela poderão persistir elementos naturais, embora já transfigurados (ou natureza artificializada). O conceito de paisagem privilegia a coexistência de objetos e ações sociais na sua face econômica e cultural manifesta. (SUERTEGARAY, 2001, p.6).

A paisagem pode ser caracterizada como o resultado concreto de todas as dinâmicas, processos, fenômenos e relações de ordem natural, artificial, histórica, cultural e social, que ocorreram em determinada porção do espaço. A partir de uma perspectiva mais voltada para as pessoas e suas subjetividades, também pode-se pensar que as paisagens carregam sonhos, sentimentos, que contam histórias das cidades, da sua construção, seus problemas, e seus avanços.

Cada paisagem é uma amálgama única que envolve componentes globais humanos e naturais, mas que em cada lugar se apresenta de forma específica. Pode-se ter os mesmos elementos em distintos locais, mas a combinação destes será sempre peculiar. As relações entre os elementos e as ações do cotidiano e lugar, criam combinações únicas em cada local que podem ser percebidas na paisagem. (ANDREIS, 2012, p.82).

A Geografia como uma ciência preocupada com as interações entre homem e meio, sociedade e natureza, tem como um dos seus conceitos discursivos e categoria de análise, a paisagem. Pois, na paisagem, estão presentes os elementos necessários à compreensão do espaço geográfico. O conceito de paisagem vem sendo estudado pela Geografia desde o século XIX na sua consolidação enquanto ciência, com enfoque na descrição das paisagens, no relato das navegações, posteriormente nos discursos referentes aos debates sociais,

culturais e, sobretudo, ambientais.

A paisagem resulta da materialização das interações humanas, das dinâmicas que regem o espaço geográfico e também a vida, possuindo um sentido simbólico, sendo fruto da apropriação e modificação da natureza pelo ser humano, sofrendo profundas transformações, devido às atribuições que lhe são conferidas pela sociedade. Portanto, a paisagem é híbrida, fruto das interações homem e meio em que passa a ser dominada pela técnica, pelas redes e pelo “meio-técnico-científico-informacional” (SANTOS,2002). Na sociedade contemporânea, a Geografia entende a paisagem como a composição formada pela natureza, sociedade e técnica, tornando-a híbrida, com uma mescla de elementos humanos e tecnificados que compõem os fragmentos do espaço.

Conforme a Carta Brasileira da Paisagem (2012):

A paisagem compreende a combinação do ambiente abiótico, biótico e sócio-cultural como ambiente material que está atrelado ao componente imaterial expresso pela capacidade da percepção humana que dá significado e sentido estético. Portanto, a espécie humana é a única capaz de reconhecer na natureza e em suas obras antrópicas, a paisagem em seu sentido pleno. (CARTA BRASILEIRA DA PAISAGEM, 2012, p.2).

O estudo sobre a geograficidade da paisagem toma um novo rumo, através de avaliações ambientais e estéticas, a percepção vem destacando a vivência da cultura de quem interage, construindo-a, interpretando-a, tornando-a um fruto cultural do meio ambiente e da ação humana. O modo como o homem nela interage, usufrui e interfere, diz respeito à problemática ambiental, em que manifestações culturais imprimem traços e transformações à paisagem contemporânea, em que é realizada a distinção entre paisagem natural e paisagem cultural.

Assim, a paisagem aparece como um lugar simbólico. É agora a maneira de ver, compor e harmonizar o mundo que a torna importante. Assim, a paisagem se faz através da criação de uma unidade visual onde o seu caráter é determinado pela organização de um sistema de significação. O local é, então, complexo, com múltiplos patamares de significados. (SCHIER, 2003, p.84).

A paisagem é uma representação histórica e geográfica, composta por diversos elementos, com diferentes escalas e temporalidades. Podendo ser entendida, através de duas abordagens, a naturalista, que concebe a paisagem como resultado da ação antrópica, retratando somente os impactos do homem na natureza. Ou a paisagem como o resultado da sociedade e de todas as suas dinâmicas consideradas em sua complexidade, diferentemente da abordagem através da chamada ação antrópica. Preferimos esta abordagem, por acreditarmos que o ser humano, como ser racional, gera impactos mais abrangentes e significativos na paisagem, sendo capaz de desenvolver a percepção e até mesmo vínculos afetivos com a

paisagem, o que o diferencia de outros animais, e o faz o principal modelador e transformador de seus elementos.

Mas, perguntaremos ainda, que lei determina esta selecção e esta composição? Pois o que porventura abrangemos com um olhar ou dentro do nosso horizonte momentâneo não é ainda a paisagem, mas, quando muito, o material para ela - tal como um montão de livros, postos uns ao lado dos outros, ainda não é uma "biblioteca"; pelo contrário, eles só se tornam tal, sem acrescentar ou retirar algum, quando um certo conceito unificador os abarca e lhes dá uma forma. Só que a fórmula inconscientemente activa, que engendra a paisagem enquanto tal, não se apresentará de modo tão simples, e até talvez se não deva, em princípio, apresentar. O material da paisagem, tal como a simples natureza o fornece, é tão infindamente variado, tão mutável de caso para caso que os pontos de vista e as formas, que aglutinam estes elementos naquela unidade de impressão, serão igualmente muito variáveis. (SIMMEL, 2009, p. 8).

A paisagem é a representação da composição entre as relações estabelecidas no tempo e no espaço, em constante transformação, em que a espécie humana é a principal modeladora e transformadora de suas configurações. E a cultura como uma produção humana, atrelada na preservação das histórias e memórias, por meio da conservação das paisagens. As manifestações culturais impressas nas paisagens revelam marcas, significados, a materialização de pensamentos e concepções, angústias e anseios, sonhos e perspectivas.

Bertrand (2004) faz referência à delimitação das paisagens, através da perspectiva da Geografia física, em que é necessário estudar suas descontinuidades, relacionando a noção de paisagem global com as relações entre os fenômenos geográficos mundiais por meio de uma composição escalar elencada em seis níveis espaço-temporais: zona, domínio, região, geossistema, geofácies e geótopos. Assim, a paisagem é estudada como um complexo sistema global, em que sua evolução depende de diversos agentes e processos naturais e resultantes da ação da sociedade.

Na visão da Geografia física global, sugerida por Bertrand (2004), a paisagem seria concebida pelo “geossistema, o geofácies e o geótopo” “O geossistema como unidade dimensional que varia entre alguns Km<sup>2</sup> e algumas centenas de Km<sup>2</sup>, englobando fenômenos de maior escala que interferem na paisagem, elencando relevo e clima, fatores biogeográficos, e ecológicos.” “O geofácies corresponde a um setor fisionomicamente homogêneo, onde se desenvolve uma mesma fase de evolução geral do geossistema, com algumas centenas de km<sup>2</sup> em média”. E o geótopo como a menor unidade geográfica homogênea diretamente discernível no terreno” (BERTRAND, 2004, p.147-148). Nos finais dos anos 1960, Bertrand (2004) procurava uma abordagem integrada dentro da própria Geografia física. Nos anos 90, Bertrand propõe um entendimento da paisagem a partir das relações entre Geossistema e Território. Portanto, o entendimento da paisagem saiu de uma perspectiva exclusivamente

naturalista e passou para uma perspectiva mais abrangente, considerando a entrada econômica, política e cultural. Bertrand (2004) defende a perspectiva da Geografia física, retratando a paisagem através das espacialidades, temporalidades e as escalas, levando em consideração os fatores climáticos, ecológicos e biogeográficos numa conexão global.

Milton Santos define a paisagem como uma dimensão da percepção e dos sentidos, realizando a distinção entre a paisagem artificial e a paisagem natural. “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (SANTOS, 1998, p.21).

A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele, todavia, é objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas. Tudo hoje se situa no campo de interesse da história, sendo, desse modo, social. (SANTOS, 1998, p.23).

O ser humano se apropria da natureza, de suas formas, frações e cores, interage sobre o espaço geográfico e através do trabalho e da cultura, molda as paisagens conforme suas ambições. Gerando mutações e transformações que a fazem dinâmica e única em sua essencialidade e totalidade global.

A paisagem é sim o plano do visual como defendida por Milton Santos, é o que a vista alcança, porém é muito mais do que a vista alcança e nem tudo que a vista alcança. A paisagem não pode ser tudo o que a vista alcança porque nem tudo o que a vista alcança é paisagem: a parede, a árvore, a folha, a flor. Pois, a paisagem refere-se a elementos externos, a composição, e uma parede, um muro, uma árvore não pode ser considerada paisagem, mas um elemento da paisagem, lembrando que não existe paisagem em ambientes internos, apenas suas representações. A essência da paisagem está presente na composição e na multiplicidade dos elementos.

A ciência geográfica possui seus conceitos estruturantes, seus alicerces na realização de análises sobre o espaço geográfico: a paisagem, o lugar, o território, região e as redes, categorias estas que constituem a identidade da Geografia. Sendo a paisagem, um conceito complexo que acompanhou a estruturação e esquematização da Geografia a partir das descrições de Humboldt, e sofreu modificações ao longo da história do pensamento geográfico através da influência das diferentes escolas e correntes geográficas, que sugerem

complexas e diferentes conceituações levando em consideração o contexto histórico e cultural.

Na Geografia tradicional é dada repercussão aos conceitos de paisagem, região natural, região paisagem, paisagem cultural, gênero de vida e diferenciação de área. Para Alexander Von Humboldt a paisagem era a forma de ciência que alia as informações com as representações expressando a interação e a complexidade do mundo. A representação das formas, a observação da vegetação, da realidade, dos fatores climáticos e morfológicos. A observação da realidade expressa na paisagem que interessa a Geografia. Iniciaram-se então os estudos com a interação natureza-sociedade-paisagem

Segundo Britto e Ferreira (2011), nos anos 60 era acentuada a dicotomia entre a Geografia física, que seguia duas vertentes, a que estudava os componentes materiais e a Geografia física do estudo das paisagens e geossistemas, porém que apresentava defasagens na abordagem de tais temas. E a Geografia Econômica Humana que diferenciava a noção de paisagem a de geossistema. Porém, não atendia as demandas da época, em que a questão ambiental exigia respostas da Geografia sobre a interação natureza-sociedade.

Nos anos 80 foi dada a ênfase para temas referentes à ecologia das paisagens: “A paisagem como a expressão espacial dos ecossistemas e um complexo, padrão ou mosaico de ecótopos, ou seja, um mosaico de ecossistemas concretos (BRITTO; FERREIRA, 2011, p.5). Estavam presentes as preocupações com as paisagens naturais, com a biodiversidade e os recursos naturais em diferentes níveis de escala.

Devido a tais preocupações, a Geografia física das paisagens passou a ser chamada de geoecologia ou ecogeografia. Com estudos voltados ao relevo, à geomorfologia e às unidades ecodinâmicas e aos meios morfodinâmicos.

Segundo Britto e Ferreira (2011) Bertrand (2007, p.275-299) defende a proposta metodológica do GTP (Geossistema- Território- Paisagem), como forma de análise do sistema composto pela complexidade das relações naturais e sociais- sociedade e ambiente e em escala global. Através de três categorias: tempo do geossistema, tempo do território e tempo da paisagem.

-Tempo do geossistema: refere-se à natureza antropizada, aos seus ritmos, às características biológicas, físicas e químicas.

-Tempo do território: refere-se ao social e econômico, ao desenvolvimento, aos recursos e à gestão.

-Tempo da paisagem: corresponde às representações, à cultura, à questão da identidade.

Estas categorias de análise referem-se a uma visão sistêmica em que é preciso compreender a paisagem, além da adição e composição de seus elementos, mas com o olhar sobre todos os fatores que a moldam e a transformam em diferentes níveis de escala.

A seguir, com base nos escritos de Britto e Ferreira (2011) em: “Paisagem e diferentes abordagens geográficas”, apresentaremos uma breve síntese das abordagens e autores que influenciaram e influenciam o estudo das paisagens na ciência geográfica, a partir da influência das diferentes escolas e vertentes no estudo da paisagem:

Alexander Von Humboldt com os primeiros estudos geográficos, com a observação e descrição das paisagens, a ligação entre a natureza e o humano. Carl Ritter com análises mais regionais sobre as transformações paisagísticas. Friederich Ratzel: com observações a respeito dos elementos fixos da paisagem, o natural, e os elementos móveis, os humanos.

Sigfried Passarge: com o conceito de “ciência da paisagem” a interação dos habitantes com o seu meio ambiente. Aliava a estrutura genética da paisagem a referenciais cartográficos. Carl Sauer : Foco para os aspectos morfológicos da paisagem . Paisagem conceito integrador associado ao tempo e ao espaço. Diferenciação entre paisagem natural e paisagem cultural. “Para Sauer, na formação da paisagem, a cultura era o agente, a paisagem natural o meio, e a paisagem o resultado.” (BRITTO; FERREIRA, 2011, p.7).

George Bertrand: A paisagem é caracterizada por uma porção do espaço com a combinação de inúmeros elementos que a tornam única e em transformação. Classifica as paisagens conforme seus níveis temporo-espaciais: zona, domínio, região, geossistema, geofácies e geótopo. Com maior destaque para o geossistema. Conforme Britto; Ferreira (2011) “Bertrand escolheu uma tipologia dinâmica que classifica as unidades da paisagem (mais especificamente os geossistemas) em função de sua evolução em relação ao clímax”. (BRITTO; FERREIRA, 2011, p.8)

Aziz Nacib Ab’ Saber- “Compreendeu a paisagem como sendo o resultado de uma relação entre os processos passados e os atuais. Os processos passados foram responsáveis



pela compartimentação regional da superfície, enquanto que os processos atuais respondem pela dinâmica atual das paisagens” (BRITTO; FERREIRA, 2011, p.9).

Milton Santos: “A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. “A paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar coma visão”. “Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas, objetos, providos de um conteúdo técnico-específico”. “A paisagem é apenas uma parte da situação. A situação como um todo é definida pela sociedade, enquanto sociedade, e como espaço. (BRITTO; FERREIRA, 2011, p.9).

Portanto percebemos que a paisagem já obteve muitas conceituações atribuídas por renomados estudiosos geógrafos, estudados até a atualidade, mas, apesar das várias concepções acerca do conceito de paisagem, sobre as mais respectivas escolas geográficas, poucas são abordagens que tratam o conceito de paisagem como uma categoria de análise espacial além do plano do visual.

A paisagem é o reflexo da inserção humana, da intervenção do homem em seu meio. Na contemporaneidade, problemáticas direcionadas aos impactos provocados pelo homem sobre a natureza, vem ganhando forças. Em que a paisagem, torna-se talvez uma das categorias de análises mais concretas para analisar as relações entre homem- sociedade e natureza, bem como as dinâmicas socioambientais.

O homem atua de maneira constante e efetiva sobre a natureza, lhe conferindo transformações paisagísticas a seu modo, de acordo com seus interesses. A individualidade é uma característica humana, em que como seres diferentes, possuímos ideias, opiniões e pensamentos divergentes, que muitas vezes trazem descontentamentos por não ser motivo de agrado a todos. Desta maneira, também ocorre a percepção de cada indivíduo sobre a paisagem e sobre seu espaço de vivência. Diferentes modos de contemplar, absorver e intervir na e ou sobre a paisagem.

A problemática ambiental diz respeito às relações e interações entre o humano e o meio ambiente. Aos impactos a serem percebidos no futuro imediato ou distante. As transformações paisagísticas são fundamentais na análise ambiental através da Geografia, na importância da categoria paisagem em políticas públicas inerentes a sociedade e ao meio

ambiente como, a gestão dos recursos naturais, hídricos, renováveis e não renováveis, no planejamento urbano, no ordenamento territorial, nas áreas de preservação permanente.

Conforme Souza (2010, p.164) a cerca do termo meio ambiente: [...] o meio do termo meio ambiente deve ser lido como possibilidade, condição, intervenção. Como a forma de relação entre a sociedade e tudo aquilo que ela toma para si como recurso que julga necessário à sua reprodução. (SOUZA, 2010, p.164).

A paisagem sempre está presente num território, em que a percepção humana por meio dos sentimentos, lembranças, memórias lhe atribui significados e juízos de valor. A afetividade influencia a percepção, os significados e a valorização da paisagem pelo indivíduo.

Muitas são as possibilidades paisagísticas de intervenção na realidade, através da maneira como o humano se identifica com seu lugar e suas paisagens, enquanto espaço de vida, a sensibilidade como representa seu território por meio da paisagem, em que suas formas, seus resquícios de tempos passados remetem a construção humana, social e cultural sobre a natureza. Sofrendo mutações no decorrer dos tempos.

Uma paisagem viva e que se transformou/transforma no decorrer do tempo. Uma paisagem entre natureza e sociedade (in) tensamente (re) desenhada ao ritmo da história movida pelos homens. Uma paisagem objetiva/visual, mas também subjetiva/emocional. (SOUZA, 2010, p165).

Ao pesquisador, ao geógrafo e professor de Geografia cabe buscar intervenções sobre as dinâmicas paisagísticas, em benefício ao meio ambiente e à sociedade de modo geral através de estratégias e alternativas de desenvolvimento que visem problematizar a realidade apresentada no cenário paisagístico, buscar possíveis soluções para os problemas sejam de ordem econômica, política ou ambiental, com vistas a minimizar desequilíbrios e explorar as possibilidades e potencialidades da paisagem de forma ética e cidadã.

A paisagem está no viajante que olha encantado e com deslumbramento o lugar desconhecido, no trabalhador que diariamente faz seu trajeto até chegar ao local de emprego. Paisagem que faz parte do dia a dia do mais glamuroso dos empresários ao mais singelo dos operários. Paisagem essência da vida, contraste do tempo. Presente na vida do agricultor que lavra a terra, no cidadão que nela faz seus sustento.

Paisagem de formações: geológicas, geomorfológicas, culturais. Formações estas que passam por contínuas e incessantes transformações paisagísticas acompanhando os avanços

contemporâneos. A paisagem que é movimento, única e complexa em sua totalidade, em que a perspectiva, a individualidade e a consciência lhe dão conceituações, finalidades, significados e relevâncias. O afetivo que aprecia ou despreza as dinâmicas paisagísticas visualizadas.

Compreender as transformações paisagísticas a partir dos olhos de seus habitantes, de quem a vive, constrói, reconstrói e usufrui é entender para além de sua dimensão estética, mas a partir do olhar empírico, da experiência vivida, da prática cotidiana e dos saberes construídos no plano vivido.

A partir do olhar, do levantamento dos problemas abordados por habitantes de determinado lugar, podemos entender os principais problemas presentes em seu território, perceptíveis em sua paisagem, como a questão dos recursos naturais, da degradação ambiental. Quais as implicações das transformações paisagísticas ocorridas ao longo do tempo no bem estar da população. Quais as perspectivas sobre o futuro da paisagem.

“Estes desdobramentos se materializam na paisagem, uma representação imediata e/ou mediata da teia de relações que produzem e dinamizam o território” (SOUZA, 2010, p.162).

A paisagem como uma formação híbrida composta por fenômenos híbridos como a natureza, a cultura, a multiplicidade de relações e fatores que a impactam. “Espaço, território, paisagem, lugar, ambiente, etc. são produtos/ processos que resultam/ irrompem nos limiares entre natureza e cultura. (SOUZA, 2010, p.157).

Portanto a paisagem é a essência do viver, o plano da existência humana. Em que o ser humano constantemente a modifica, transforma e adapta a seus objetivos. Cabe ao pesquisador geógrafo e professor de Geografia redescobrir a paisagem, percebê-la além do visual, mas a partir de toda a sua complexidade, seja em escala local ou global, pois os impactos impressos na paisagem transformam a vida humana, as dinâmicas sociais e os movimentos populacionais. E é preciso perceber as potencialidades, as possibilidades, mas também as limitações da paisagem para dela usufruirmos da melhor forma, pois é também da composição de seus elementos que provem a existência.

A paisagem em sua totalidade pode ser identificada através de várias conceituações relativas às ciências e aos profissionais que a conceituam. Uma dimensão espaço temporal dotada de uma conjuntura teórica e historiográfica, um meio de reflexão de práticas e valores, uma interdisciplinaridade entre as diversas áreas que estudam suas intervenções.

A paisagem é o espaço da expressão da cultura, a representação de marcas deixadas no território pela sociedade, na construção de sua história, um confronto e a junção entre presente, passado e futuro. Um espaço passível à sensibilidade, um local de experiências, de desejos, anseios e projetos. Vários são os olhares lançados na e sobre a paisagem, os seus discursos e seus usos, e as portas de abordagem sobre as vinculações paisagísticas.

Os olhares direcionados à paisagem influenciam na formulação de ideias, de pensamentos, no modo de pensar e agir no plano da existência da vida. Pois, é uma forma de interpretação do mundo, a expressão da linguagem humana sobre o espaço.

Não existe em si, mas na relação com um sujeito individual ou coletivo que a faz existir como uma dimensão da apropriação cultural do mundo. A paisagem fala-nos dos homens, dos seus olhares e dos seus valores, e não propriamente do mundo exterior. Na realidade, só haveria paisagens interiores, mesmo se essa interioridade se traduz e se inscreve “no exterior” do mundo. ( BESSE, 2014, p.13)

A existência da paisagem depende de sua dimensão espacial, pois a paisagem é sim espaço, mas é ainda muito além da representação do espaço, mas são as formas, as cores, os aromas, os sabores que a caracterizam tornando-a única e complexa, e permitindo sempre a vista para o horizonte.

É preciso decifrar, identificar, caracterizar e investigar criticamente o horizonte para desvendar as transformações paisagísticas perceptíveis, através da sensibilidade humana e através delas elaborar suas opiniões e maneiras de intervenção. O estudo da paisagem e ou suas representações é um modo de pensamento, de percepção, em que é preciso ir além do aparente, do visual, para descobrir sua razão de ser, sua organização na vida social, estudar suas categorias, seus diversos discursos entre a estética, a filosofia e a geografia.

Não é possível dissertar sobre a paisagem na cultura sem destacar seus modelos pictóricos e suas representações artísticas. “A pintura dá ao sentimento da paisagem a sua forma tanto quanto a sua expressão” (BESSE, 2014, p.17).

A paisagem é o fruto das representações sociais coletivas e individuais. A representação paisagística, por muitas vezes, através de pinturas está retratando características do território e o pertencimento nacional.

A ideia que se impõe, em todos os casos, é que a paisagem é como um texto humano a ser decifrado, como um signo ou um conjunto de signos mais ou menos sistematicamente ordenado, como um pensamento oculto a ser achado por trás dos objetos, das palavras e dos olhares. (BESSE, 2014, p.21)

Na contemporaneidade vivenciamos o surgimento de novas paisagens, novos objetos paisagísticos, novos valores e normas paisagísticas. Também aparece a intensa preocupação paisagística em relação às temáticas ambientais, a preservação do natural, e o pleno desenvolvimento social, sem gerar degradações ambientais e transformações negativas para a paisagem.

Como pensar, por exemplo, e representar a emergência dos novos objetos paisagísticos que são hoje os espaços urbanos, os equipamentos industriais, os sistemas de armazenamento e de distribuição da energia, as autoestradas, os artefatos diversos ligados à vida contemporânea, que põem em jogo os valores da funcionalidade, da intensidade, da velocidade e da mobilidade? (BESSE, 2014, p.23).

Quais sensibilidades paisagísticas devem ser destacadas para a urgente e extrema relevância sobre o futuro do ambiente, dos espaços, do lugar, da paisagem, mas também da sobrevivência humana? Ao homem como o principal ser, moldador e transformador do lugar e das paisagens, cabe a análise crítica sobre o uso da paisagem, suas potencialidades, possibilidades, mas também suas limitações. Será que, talvez, não seja necessário um reforço e um aporte teórico sobre todas as ciências e disciplinas ligadas às questões paisagísticas? Demonstrando as diferentes formas de abordagem da paisagem, mas também as suas diferentes transformações, impactos e degradações.

A paisagem é o plano de representação e experimentação artística. Na dimensão do horizonte, nos avanços das técnicas e nas suas formas de representação e também de manipulação. Na influência da mídia, dos sistemas técnicos e meios de comunicação na representação da paisagem, no uso e ocupação dos espaços, nas políticas públicas ambientais, na disseminação do turismo, na preservação e conservação do ambiente e dos patrimônios históricos e culturais. É preciso novas leituras e abordagens sobre as paisagens produzidas na sociedade contemporânea.

A dimensão da análise paisagística depende da escala de observação dos fenômenos, a definição de um tipo de problema, seja em escala local ou global. Pois, a paisagem é um território moldado pelas sociedades humanas, por causas religiosas, políticas e econômicas. A significação atribuída ao lugar e à paisagem não é apenas de cunho estético, mas é o somatório de experimentações das atividades desenvolvidas em determinado recorte espacial. “A paisagem seria como um tipo de geografia objetiva, uma escrita na superfície da Terra, produto nem sempre consciente nem intencional (mas também pode ser) das atividades humanas. (BESSE, 2014, p.28).”

Não apenas pela aparência, pela estética que devemos compreender a paisagem, mas pela forma como atende às necessidades e demandas do humano. É também um modo de ver e interpretar a realidade do mundo, material e simbólica como a base do ser social. Ler a paisagem é estudar a organização dos espaços, pela sociedade, ao longo da história, as morfologias, os movimentos e os fluxos que a modificam. É perceber como aparecem as microterritorialidades sobre a paisagem, de que forma é usada, vivida, percebida, e apropriada pelas diversas tribos ou grupos sociais. “[..] a paisagem é um espaço organizado, isto é, composto e desenhado pelos homens na superfície da Terra; a paisagem é uma obra coletiva das sociedades que transformam o substrato natural” ( BESSE, 2014, p.28).

Em que conforme a intensidade da escala, intensificam-se os problemas paisagísticos, que interferem no bem-estar cotidiano da população e nos fenômenos globais. Destacamos, duas interfaces sobre a paisagem: a paisagem comum, produzida inconscientemente na vida cotidiana; e a paisagem intencional: aquela projetada para ser como tal, e atender determinada função ou demanda.

A construção paisagística é uma estruturação de tempos passados e tempo presente com uma interface para um tempo futuro. Uma composição histórica, de marcas, de memórias, de símbolos e também de projetos, sonhos e idealizações futuras.

É papel do geógrafo e professor de Geografia, interpretar a história, o desenvolvimento e a apropriação da natureza pelo homem, por meio da análise espacial paisagística. “Convém lembrar sempre que a paisagem não é a natureza, mas o mundo humano tal como ficou inscrito na natureza ao transformá-la. Um mundo misto, híbrido, nesse sentido, nem totalmente natural, nem totalmente humano, mas ao mesmo tempo natural e humano.” (BESSE, 2014, p.34)

A paisagem também é um espaço político que deriva das necessidades da comunidade. A mercê dos desejos e das ambições do ser humano, em que modificar as paisagens significa transformar o modo de vida de seus habitantes.

Segundo Besse (2014, p.36) são necessários alguns questionamentos sobre a paisagem, como o interesse do ser humano de transformá-la, as possibilidades oferecidas ao humano, “a contribuição da paisagem para a realização pessoal e a mudança social” (BESSE, 2014, p.36).

Levando em consideração o nosso estudo de caso, surge um questionamento: Será que realmente as transformações na paisagem sempre levaram em consideração a vida de seus habitantes, como no caso da UHE- Itá, foi dada a importância a opinião de seus moradores? De que forma tal empreendimento transformou a vida local e cotidiana? Certamente com aspectos positivos e outros negativos, que dependem da afetividade, da particularidade, da individualidade e do apreço por parte dos moradores ao seu lugar, ao seu habitar, as paisagens vividas, sentidas. Talvez lugares estes que deixaram de existir, paisagens que nunca mais ninguém verá, que originaram outras paisagens.

A paisagem é a expressão do mundo, de sua evolução, das trajetórias percorridas pela população. “A paisagem identifica-se com o ecúmeno humano.” Com a forma que os seres humanos interferem, deslocam-se sobre a superfície terrestre. Ao ambiente que ultrapassa e antecede o humano, e é capaz de sobreviver e evoluir sem o humano.

[...] um meio ambiente cujas evoluções, na verdade, são afetadas, mais ou menos, diretamente, pela ação, a emoção e o pensamento humanos; mas afinal de contas, esse meio ambiente-somos também forçados a reconhecer- existe e se desenvolve sem o ser humano, estava aí antes dele e sobreviverá a ele de uma forma ou de outra. (BESSE, 2014, p.39)

Pensemos nas transformações paisagísticas, como fenômenos híbridos, fruto da heterogeneização dos elementos da paisagem, a dimensão natural e a dimensão cultural paisagística que a tornam artificial, seguindo o viés de uma Geografia híbrida, que se vale do conhecimento de outras ciências, para realizar análises espaciais. Uma realidade produzida pela humanização da natureza, a articulação presente entre natureza e sociedade.

E quais os funcionamentos paisagísticos, as realidades, as funcionalidades atribuídas à paisagem, como uma composição dinâmica, com elementos geológicos, topográficos, climáticos, pedológicos e hidrográficos, que possuem temporalidades, fluxos e variáveis, com uma morfologia dinâmica com formas, cores, sabores que compõem sua essência.

A paisagem é o ponto chave, de encontro entre as ações humanas e as dinâmicas naturais, uma realidade espaço temporal. É a percepção da sensibilidade do mundo, das experiências da vida, não apenas no traçado visual, mas pessoal, emocional, social, a aproximação do homem com o mundo, com a interpretação do meio em que vive. A experiência paisagística é proporcionada pelo corpo através do olhar, do toque, das sensações, sendo a vida que torna a paisagem uma experiência.

Besse (2014) sugere a caminhada como uma experiência ativa da paisagem, do perceber e estar no mundo. O horizonte é o cenário do espaço da vida, caminhar é perceber, apreciar, sentir a paisagem. É preciso desenvolver o exercício da caminhada, com questionamentos geográficos a cerca da organização socioespacial.

“Projetar a paisagem seria, ao mesmo tempo, pô-la em imagem ou representá-la (projeção) e imaginar o que poderia ser ou vir a ser (projeção).” (BESSE, 2014, p.60) Projetar a paisagem significa, portanto, ressaltar o presente que não desperta a atenção, tornar o invisível visível.

Portanto, várias são as abordagens da paisagem pelos mais diversos cientistas sociais e demais profissionais do conhecimento científico e artístico, muitas são as racionalidades paisagísticas, e as preocupações, as transformações territoriais da paisagem. Desta forma, a paisagem é uma categoria crítica de observação, interação, problematização e intervenção no mundo, construindo uma geografia com esperanças na transformação do mundo, na mudança positiva na vida humana. A paisagem também pode ser considerada um “projeto” ou uma “projeção” sobre o futuro através de sua composição elementar e única.



#### **4. A GEOGRAFIA ESCOLAR E O ESTUDO DA PAISAGEM: DIREITO À EDUCAÇÃO E DIREITO A PAISAGEM**

A Geografia escolar vive um contexto de crise juntamente com todo o sistema educacional. Fato este que vem dificultando o papel social da escola e os objetivos didáticos das disciplinas. A Geografia escolar parece perder sua essência e sua real importância na educação básica frente a outras áreas consideradas mais privilegiadas como as linguagens e a matemática.

Num mundo quase que inteiramente globalizado, com o encurtamento de fronteiras, cada vez é mais necessária a ressignificação de conceitos e categoriais e a revalorização de temas e conteúdos. A realidade deve estar aliada a teoria e a prática, por meio de estratégias que dinamizem os conteúdos e cumpram a função da Geografia escolar, de ajudar a compreender o mundo.

O ensino de Geografia deve partir do entendimento dos conceitos geográficos, da contextualização, significação e importância dos conteúdos geográficos na vida do aluno, do desenvolvimento do raciocínio espacial, do olhar geográfico e das análises paisagísticas. De conceitos que permitem a concepção de escalas locais e globais e o entendimento da complexidade do mundo, da sociedade e das práticas sociais.

As aulas de Geografia devem exercer um significado, uma importância para a vida do aluno. Em que a partir dos conceitos estudados nas aulas, o aluno passe a observar a sua realidade, os problemas do lugar em que vive, a realizar questionamentos e desenvolver sua capacidade crítica espacial.

Partimos da perspectiva da educação geográfica, em que os temas e conteúdos geográficos são significativos a realidade do aluno e interferem na sua interpretação e intervenção no mundo. Para Callai e Moraes (2017, p. 82):

Assim, a educação geográfica pode se estabelecer como um dos caminhos para estudar geografia de modo que oportunize aos estudantes construir as bases de conteúdos para interpretação do mundo. E essas bases se constituem a partir do conhecimento que necessariamente é a sustentação da ação da escola, aliado ao desenvolvimento do pensamento abstrato. Se constitui, portanto, na perspectiva de acessar as ferramentas teóricas para entender o mundo e para as pessoas se entenderem como sujeitos nesse mundo, reconhecendo a espacialidade dos fenômenos sociais. (CALLAI; MORAES, 2017, p. 82).

A análise espacial através do conceito de paisagem na educação geográfica é uma maneira para expressar a intensa e estreita relação homem e meio, sociedade e natureza, por meio dos conteúdos geográficos e sua percepção e visualização no espaço. A paisagem é de extrema relevância no estudo do espaço, dos tempos através dos acúmulos e resquícios presentes em sua composição. Sendo fruto da cultura, das práticas sociais, das atividades humanas, dos ambientes físico e natural, material e imaterial, impactando lugares, territórios e regiões.

Para isso acontecer, para o educando ver sentido no estudo da paisagem, é importante trabalhá-la como algo que está presente na vida de cada um, que faz parte da sua história, algo vivo que está em constante modificação pelas pessoas que ocupam aquele espaço e interagem constantemente com ele, e cada um, direta ou indiretamente, ajuda a construir a paisagem que ocupa. (PUNTEL, 2007, p. 289).

Aprender a ler a paisagem significa desvendar o mundo, as relações que se estabelecem no local e interferem no global, compreender o plano do vivido, a organização espacial e a vivência humana. Despertando o olhar para questões até então não pensadas através do visível que desperta a atenção.

A compreensão do espaço geográfico através da leitura da paisagem, que faz entender de que forma é expressa a relação sociedade e natureza, o espaço físico, a descrição do cotidiano, uma análise geográfica crítica e reflexiva por meio do visível.

A paisagem é um conceito primordial na Geografia escolar visto a sua proximidade com o lugar, com o mundo do educando, com seu modo de vida, seus saberes e experiências. A paisagem deve ser ressignificada na Geografia escolar, pois é carregada por mudanças impostas pela sociedade. Em que a evolução de metodologias e paradigmas de análises lhe conferem novos significados.

Na Geografia escolar é perceptível a ausência de reflexões a partir dos conceitos geográficos, por muitas vezes os conteúdos geográficos parecem soltos, desconexos, sem nenhuma ligação com qualquer categoria de análise espacial.

A necessidade de ao se trabalhar determinado conteúdo, de questionar ao aluno sobre qual categoria de análise aquele conteúdo pode ser entendido, favorecendo análises espaciais complexas que trabalhem com os pontos chaves da Geografia.

Ao analisarmos a sociedade contemporânea e as aulas tradicionais da Geografia escolar, emerge o seguinte questionamento: Será que se os alunos realmente compreendessem cada um dos conceitos geográficos, seus significados, e relações para com o mundo, seriam

capazes de relacioná-los com os conteúdos geográficos presentes nas aulas? Desta forma a Geografia escolar se tornaria mais dinâmica, atrativa e significativa?

Por vezes, nas aulas de Geografia tem-se a impressão que os alunos concebem como conceito geográfico, apenas o espaço, a relação do homem no espaço. Mas não estão cientes dos elementos e categorias fundamentais que integram o espaço, como: a paisagem, o lugar, o território, a região e as redes.

A paisagem é a porta de leitura para o espaço, que revela em seus traços as transformações, ler a paisagem é uma maneira de compreender viver e se relacionar com o lugar. A paisagem conta a história dos lugares, suas dinâmicas, modos de vida da população, os seus problemas. É a forma de visualização e aproximação da realidade vista por determinado momento.

A paisagem além de ser formada pelos agentes internos e externos é formada pelo trabalho impresso pelo homem, pelas forças produtivas e as funções sociais que são perceptíveis através de sua visão fisionômica. Em que cada qual indivíduo percebe a paisagem de acordo com suas vivências, experiências e interesses próprios.

A exploração profunda dos elementos da paisagem no ensino de Geografia, através da experiência empírica do indivíduo, permite a identificação dos lugares, a construção de afetividades, de preocupações políticas e ou ambientais. Ao querer-se descobrir o que esconde a paisagem, de que forma ela é estratégica por sua funcionalidade e suas especificidades.

É de extrema importância fazer essa conexão entre a prática vivida, ou seja, as definições preestabelecidas pelos alunos, com os conceitos de concepção científica, aqui em especial falando da paisagem, pois é através dessa confrontação que vai ocorrer a reformulação de seus significados e sentidos, para, a partir disso, ocorrer uma reorganização e produção de uma nova experiência, possibilitando uma reelaboração e uma maior compreensão do espaço vivido. (PUNTEL, 2007, p.295).

A Geografia escolar é essencial na formação crítica e política, na escolha de opiniões, de métodos e valores. A paisagem é um conceito didático que revela as dimensões existentes no plano da vida, no social, no cultural, no econômico, no político e no religioso. Por diversas vezes, ouvimos que a Geografia deve auxiliar a compreender o mundo. Como sabemos a dimensão de mundo, a escala global é imensa, que permite diversos olhares e percepções. Uma complexidade infinita em que a Geografia escolar está encarregada de mediar aos educandos, em que deve tratar da economia, da política, dos conflitos, da história, da sociedade, do ambiente, da cultura; aí está presente a essencialidade da geografia escolar, mas

não seria a paisagem a primeira e melhor forma, por ser visível, a porta de entrada a abordagem para os principais temas geográficos tanto físicos quanto humanos?

É através da paisagem que vivemos e absorvemos o espaço, por meio de articulações realizando leituras e apropriações através do corpo. “O conceito de paisagem como articulador central na análise de espaços próximos ou distantes.” (MARTINEZ, 2017, p. 218).

Toda paisagem possui de forma explícita ou implícita uma abordagem, ou um conteúdo geográfico, sendo uma chave para analisar e compreender o espaço. O ensino de geografia deve partir de análises paisagísticas, da percepção do espaço, da expressão da realidade e seus processos constituintes. Despertando o olhar geográfico para questões referentes ao convívio social, a organização espacial, as fragmentações, segregações e desigualdades que compõem determinada realidade e estão destacadas ou obscurecidas no plano visual paisagístico. É necessário aguçar, refinar o olhar, para além das aparências, mas para o despertar da paisagem como, chave para a problematização e busca de possíveis soluções a realidade apresentada.

“A paisagem é o espaço em seu conteúdo discursivo. Não é apenas representação, atua como apoio em um processo de reprodução do próprio espaço. Daí desprende-se a importância de, como professores, orientarmos à sua análise.” (MARTINEZ, 2017, p.220).

Torna-se relevante a alfabetização da paisagem, que os estudantes sejam capazes de realizar leituras sobre ela, desvendando suas características, seus mistérios nas mais diversas esferas, e representando-a da forma que a concebem. Pois, “representar a paisagem é, portanto politizar a leitura espacial” (MARTINEZ, 2017, p.220). A interpretação dos signos e símbolos dispostos na paisagem é fundamental para a observância das manifestações culturais locais e regionais e a formação da identidade espacial. Entendendo a complexidade de relações socioespaciais e a simultaneidade de fatos e eventos geográficos.

A paisagem é um cenário, histórico, geográfico, biológico, que passou por intensas transformações até chegar a sua configuração atual, marcada por marcas do tempo, das conquistas e lutas de grupos sociais, pelas disputas e conflitos de poder, pelos anseios e sonhos de uma população. Possuindo uma relação identitária com os sujeitos que a vivem, trabalham e transformam numa hibridização eficaz e constante com a técnica das sociedades e os recursos da natureza.

A leitura da paisagem, quando problematizada, empodera a capacidade de ação sobre o espaço. Ao lermos com profundidade a complexidade das relações espaciais, nos aparelhamos para interagir – ou seja – agirmos em conjunto para promover as mudanças necessárias a uma melhor apropriação desse espaço. O ensino de geografia – nesse caso – cumpre função cognitiva, social, política e cultural – quando promove novas compreensões do cotidiano a partir do elemento básico e catalisador da educação: o conhecimento. (MARTINEZ, 2017, p.230).

O ensino de geografia deve possibilitar e sugerir diferentes leituras de paisagem e promover intervenções cidadãs, através de abordagens e análises paisagísticas críticas sobre a vivência e organização dos diferentes espaços de vida. “Paisagem como um arranjo, uma articulação de discursos espaciais que se produziam em conjunto.” (MARTINEZ, 2017, p. 228).

Atenta-se para a real necessidade de que os estudantes através de suas observâncias e percepções individuais, busquem realizar leituras e conexões com os diferentes espaços, percebendo os problemas sociais, políticos, econômicos refletidos na superfície através da esfera visual. E sejam capazes de realizar representações críticas e reflexivas sobre as principais transformações da paisagem, quais suas implicações e impactos para a sociedade de modo geral, e qual o possível futuro designado à determinada paisagem, e será possível mudá-lo? Quais as possibilidades oferecidas e em que ponto encontram-se as limitações de determinado cenário paisagístico? Qual a melhor forma de usufruir de seus recursos sem degradá-la?

A diversidade é um ponto central presente no discurso da paisagem, nas manifestações culturais, artísticas, religiosas e econômicas. Em que por vezes é necessário visualizar uma paisagem já conhecida pelos olhos, porém ainda desconhecida em suas diversas interfaces, para o despertar do olhar geográfico, para além da mera contemplação, mas para o eficaz estudo da paisagem, enquanto categoria de análise e intervenção espacial.

A paisagem do cotidiano é o livro que sempre esteve na estante, é familiar porém não conhecido. Está de tal forma incorporado que negligenciamos o valor de sua existência, banalizamos o próximo e subtraímos sua potencialidade. A paisagem do cotidiano é um livro que precisa ser relido, pois pede um novo entendimento. Portanto, devemos pensar em oferecer elementos que insurjam símbolos não antes assumidos, relações não antes percebidas, conclusões não antes promovidas. Enfim, propor a geografia como linguagem para novas leituras do cotidiano. (MARTINEZ, 2017, p.222).

Novas interpretações das paisagens já conhecidas devem ser propostas pelo professor de geografia, através da relevância dos elementos que a compõem no contexto em que está inserida. Possibilitar uma caminhada rotineira sobre a cidade, destacando pontos e elementos importantes na interpretação das funcionalidades paisagísticas, dos seus contextos, seus

aspectos e seus problemas. “Sentir-se parte da paisagem urbana requer, portanto, apropriar-se de sua história, entender seus signos, estabelecer uma relação de identidade e sentir-se capaz de transformar aquela paisagem (e as relações com a mesma).” (MARTINEZ, 2017, p.228).

Portanto o ensino de geografia na abordagem dos mais diversos conteúdos deve estar pautado nas categorias de análises espaciais, em especial na paisagem, como a visualização de fatos, eventos e fenômenos de cunho geográfico que interferem na interação humana em sociedade. Uma educação geográfica que promova análises, interpretações e representações paisagísticas sobre as memórias do passado, o presente vivenciado e ao futuro planejado ou designado a paisagem.

#### 4.1 COMO EDUCAR SOBRE OS DIREITOS DA PAISAGEM

É grande a importância da educação ambiental no comprometimento explícito com o ambiente, com a natureza, com a sobrevivência das espécies, com a formação da consciência ambiental, na preocupação com os desafios e problemas globais.

Como cidadãos possuímos direitos naturais, porém, atrelado a eles, vem as responsabilidades com o planeta, e a dimensão da ética e da moralidade circunscrita nas interações com o meio ambiente. Um trabalho interdisciplinar é de grande importância na proposta da educação ambiental, na formação politicamente responsável com a ética ambiental e a relação homem/natureza. “Na natureza há pouco lugar para o individualismo, ao que se assiste frequentemente é a interdependência, a cooperação íntima entre os membros do reino animal, vegetal e mineral” (OLIVEIRA, 2017, p.180).

Estamos cientes da longa e contínua, luta histórica e geográfica pela conquista dos direitos humanos universais e também dos direitos naturais. Compartilhamos de problemas e impactos ambientais, desde a escala local a global, que nos atingem com maior ou menor intensidade e frequência. Vivemos uma contemporaneidade repleta de conflitos e incertezas, que exigem o esforço e a união das ciências, na busca de descobertas e soluções que busquem a melhoria da qualidade de vida e a plena evolução das espécies e inclusive do humano.

Cada um trazendo sua contribuição para se chegar a equacionar o problema ambiental, e talvez no próximo milênio conseguir propor soluções e principalmente unificar os interesses econômicos, sociais e morais para preservar, restaurar, conservar, usar, gerenciar esta Terra, que até o momento ainda é a única casa para vivermos e desfrutarmos com alegria e felicidade. (OLIVEIRA, 2017, p.181)

O homem é um ser racional, que procura a melhor e mais confortável maneira de habitar, de viver, buscando o equilíbrio e a melhoria nas condições de vida, através do estudo da biodiversidade e na busca pelo desenvolvimento sustentável. Agente histórico das grandes transformações, provocadas nos tempos modernos e as grandes preocupações em relação à pós-modernidade e ao futuro da humanidade.

A investigação sobre a paisagem, por vezes é confusa, entre o meio ambiente, o espaço e o lugar. Deixando-nos o questionamento, sobre como educar sobre os direitos da paisagem?

O espaço, como a categoria mais ampla, a em que vivemos e habitamos, repleta de cores e contrastes, luzes e escuridão. E a impossibilidade de se tratar da categoria espaço, sem a categoria tempo, sem a sua dimensão sócio histórica. Em que as ciências, história e geografia, se aliam no estudo do espaço-tempo, nas relações do homem com a natureza, no presente, passado e futuro. “Se há uma crise em relação ao espaço e ao tempo, se fazem necessárias serem criadas novas maneiras de pensar, de sentir, de conhecer, de filosofar, por que não de educar? (OLIVEIRA, 2017, p.183-184)”.

Vivemos a era das redes, conectados, através de uma longa e infinita teia, denominada aldeia global, sendo esta, utilizada para os mais diversos fins, e inclusive para a disseminação da informação, em que a propagação de ideias é realizada de forma rápida e eficaz. Mas será, que como seres dependentes da natureza, estamos utilizando nosso progresso, o avanço das técnicas, das tecnologias, as redes, para enfrentar e buscar soluções para os desafios globais? Ou apenas ficamos pasmos com os impactos ambientais, mas nada fazemos para minimizá-los?

É necessário reinventar, buscar novas maneiras de viver, de produzir, de habitar de utilizar o espaço, novas maneiras de educar, de problematizar e contextualizar a realidade vivida, as causas, os problemas, os pontos positivos e negativos para o meio ambiente dos avanços da humanidade.

“A expressão do conceito meio ambiente é moderna e surgiu da necessidade de uma definição que explicitasse a compreensão e a extensão da realidade do ponto de vista da interdependência existente entre o humano e o natural”. (OLIVEIRA, 2017, p.184). A essencialidade dos elementos constituintes do ambiente: água, ar, solo, clima, vegetação,

rochas e paisagem. Elementos que circulam a presença de matéria e energia. O ambiente que preserva a história e a geografia dos momentos: a cultura, as religiões e as instituições sociais.

A paisagem é elemento crucial constituinte do meio ambiente que entrelaça os elementos físicos, químicos, biológicos, urbano, rural e natural. A Geografia do século XXI leva em consideração a paisagem vivida, apropriada, percebida, a cognição e o conhecimento e as ações desenvolvidas sobre a paisagem.

A forma de educar, o processo educacional é fundamental na compreensão da paisagem e do impacto das ações e transformações realizadas sobre ela. A educação ambiental como a base, para a formação da ética e consciência ambiental. Inserida no contexto e âmbito de todas as disciplinas que compõem o currículo escolar, mesclada e relacionada aos conteúdos das mais diversas ciências físicas, humanas ou exatas. Com uma didática interdisciplinar sobre o estudo do ambiente e os direitos da paisagem, através de aprendizagens cognitivas baseadas no desenvolvimento moral.

A importância da educação que vise à consciência social, a orientação da lei e da ordem, o direito a vida e a liberdade. Uma educação voltada aos direitos da paisagem à moralidade e as relações entre o humano e a natureza.

Portanto faz-se necessário repensar a educação, valorizar a educação ambiental na busca da problematização dos problemas ambientais e seus impactos, na moralidade e dimensão ética no conhecimento sobre os direitos da paisagem de forma que vise superar e buscar estratégias que visem o bem comum e o pleno desenvolvimento da vida biológica, geográfica e histórica.

#### 4.2. A PAISAGEM E A PERCEPÇÃO

O desenvolvimento da criança está ligado com os seus primeiros contatos com o mundo, com o desvendar do espaço. O espaço principal objeto de estudo da geografia, que deve ter suas primeiras noções ainda na educação infantil, com as noções de dentro e fora, perto e longe, distante e aproximado. Com o desenvolvimento mental da criança, ocorre o desenvolvimento das noções e habilidades espaciais, aprendendo a representar o espaço e o mundo.



“[...] a criança constrói a realidade, mediante o relacionamento do objeto com o espaço, e como desenvolve a formação do símbolo, mediante a imitação e o jogo” (OLIVEIRA, 2017, p.148).

Durante todo o processo de desenvolvimento de habilidades mentais e motoras ocorrem trocas funcionais com a criança e o meio exterior por intermédio dos aspectos cognitivo e afetivo. Significa que o meio exterior possui sim, influência sobre o desabrochar da infância, o lugar que marca a vida da criança, a paisagem que os olhos alcançam, o espaço de convívio e inserção social.

Enquanto o aspecto cognitivo se refere à estruturação da conduta, o afetivo pode ser compreendido como sua energia ou economia, porquanto os sentimentos são os responsáveis pela regulação das energias internas (interesses) e pelas trocas externas (valores). (OLIVIRA, 2017, p.148)

É a relação de afeição de identidade com determinado lugar que faz com que a criança goste ou não de frequentá-lo, de vivê-lo, e é na visualidade do lugar, do espaço, ao lançar o olhar pela composição de elementos que montam uma vista, que a criança começa a construir a noção de paisagem geográfica.

Assim posto, o desenvolvimento mental é uma construção que se processa por meio de sucessivas adaptações entre o indivíduo e o meio, e que evolui por etapas sequenciais. A adaptação mental deve ser encarada como o equilíbrio entre as ações do indivíduo sobre o meio e deste sobre aquele, e é uma função intelectual constituída por dois processos: a assimilação e acomodação. (OLIVEIRA, 2017, p.148)

Como o aluno, o estudante percebe diretamente a paisagem? A percepção da paisagem provém da observação que permite a descrição da conduta do indivíduo, dos acontecimentos, dos fatos, de sua própria experiência de vida, através do despertar para a realidade que o cerca.

A mente humana infere um mundo tridimensional, incluindo o tamanho aparente dos objetos, similares com a distância, a superposição de contornos, a distribuição de luz e sombra, a perda de detalhes com a distância, a percepção do brilho e da cor, da largura e altura, da distância e profundidade. (OLIVEIRA, 2017, p.157)

“A visão é uma guia extremamente eficaz para que os homens se movimentem, trabalhem e apreciem a paisagem”. (OLIVEIRA, 2017, p167). O processo visual também tem profunda relação com a formação de habilidades e a inteligência, por meio de uma curiosidade para com o mundo, sobre o que se passa na sociedade, como vivem as diferentes culturas. A visão como o sentido, que proporciona portas abertas ao desvendar do mundo, ao explorar a terra, ao querer ver as diferenças e desigualdades, e ao querer fazer diferente.

O meio ambiente, por meio de suas propriedades físicas, fornece as informações, e o observador, por meio de um sistema receptor visual, coleta essas informações, cujo registro lhe permite o conhecimento do mundo físico. Contudo, o espaço a ser considerado não é um simples vazio com três linhas que se conectam em ângulo reto, mas o espaço das habitações, dos caminhos, das regiões. É o espaço dos homens, um espaço percebido e vivido com fundamentos nas dimensões de altura, extensão e profundidade. (OLIVEIRA, 2017, p.158).

A posição e a movimentação do observador interferem na observação, no seu ponto de vista e na realização de leituras sobre as dinâmicas paisagísticas. Interferindo também na representação da paisagem por meio do observador a partir do solo e ao horizonte. E na maneira como os significados interferem na representação do espaço geográfico

Oliveira (2018) destaca dois processos de percepção: a percepção do mundo espacial através das cores, formas, superfícies e a percepção do mundo das coisas úteis e significativas, os objetos, símbolos e lugares.

Portanto desde a infância começamos a nos relacionar a desvendar as dinâmicas espaciais, nos são apresentados lugares, conhecemos paisagens, que de uma ou outra forma passam a interferir em nossa formação social, cognitiva e afetiva e sobre nossas ações sobre a superfície terrestre. E assim por toda a vida, através do corpo, vivemos um intenso processo de apropriação dos espaços, dos lugares e das paisagens. E esta relação retratada como homem e meio que abrange diversas escalas temporais e geográficas que rege a existência do indivíduo.

#### 4.3.PAISAGEM, PERCEPÇÃO E FOTOGRAFIA

Transformar a paisagem significa modificar lugares, alterar dinâmicas, movimentos e fenômenos da natureza. Paisagem é vida. Vida em transformação, na floresta, ao desabrochar de uma flor, ao cair de um fruto, no rio que corre, no pássaro que gorjeia ou nas pessoas que, no cotidiano da cidade, deslocam-se de um lado para o outro, aí está presente a vida, a imagem e consequentemente a paisagem.

Sendo assim, fazer uma Geografia a partir da inserção da fotografia nos estudos geográficos torna possível uma leitura de mundo carregada de elementos impactantes para a educação geográfica, pois oportuniza ao aluno ler, decifrar e interpretar paisagens para compreender o lugar em que vive, em diversas escalas de análise. (HAGAT, 2017, p.19).

Muitas são as potencialidades didáticas da fotografia nos mais variados temas, contextos e atividades. Como um recurso didático que facilmente pode ser inserido no dia a dia da escola, no decorrer das aulas, em que fotografias podem ser correlacionadas com as temáticas da aula, com os objetivos metodológicos e pedagógicos. O professor pesquisador

sempre atento às descobertas, com estratégias de ensino variadas, utiliza a fotografia como uma linguagem didática, através da própria intenção da fotografia, dos elementos retratados por ela. Na paisagem do momento representada pela fotografia.

“A fotografia um recurso midiático que alia informação à arte. O conteúdo imagético leva ao conhecimento, se revelando ao usuário como um estímulo á sensibilidade, pois a imagem é constituída de maneira a captar o olhar contemplador e crítico” (FREISLEBEN, 2015, p.930).

A fotografia é um excelente instrumental didático para enriquecer as práticas pedagógicas, ilustrando aulas de quaisquer níveis de ensino, ativando a participação dos alunos nos momentos aula. A fotografia é “[...] a representação dos detalhes da vida a partir de uma determinada estrutura linguística que se pauta na lógica de imagens” (FREISLEBEN, 2015, p.930-931).

A fotografia é um elemento comunicativo, mas para realmente atingir resultados de aprendizagem é importante que seja trabalhado o seu contexto histórico, sua real intenção, o que seus elementos revelam qual a paisagem representada, para que desta forma se torne um instrumento de pesquisa.

Diariamente somos atraídos pelo visual, seja pelo comércio, pela mídia, pelo meios de comunicação e de entretenimento, que faz com que realizemos novas leituras de mundo. A fotografia como uma forma de imortalizar e materializar espaços, ideias, pensamentos e momentos.

As fotografias são instrumentos didáticos já utilizados pelas escolas, como por exemplo, nas aulas de geografia, com representações das paisagens de diferentes biomas, em temas como a desigualdade social, problemas ambientais, como um estímulo visual dos conteúdos. A leitura de fotografias favorece o desenvolvimento de várias habilidades como: a memória, a criticidade e a criatividade.

Porém muitas vezes as fotografias são utilizadas nas escolas apenas em datas comemorativas, em atividades específicas, devido a falta de infraestrutura das escolas, e a longa jornada de trabalho de professores, que às vezes dificulta a elaboração de planos de aula mais dinâmicas, como a realização de atividades com interpretação de fotografias devido a grande demanda de tempo para a seleção de fotografias relacionadas ao conteúdo.

Estudar temas geográficos através de imagens retratadas em fotografias é uma forma de incentivar o olhar geográfico empírico, a observação do meio, do lugar e do espaço. Pois a fotografia possui sua historicidade, seu contexto, abordando aspectos sociais.

A seleção, interpretação e coleta de imagens a serem fotografadas é um processo científico que leva a pensar, qual é a paisagem a ser retratada, o que ela representa, com qual conteúdo ou tema geográfico pode ser relacionada, e com quais conceitos e paradigmas da ciência geográfica.

Com a facilidade aos meios tecnológicos o professor de geografia pode organizar aulas em que os próprios alunos podem produzir materiais didáticos a serem utilizados em aula, como as fotografias. Através da coleta de fotografias, na realização de trabalhos de campo que depois possam ser trabalhadas em aula através da análise da paisagem, dos elementos que a compõem, e também através da intencionalidade do fotógrafo, o que o aluno pretendia demonstrar com tal imagem e com qual tema geográfico a relaciona. Em que podem ser estabelecidos roteiros para a seleção de imagens.

A imagem fotográfica é um instrumental didático em busca de aprendizagens geográficas. Em que o estudo de temas geográficos por meio de fotografias tem um fundo científico, em que a arte de fotografar é aliada ao ensino de Geografia.

Como sugerido por Dezan e Tuman (2014) o professor de geografia pode montar um banco de imagens, seu próprio acervo fotográfico com imagens fotográficas relacionadas aos mais diversos conteúdos geográficos.

Portanto aliar a arte de fotografar ao olhar geográfico permite a construção de aprendizagens significativas, em que aluno e professor através de trabalhos de campo ou estudos do meio podem coletar seus próprios materiais didáticos, sendo protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

A fotografia é uma fonte histórica, como forma de linguagem e leitura de mundo, que pode tornar-se uma aliada no ensino de Geografia, na abordagem dos conteúdos físicos e humanos. Ler uma fotografia significa desvendar as paisagens e significar espaços em um contexto onde se considera que a paisagem contemporânea é um fenômeno visível decorrente do uso e apropriação dos espaços, dos acúmulos de tempos, que produzem marcas e significados.

Utilizando imagens e fotografias de diferentes períodos, podemos realizar um percurso histórico, buscando marcas que revelem as transformações da paisagem ao longo do tempo, desvendando as camadas espaço-temporais, os acúmulos de tempos e os elementos que compõem a paisagem.

Trabalhar as transformações paisagísticas a partir de uma análise crítica e reflexiva de fotografias pode permitir tornar as aulas de Geografia mais dinâmicas, ressignificando conteúdos e conceitos geográficos, abordando a perspectiva do “conhecimento pedagógico do conteúdo” proposta por Lopes (2010).

No ato docente, o conhecimento geográfico, o conhecimento pedagógico e o do contexto se mesclam e dão origem ao conhecimento pedagógico geográfico. Trata-se de um conhecimento em permanente estado de elaboração porque “não pode existir concretamente” se não for produzido para um determinado grupo e contexto. A qualidade especial deste conhecimento é que é formulado e organizado para o ensino. (LOPES, 2010, p177)

#### 4.4.PAISAGEM E CONHECIMENTO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO

A teoria do conhecimento pedagógico do conteúdo inicialmente foi proposta por Lee Schulman (1987) para designar os conhecimentos específicos do professor. Para Shulman o conhecimento pedagógico do conteúdo é específico para professores e estabelecido e adquirido através da prática. Refere-se à interação entre a prática e a pedagogia, os conhecimentos científicos e as práticas pedagógicas. É a maneira de transformar os conhecimentos científicos, as bases fundamentais das diversas ciências em práticas pedagógicas eficazes na construção do conhecimento. Para Shulman (1987) o conhecimento pedagógico do conteúdo (PCK) refere-se:

“[...] a capacidade de um professor para transformar o conhecimento do conteúdo que ele possui em formas pedagogicamente poderosas e adaptadas às variações dos estudantes levando em consideração as experiências e bagagens dos mesmos. (SHULMAN, 1987 ).”

O conhecimento pedagógico do conteúdo está relacionado ao planejamento das aulas, a instrução e linhas de pesquisa seguidas pelo professor, aos referenciais teóricos, as epistemologias orientadoras e as práticas pedagógicas e recursos didáticos utilizados durante o momento aula. Levando em consideração as experiências, vivências e realidades de professores e alunos, fatores estes, que interferem no processo de ensino e aprendizagem.

[...] Uma vez que não há simples formas poderosas de representação, o professor precisa ter às mãos um verdadeiro arsenal de formas alternativas de representação, algumas das quais derivam da pesquisa enquanto outras têm sua origem no saber da prática. (Shulman, 1986). O conhecimento pedagógico do conteúdo acompanha a constante e incessante formação enquanto professor, e profissional do ensino através do desenvolvimento das habilidades, das linhas de pesquisa, e das práticas educativas, fatores estes que são aprimorados durante toda a carreira profissional do professor.

O conhecimento pedagógico do conteúdo propõe a junção e integração entre os conhecimentos geográficos específicos e os conhecimentos pedagógicos. Alunos e professores passam a questionar sua formação, a organização do currículo escolar, o andamento das aulas e a efetivação de uma educação geográfica.

Ao professor de Geografia, além de conhecer a Geografia e a importância da disciplina que ministra, é necessário conhecer as didáticas desta disciplina, que saiba contextualizar os conteúdos à realidade de seus alunos. Se reinventar como professor, na constante mudança de práticas e metodologias, na busca por mais conhecimentos e estratégias que fundamentem o ato de ensinar, de como ensinar, de por quê ensinar, e para quê aquele determinado conteúdo é importante para o aluno.

A função do geógrafo/professor em tornar o ensino de Geografia mais atrativo, demonstrando sua importância para compreender as dinâmicas espaciais da sociedade humana, despertando o raciocínio geográfico sobre as relações, processos e fenômenos que se expressam no espaço geográfico e interferem no modo de vida da população em escala: local, nacional ou global.

[...] Mais do que um amontoado de conteúdos tomados em si mesmo, os professores devem compreender que a função da geografia no currículo escolar é possibilitar ao aluno o desenvolvimento de “um olhar diferente sobre o mundo”, uma maneira mais específica de pensar, “um olhar geográfico”. Tudo é Geografia? Não! É o professor que ao desenvolver seu conhecimento pedagógico-geográfico, esse seu especial saber oportuniza aos alunos ver o sentido geográfico de tudo. Mais do que dominar fragmentos de informações variadas, “o professor experimentado” se define como um profissional que pode formar estruturas amplas e poderosas no desenvolvimento de seu trabalho. (LOPES, 2010, p.188).

Muitas vezes, a simplificação dos conteúdos não atende ao aprofundamento e reflexão necessária do conteúdo, em que os saberes geográficos tornam-se mera descrição, não exercendo significado para os estudantes. A educação geográfica é pautada na

problematização e ressignificação dos conteúdos geográficos, com a articulação entre o conteúdo específico da ciência geográfica e a forma metodológica de como ensinar.

O conhecimento pedagógico do conteúdo leva em consideração as particularidades de cada matéria e a perspectiva epistemológica e didático-pedagógica de como os conteúdos são trabalhados em sala de aula, em que ocorre a inter-relação entre o conteúdo disciplinar, a prática pedagógica e o contexto escolar a que se aplica. Portanto o conhecimento pedagógico do conteúdo ou mais especificamente o conhecimento do conteúdo pedagógico geográfico é essencial no processo de ensino-aprendizagem, na construção de conhecimentos relevantes à vida do aluno, no seu despertar crítico- reflexivo e nas formas de intervir no mundo através de um viés geográfico que propicie a problematização da realidade vivida.

Promover o conhecimento pedagógico do conteúdo significa compreender a importância da dimensão de determinado conteúdo geográfico para a vida do aluno, para a sua formação como cidadão e seu entendimento de mundo. Conhecer a importância do conhecimento pedagógico do conteúdo sobre a paisagem é entendê-la como muito além de seus limites visuais, mas como uma dimensão da vida, uma categoria de análise geográfica sobre o espaço. O professor de Geografia, através de seus saberes específicos e os saberes pedagógicos, interage com o aluno, fazendo-o pensar e questionar sobre a paisagem, e sua relação com o meio em que vive, quais as grandes transformações paisagísticas, quais as possíveis futuras transformações, quais seus impactos para a dinâmica da cidade e para as temáticas ambientais.

É por meio da educação geográfica que é promovido o conhecimento pedagógico do conteúdo, através do questionamento, de como transformar a paisagem e os conteúdos e temas com vinculações paisagísticas em ensino, e posteriormente em uma aprendizagem geográfica significativa ao estudante e sua visão e interpretação de mundo.

Diante do exposto, reitera-se a importância deste estudo que busca interligar três vias de abordagens: a da paisagem na Geografia, a fotografia como recurso didático e o sentido dessa relação no âmbito do conhecimento pedagógico do conteúdo a fim de permitir, sobretudo ao professor de Geografia, aprofundar o entendimento da paisagem em sua passagem de potência para o ato pedagógico. Novamente: o estudo se justifica pelo fato de que ainda não há tal abordagem como esta no que diz respeito ao recorte de estudo escolhido e à problemática ambiental advinda da instalação da UHE-Itá.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 5.1. EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM ESTUDANTES DO SÉTIMO ANO

A experiência pedagógica foi organizada da seguinte maneira: foram ministradas 10 aulas (10 períodos de 50 minutos) para a turma de 7º ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Educação Básica Valentin Bernardi, localizada no município de Itá- SC.

A seguir, o planejamento das atividades para cada aula:

Aulas 1 e 2: Aulas teóricas, momentos de contextualização sobre a paisagem como categoria de análise geográfica, exploração de conceitos como: paisagem natural, paisagem construída e paisagem humanizada;

Aulas 3 e 4: Olhares sobre a paisagem de Itá: análise de fotografias antigas e atuais da cidade de Itá, quais as principais transformações, quais os impactos, o que os alunos pensam sobre a paisagem; Questões de reflexões sobre a paisagem geográfica;

Aulas 5 e 6: Olhares sobre as transformações da paisagem de Itá: os alunos devem fotografar as paisagens que considerarem significativas. Representando de que maneira vivem e percebem a paisagem; Atividade de entrevistas aos colegas com aplicação de questionário.

Aulas 7 e 8: Apresentação, contextualização e análise das fotografias elaboradas pelos alunos e suas percepções sobre a paisagem de Itá. Como as transformações na paisagem modificaram as dinâmicas, os lugares e o modo de vida da população; Percepções da paisagem de Itá pelos alunos através de desenhos.

Aulas 9 e 10: Uma visão futurística sobre a cidade de Itá. Com as fotografias tomadas pelos alunos, estes deverão lançar um olhar sobre o futuro da cidade, imaginando como será a paisagem de Itá com o passar dos anos, o que os alunos gostariam que tivesse na cidade, (estabelecimentos comerciais, pontos turísticos, opções de lazer, etc..). Como forma de avaliação será realizada a produção de sínteses dos alunos sobre as aprendizagens adquiridas e a avaliação dos alunos sobre a oficina desenvolvida.

A turma em que foi realizada a oficina é composta por 21 alunos, todos são residentes na cidade de Itá, caracterizam-se por serem alunos muito participativos, questionadores e até mesmo críticos sobre sua própria realidade.



## 5.2.A PAISAGEM NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES

Inicialmente a perspectiva dos alunos sobre a paisagem referia-se a beleza e a estética. No primeiro momento de aproximação com temáticas paisagísticas, solicitei que uma aluna desenhasse no quadro, uma paisagem, como esperado ela desenhou as belezas da natureza, com um majestoso sol, com árvores, um riacho e até peixinhos. A partir deste desenho, desta representação da paisagem, questionei aos alunos se a paisagem referia-se apenas ao que é belo, ao que é contemplado. A maioria dos alunos no primeiro momento afirmou que sim, então comecei a desconstruir esta ideia. Abordando a paisagem como o domínio do visível, o que a vista alcança a composição de elementos naturais, artificiais e culturais que formam a paisagem. Então lhes questionei se a sala de aula também era paisagem. A maioria respondeu que sim, pois era possível de ser vista. Então lhes expliquei que a paisagem é o que a vista alcança, mas nem tudo que vemos é paisagem, pois ela se refere a espaços exteriores e não a ambientes externos. Mas que a escola, como um todo, é um elemento cultural da paisagem.

Alguns alunos também confundiam natureza com paisagem, em que lhes foi abordado as diferentes paisagens e seus contextos. E o questionamento sobre a verdadeira existência de uma paisagem totalmente natural, sendo que mesmo não havendo uma intervenção humana concreta sobre determinada paisagem, o fato de o ser humano ter conhecimento sobre ela, sobre suas dinâmicas e até mesmo realizar pesquisas e investigações sobre ela, não faz com que deixe de ser totalmente natural?

Então usei uma afirmação de Michel Corajoud “A paisagem é o ponto em que o céu e a terra se tocam”, é a linha do horizonte. Para a minha surpresa, os alunos entenderam de imediato, o conceito de paisagem a partir desta frase, buscando sempre nas fotografias e imagens apresentadas a linha do horizonte, para realmente ser uma representação de paisagem e não apenas um fragmento de paisagem.

Com o intuito de compreender a percepção de cada aluno sobre a paisagem foi aplicado o questionário abaixo em que depois as respostas foram socializadas em aula.

Quadro 1: Questionário Paisagens da janela e a Transformação do Lugar

1-Qual paisagem você gostaria de ver da janela do seu quarto?	Todas as respostas referiam-se a paisagens belas, como: “um jardim”, “uma praia”, ‘o
---	--

	mar”, “um campo de flores” e “um estádio de futebol lotado com o grêmio X inter”. Respostas estas que retratam as paisagens e o que os alunos gostam de olhar, sentir e viver.
2-Para quais paisagens você fecharia a janela?	Todas as respostas retrataram aspectos negativos, como: “lixão”, “rio poluído”, “fábricas com fumaça”, “uma briga”, “um lugar com prédios, carros buzinando e pessoas gritando”. Foram relatadas paisagens que trariam algum incômodo ou então desconforto.
3-Será que muitas vezes vimos, mas não damos atenção para o que a realidade da paisagem de uma janela perto ou distante nos mostra?	A maioria dos alunos relatou que sim referindo-se a problemas sociais ou ambientais, como: “o lixo”, “a poluição”, ou “a desigualdade social”
4-Se você pudesse mudar a realidade do lugar em que vive, qual janela você abriria, o que mostraria, e em qual ponto você fecharia a janela?	“Eu abriria para o companheirismo e fecharia para os problemas”, “Eu abriria nas torres e fecharia o que mostra a poluição de rios e florestas, mas mesmo assim tentaria ajudar”, “Abriria a janela vendo a usina hidrelétrica fecharia para as brigas do bairro São João” e “Eu abriria a janela para os projetos de renovação da natureza, a natureza recuperada. Fecharia para as calçadas mal feitas e o lixo no lago”. As respostas revelam os problemas sociais, ambientais e a preocupação em relação ao futuro do lugar em que vivem.

Fonte: Experiência Pedagógica realizada com alunos da E. M. Valentin Bernardi, 2018.

Através da aula: Olhares sobre a paisagem de Itá-SC, percebi que apenas dois alunos demonstraram um relação de não pertencimento a cidade, por não gostarem dos locais descritos por seus colegas. Por meio das fotografias, vários alunos demonstraram apego as torres da antiga igreja, que hoje é o símbolo e o ponto turístico de maior destaque na cidade.

Outros lugares também foram relatados como pontos de afetividade com a cidade, como a praça, a nova igreja, a casa de alguns parentes.

Ao visualizar as fotos da antiga cidade e as principais transformações da paisagem, alguns alunos mostram-se empolgados em contar histórias que aconteceram com algum de seus familiares na antiga cidade, histórias estas que revelam saudades e memórias da cidade velha.

Sobre as transformações das paisagens a maioria dos alunos questionou sobre o curso natural do rio Uruguai, que foi desviado para a construção do reservatório da UHE, e a grandiosidade de tal empreendimento por atingir vários municípios. Muitos alunos relataram como o lago se tornou parte fundamental da paisagem, como o asfalto (na antiga cidade havia apenas calçamento) parece ter mudado a mobilidade urbana e trazido mais progresso. As construções na nova cidade tornaram-se mais modernas, como a prefeitura e o hospital, com ruas planejadas, e com elementos como as casas Albertoni e Camarolli que continuam a preservar a cultura, história e memória do povo de Itá.

Os impactos das hidrelétricas também foram ressaltados através das imagens e através de um texto referente as hidrelétricas e as transformações na paisagem, foi questionado o tempo de vida útil de uma hidrelétrica, os pontos positivos e negativos quanto a sua instalação para o ambiente, a sociedade e a vida em geral.

### 5.3.AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM EM ITÁ NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES

Para melhor compreender a concepção dos alunos e suas opiniões referentes a transformações da paisagem com a instalação da UHE- Itá, foi aplicado o questionário abaixo, em que foi realizado em forma de entrevista com os colegas. Através desta atividade, apareceram elementos importantes das antigas e novas paisagens de Itá, até então não citadas em aula, como: os ipês presentes nas ruas do centro da cidade, e o cinema antigo da velha cidade.

Quadro 2: Questionário: As novas e antigas paisagens de Itá- SC

1- Você gosta de viver neste lugar? Por quê?	Apenas uma aluna relatou não gostar de viver na cidade de Itá, por estar distante de familiares queridos. Percebe-se que a maioria dos alunos
--	---

	apresenta uma relação de pertencimento e identidade com o lugar
2- Quando você pensa neste lugar em que vive, qual é a primeira imagem que lhe vem à cabeça?	A maioria das respostas seguiram este sentido “o pôr do sol”, “as torres” “as termas”, “o lago”, “a pedra símbolo da cidade”. A maioria dos alunos pensa em elementos marcantes da paisagem e da dinâmica da cidade de Itá.
3- De que forma você pensa no futuro deste lugar?	A maioria dos alunos pensa que a cidade estará bonita, com novos pontos turísticos e comerciais. Apenas três alunos citaram possíveis problemas de acordo com suas percepções: “Um monte de idosos de muleta”. O que retrata o envelhecimento da população e também a saída dos jovens para trabalhar em outras cidades com mais oferta de emprego. Outro aluno relata: “Com menos poluição e malandragens, e é claro eu acredito que ela vai mudar porque muitos avanços estão por vir”. Frase esta que relata uma esperança de melhoria e mudanças em relação ao futuro. E outro aluno descreve “Uma educação aprimorada e muito boa”. Percebe-se a esperança de um jovem de mudança através da educação.
4- Qual imagem(s) você levaria deste lugar, em caso de mudança amanhã? Por que esta imagem?	As principais respostas foram: “o lago”, “as torres”, “a rua dos ipês por representar a beleza presente no centro da cidade”. As respostas de três alunos demonstram o apego e a afetividade ao lugar em que vivem. “Do alto do morro onde morro porque tem uma vista muito bela”. “Do sítio meu, porque tenho uma vista privilegiada do rio Uvá”(sic) e “A imagem da minha casa porque me lembraria de como eu era feliz lá”
5- Quais fotografias você enviaria a um parente que está distante para que ele conheça o lugar em que vive?	A maioria dos alunos respondeu uma fotografia das torres da antiga Igreja, isto retratada o grande

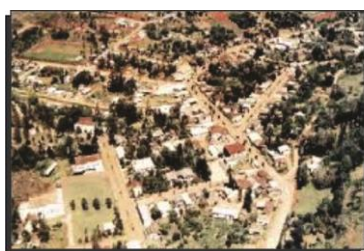
	sentimento de apego, afetividade com este símbolo e marco turístico da cidade de Itá. Como o único elemento da paisagem da velha cidade que sobreviveu e permanece firme e forte.
6- Quais paisagens, ou quais elementos da paisagem você considera negativo e gostaria que desaparecesse deste lugar?	As respostas foram variadas como: “As pichações e o vandalismo”, “o lixo”, “os buracos nas calçadas”, “o esgoto a céu aberto”, “a poluição e o desmatamento”. Apenas um aluno apresentou um ponto mais direto à sua realidade: “As casas abandonadas no bairro Floresta porque são foco de doenças e poluição”. Demonstrando a preocupação com um problema social e também ambiental.
7- Quais paisagens você pensa que deveriam ser fotografadas porque daqui a algum tempo elas não existirão mais? Por quais motivos esta paisagem deixará de existir?	As respostas foram diversificadas: “as matas de araucária”, “os ipês da cidade”, “a prainha, pois está secando”. Apenas um aluno demonstra maior preocupação com o lugar em que vive: “A floresta perto da minha casa por que ela corre risco de ser desmatada para servir de lugar para a pecuária e agricultura”
8- Converse com seus familiares ou vizinhos sobre a vida no passado neste lugar, se a vida está melhor agora ou era melhor no passado? Por quê?	Os alunos citaram pontos positivos e negativos tanto do passado como do presente. “Era melhor no passado por que não tinha tanta poluição nem desmatamento” “Agora, pois tá moderna e criativa”(sic), “ É melhor agora tem mais tecnologia”. “Não, pois no passado tinham convivência com os mais próximos”, “Hoje pois se tem mais recursos”.
9- Em sua opinião qual a maior transformação da paisagem com a construção do reservatório da UHE- Itá?	As principais respostas foram: “desmatamento da mata nativa”, “o lago”, “a usina” “a cidade ficou maior e mais planejada”.
10- Qual a antiga paisagem de que a população da cidade mais sente saudades? Por quê?	“a cidade antiga, porque foi alagada”, “a igreja da antiga cidade”, “ eu acho que o cinema por que quando acabava a missa eles iam ao cinema”,

	“minha mãe me diz que sente saudades da igreja e do cine (cinema da velha cidade)”. Frases que revelam paisagens que ainda marcam a memória dos moradores.
11- Qual a paisagem que representa atualmente a cidade? Por quê?	“As torres pois foi um símbolo que sobrou da cidade”, “o lago por que mudou a cidade”, “A pedra da cidade de Itá pois é um dos pontos turísticos mais populares”. Percebe-se estes elementos paisagísticos citados, como símbolos da cidade de Itá e exercem uma relação de afetividade para os itaenses.

Fonte: Experiência Pedagógica realizada com alunos do 7º ano da E. M. Valentin Bernardi. \*As questões do questionário acima foram baseadas e adaptadas do seguinte trabalho: SOUZA, Reginaldo José de. **O sistema GTP (Geossistema-Território-Paisagem) aplicado ao estudo sobre as dinâmicas socioambientais em Mirante do Paranapanema-SP**, Presidente Prudente, 2010.

#### 5.4.FOTOGRAFIAS UTILIZADAS PARA ABORDAR AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM EM ITÁ-SC

Fotografia 5: Antiga e Nova Cidade de Itá



Cidade Velha de Itá



Cidade Nova de Itá

Fonte: Prefeitura Municipal de Itá

A antiga e a nova cidade de Itá-SC. Esta imagem foi utilizada para estabelecer relações e comparações entre a nova e a antiga cidade, como a relocação do sítio urbano, os principais elementos da paisagem, a vegetação, a presença marcante do lago na nova cidade.

Fotografias 6 e 7: A cidade de Itá antes da UHE.



Fonte: Prefeitura Municipal de Itá, 2018

A cidade de Itá e a igreja antes da UHE. Estas fotografias foram utilizadas para debater sobre a história, a economia, a mobilidade urbana e as dinâmicas da antiga cidade. Também foi ressaltada a forte presença da religião na vida dos moradores de Itá.

Fotografia 8: Antiga Igreja de São Pedro.



Fonte: Daiane quadros, 2015



A antiga igreja, um dos elementos centrais da antiga cidade de Itá, que permanece viva nas memórias e lembranças de muitos habitantes da cidade através das cerimônias e festas religiosas realizadas na antiga Igreja de São Pedro. Esta fotografia expressa a relação de paisagem e memória e cultura, sendo a igreja um elemento marcante da vivência na antiga cidade.

Fotografia 9: Torres da Antiga Igreja de São Pedro



Fonte: Estudantes da E. M. Valentin Bernardi, 2018.

As torres remetem ao passado, a vida na antiga cidade e a forte presença da religião na vida das pessoas. Atualmente as torres são o principal símbolo da cidade de Itá-SC, como um elemento da paisagem que resistiu a força das águas. Durante a realização da experiência pedagógica os estudantes demonstraram uma relação de apego, de afetividade e apreço pela paisagem das torres.

Fotografias 10 e 11: Pedra fundamental da Nova Cidade de Itá-SC

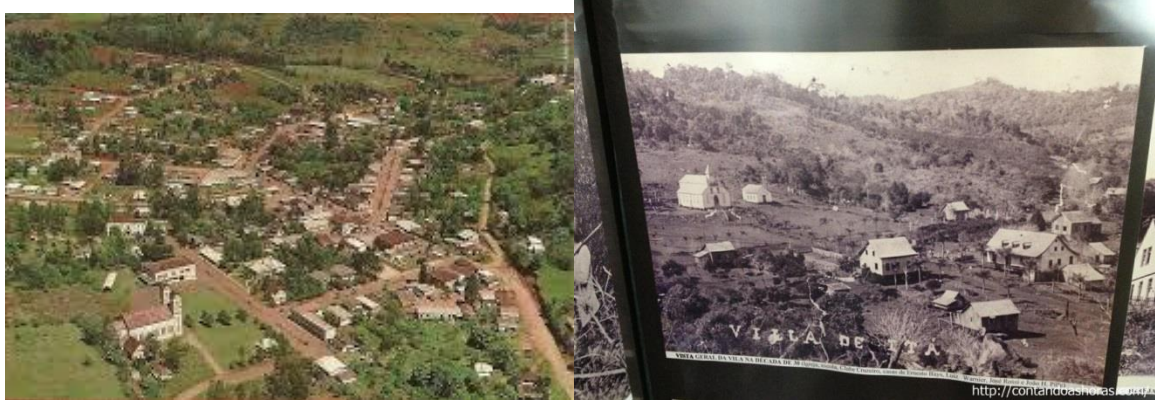


Fonte: Prefeitura Municipal de Itá, 2018.



Estas fotografias representam o marco, a pedra fundamental da nova cidade de Itá, que em tupi guarani significa “pedra”. Um marco que representa uma nova cidade, uma nova vida e uma nova História. A partir desta fotografia foi destacada a presença dos símbolos e seus significados na paisagem e sua importância para leituras paisagísticas de determinada realidade.

Fotografias 12 e 13: A colonização e expansão da antiga cidade de Itá-SC



Fonte: Casa da memória Camaroli, 2018

Estas fotografias foram utilizadas para representar a colonização e história da antiga cidade de Itá-SC. Foi abordado a vinda dos imigrantes italianos, alemães e poloneses para o estado de Santa Catarina. Também foi ressaltada a presença dos índios, principalmente os Guaranis na história de Itá.

Fotografia: 14: Antigo hospital de Itá



Fonte: Daiane Quadros, 2015.

Fotografia 15: Novo hospital de Itá



Fonte: Alexandra Carniel, 2018.

As fotografias acima foram utilizadas para a reflexão sobre o planejamento da nova cidade, e os usos de seus espaços públicos, com destaque para a saúde. Também foi abordado que com a construção da UHE o município passou a receber royalties que passam a compor a base da sua economia e que podem ser investidos em recursos como a saúde e a educação.

Fotografia 16: Prefeitura Antiga



Fonte: Daiane Quadros, 2015.

Fotografia 17: Prefeitura da Nova cidade



Fonte: Alexandra Carniel, 2018.

As fotografias da antiga e atual prefeitura demonstram mudanças na arquitetura da nova Itá, que por ser planejada passa a ter construções mais modernas e até mesmo mais atrativas e turísticas.

Fotografia: 18: Centro de Divulgação Ambiental (CDA)



Fonte: Alexandra Carniel, 2018.



O CDA é o órgão responsável pela divulgação ambiental dos programas realizados pela UHE, também realiza projetos voltados a educação ambiental nos municípios atingidos pela UHE. No CDA são encontradas várias fotografias, documentos e objetos de todos os municípios atingidos pela UHE.

Fotografia 19: Itá Termas Parque Hotel



Fonte: Daiane Quadros, 2015.

Esta fotografia foi utilizada para representar o turismo, a circulação de pessoas e os atrativos presentes na cidade de Itá-SC. Com a relocação e o planejamento da nova Itá, a base da economia deixou de ser apenas agropecuária, e passou a ser turística através da construção de espaços de lazer e a organização de passeios turísticos.

Fotografia 20: Ruas da cidade de Itá.



Fonte: Daiane Quadros, 2015.

Estas fotografia representam a nova dinâmica urbana de Itá-SC. Uma cidade que foi totalmente planejada. Na antiga cidade havia apenas calçamento, e a nova cidade é amplamente asfaltada representando desta maneira uma forma de progresso para alguns moradores de Itá.

Fotografias 21 e 22: Casa da Cultura Alberton e Casa da Memória Camaroli



Fonte: Alexandra Carniel, 2018.

As fotografias acima representam a preservação da cultura, através de duas casas da antiga cidade que foram reconstruídas na nova cidade, a casa Alberton de colonização alemã e a casa Camaroli de arquitetura italiana, pertencentes a duas famílias tradicionais da antiga cidade.

Fotografias 23 e 24: Praça e Rua da Nova Cidade de Itá.



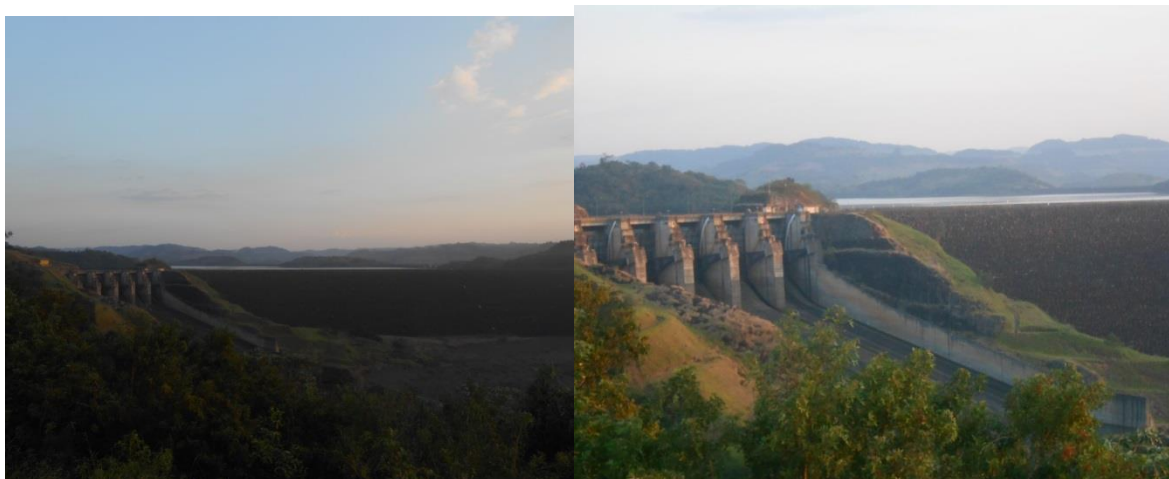
Fonte: Alexandra Carniel, 2018.

Na primeira fotografia está representada uma homenagem ao primeiro médico da cidade, Dr. Aldo Ivo Stumpf, em que a praça leva seu nome. E na segunda fotografia



podemos observar uma praça bem arborizada, pensamos assim no planejamento urbano para a construção da Nova cidade de Itá totalmente planejada, porém com uma nova função histórica, política e administrativa.

Fotografia 25 e 26: Usina Hidrelétrica Itá.



Fonte: Alexandra Carniel, 2018.

A partir destas fotografias podemos refletir sobre a hibridação da paisagem e a relação homem sociedade e natureza. Bem como, pensar sobre os impactos positivos e negativos da implantação da UHE e quais suas implicações para o futuro.

#### 5.5.OS DESENHOS ELABORADOS PELOS ESTUDANTES E AS REPRESENTAÇÕES DA PAISAGEM DE ITÁ

Com o intuito de trabalhar com a percepção dos alunos, foi solicitado à eles que fizessem um desenho representando as paisagens significativas sobre a cidade, paisagens que eles gostassem e exercem um sentido e um significado para os moradores de Itá, buscamos trabalhar com a percepção do indivíduo. Desenhar é permitir a expressão concreta dos sentimentos, da intuição, dos desejos, é um despertar artístico para a imaginação e a percepção da realidade.

A partir dos desenhos podemos realizar uma análise crítica e descritiva em relação as percepções dos estudantes sobre a paisagem. É preciso ressaltar que não temos a intenção de caracterizar os desenhos elaborados pelos estudantes, como paisagens. Pois a maioria deles apresenta apenas um elemento central da paisagem, o que exerce um significado sobre ela. Através dos desenhos apresentados pelos estudantes, estabelecemos quatro categorias.

Paisagem e Beleza, Paisagem e História, Paisagem e Afetividade e Paisagem e Pontos Turísticos.

### **Paisagem e Beleza:**

No primeiro desenho é representada uma imagem das torres da antiga igreja de São Pedro, com a seguinte afirmação: “Ela traz lucro e ainda enfeita a cidade”. Percebemos desta maneira a relação entre paisagem e a estética, fato que contribui para o potencial turístico do município, como fator contribuinte a base de sua economia.

O segundo desenho retrata muito bem uma paisagem, a partir da visão da linha do horizonte, com o desenho da praça principal da cidade, em que se encontra a pedra fundamental, marco da nova cidade de Itá-SC. Com a seguinte afirmação: “Pra mim eu gosto desta imagem por que é bonita e fica no centro”. Novamente esta expressa a relação entre paisagem e a estética, ao agradável a vista, e a localização por tratar-se de um ponto do centro da cidade, com maior opções de locais de lazer e comércio, com circulação de fluxos.

Figura 3: Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi.



Fonte: Experiência Pedagógica, 2018.

Figura 4: Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi.



Fonte: Experiência Pedagógica, 2018.

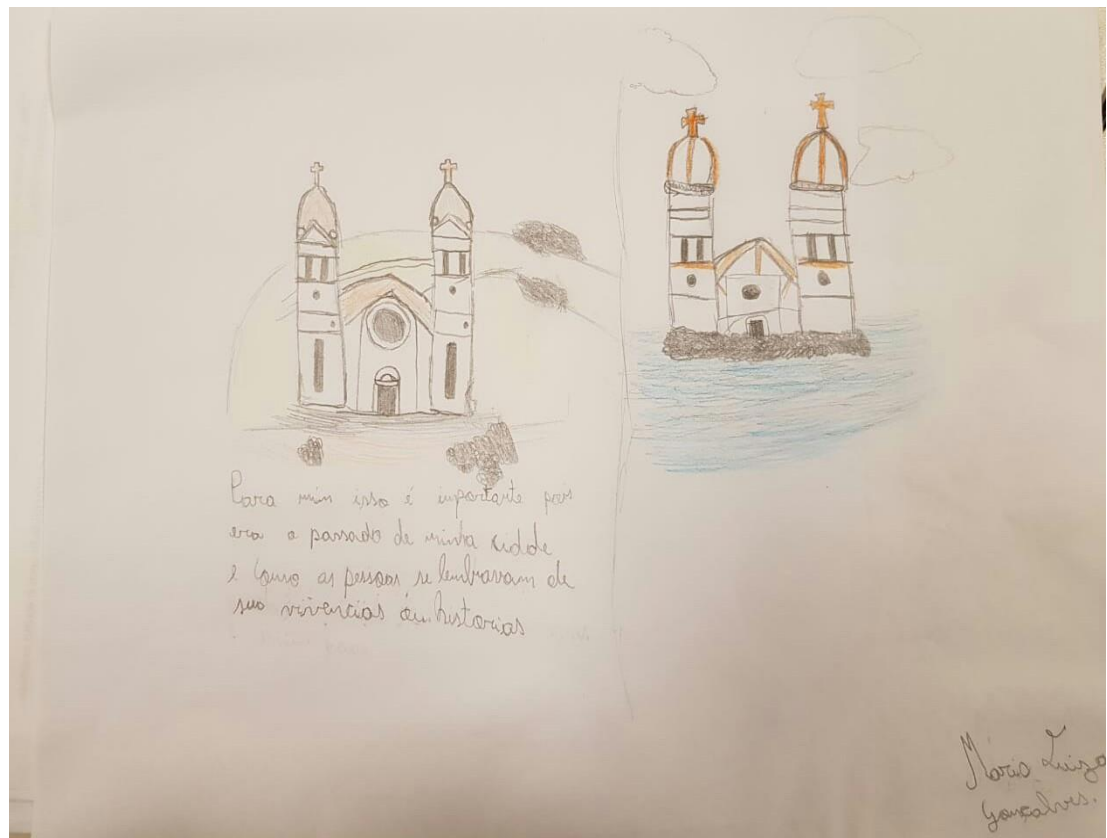
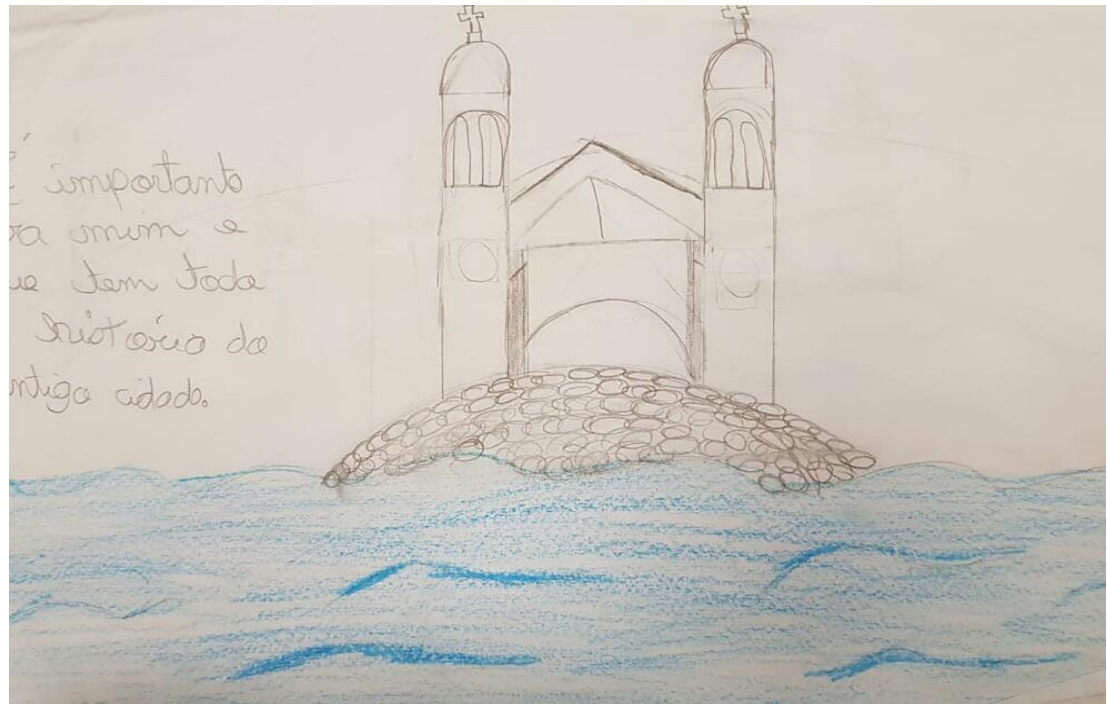
### **Paisagem e História:**

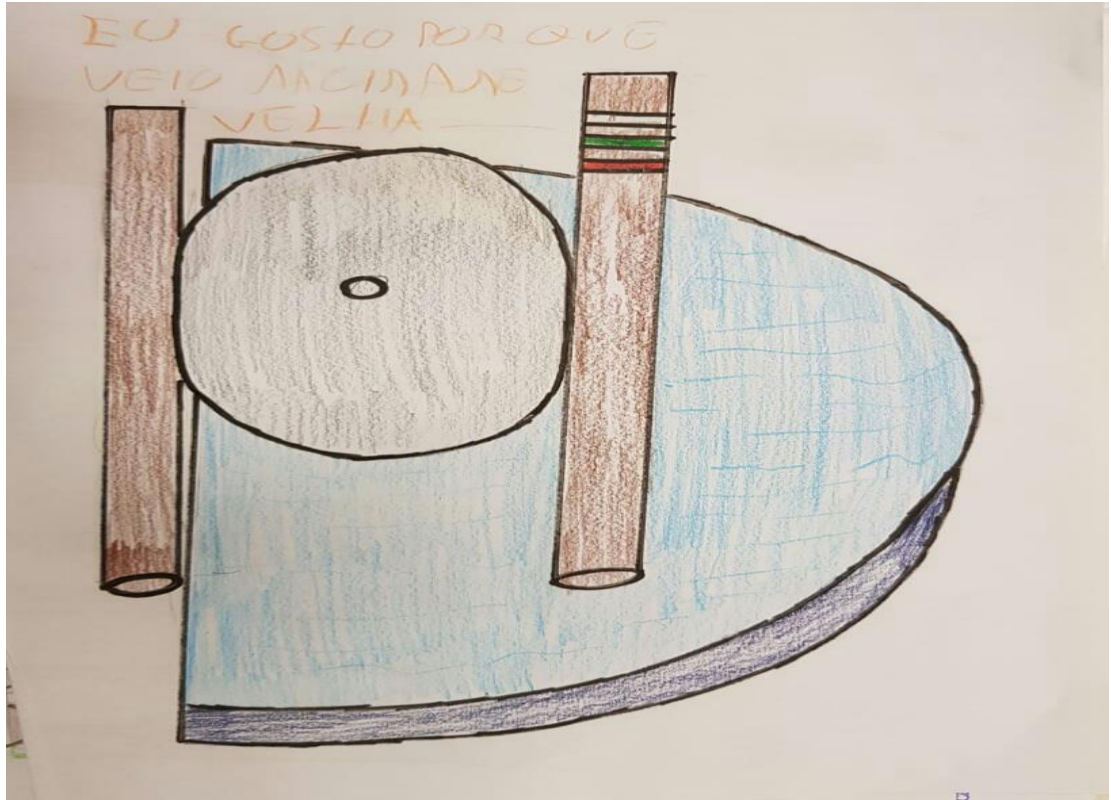
Estes desenhos foram categorizados assim, por tratar-se de representações com a legenda alusiva a sua importância histórica, através das seguintes afirmações: “bom, as torres da igreja é uma paisagem que me faz pensar como era com ela a cidade velha por isso gosto dela”. “que representa a história da antiga cidade”, “É importante pra mim e que tem toda a história da antiga cidade. ““ Para mim isso é importante pois era o passado da minha cidade e como as pessoas se lembravam de suas vivências ou histórias.” Representando o apego a este elemento paisagístico e sua dimensão histórica, e a memória dos momentos marcantes vividos, seja nas celebrações e nas cerimônias religiosas. Referente à representação da pedra fundamental, marco da nova cidade, o estudante assim afirmou: “Eu gosto por que veio da cidade velha”. A pedra fundamental é um elemento que era constituinte da paisagem da velha cidade, e hoje situa-se no centro da nova cidade, marcando a continuação de uma nova história de Itá.

Figura 5, 6, 7, 8 e 9: Desenhos realizados por estudantes do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi.





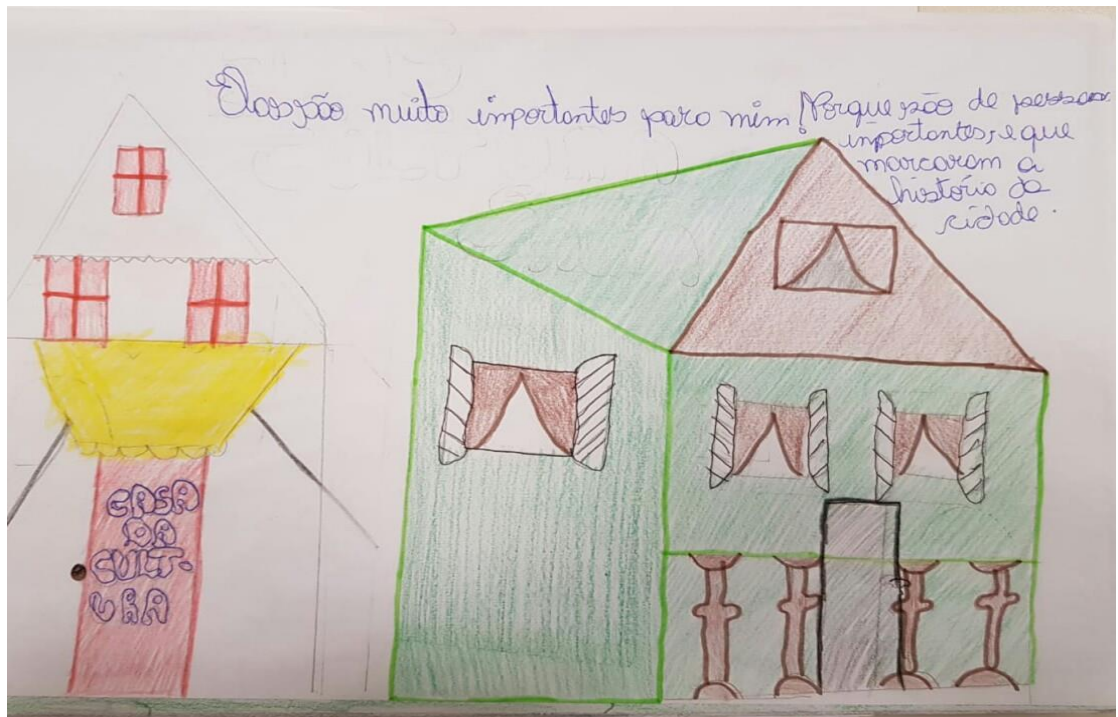




Fonte: Experiência Pedagógica, 2018.

Sobre uma representação da Casa da Cultura- Camaroli e Casa da Memória Alberton segue a seguinte legenda: “Elas são muito importantes para mim! Porque são de pessoas importantes e que marcaram a história da cidade”. Representando deste modo a influência da colonização alemã e italiana no município de Itá, e a grande importância das famílias Camaroli e Alberton na antiga cidade, através do comércio da Casa Alberton que funcionava como um armazém com venda de gêneros alimentícios e de limpeza, também servindo como uma espécie de pouso aos viajantes e visitantes da cidade, pois na antiga cidade não havia hotel, e alguns quartos da casa eram alugados. E a casa Camaroli conservando a arquitetura italiana pertencendo a uma tradicional família da antiga cidade.

Figura 10: Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi.

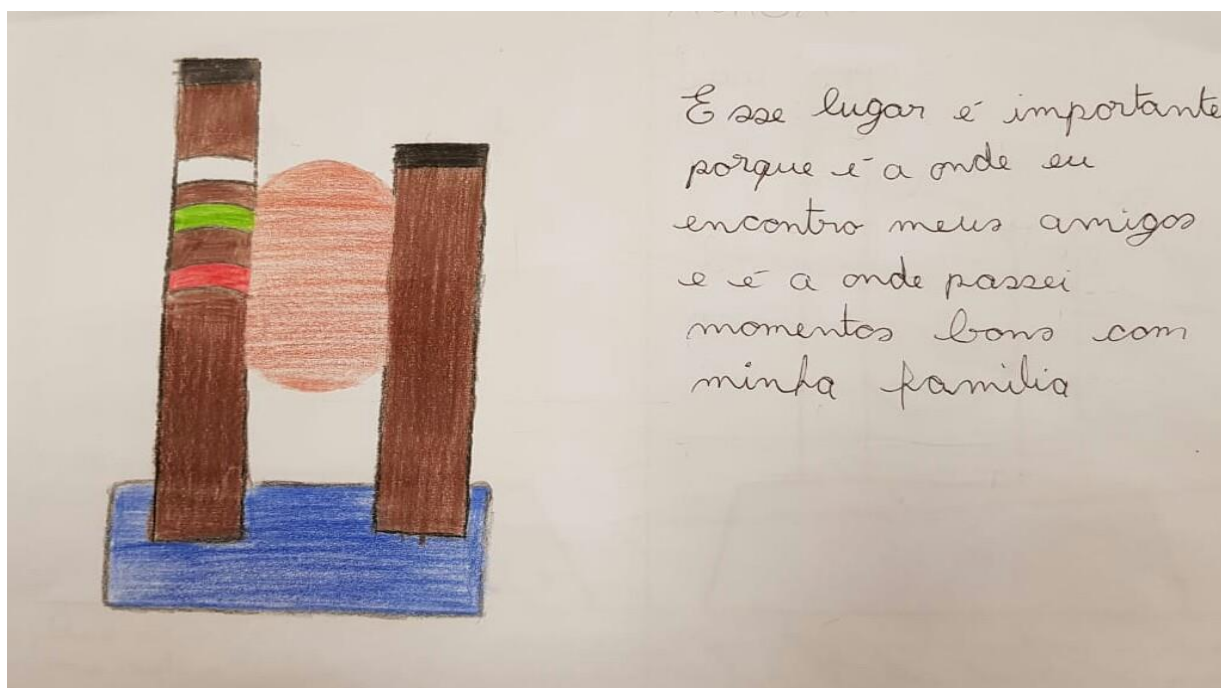
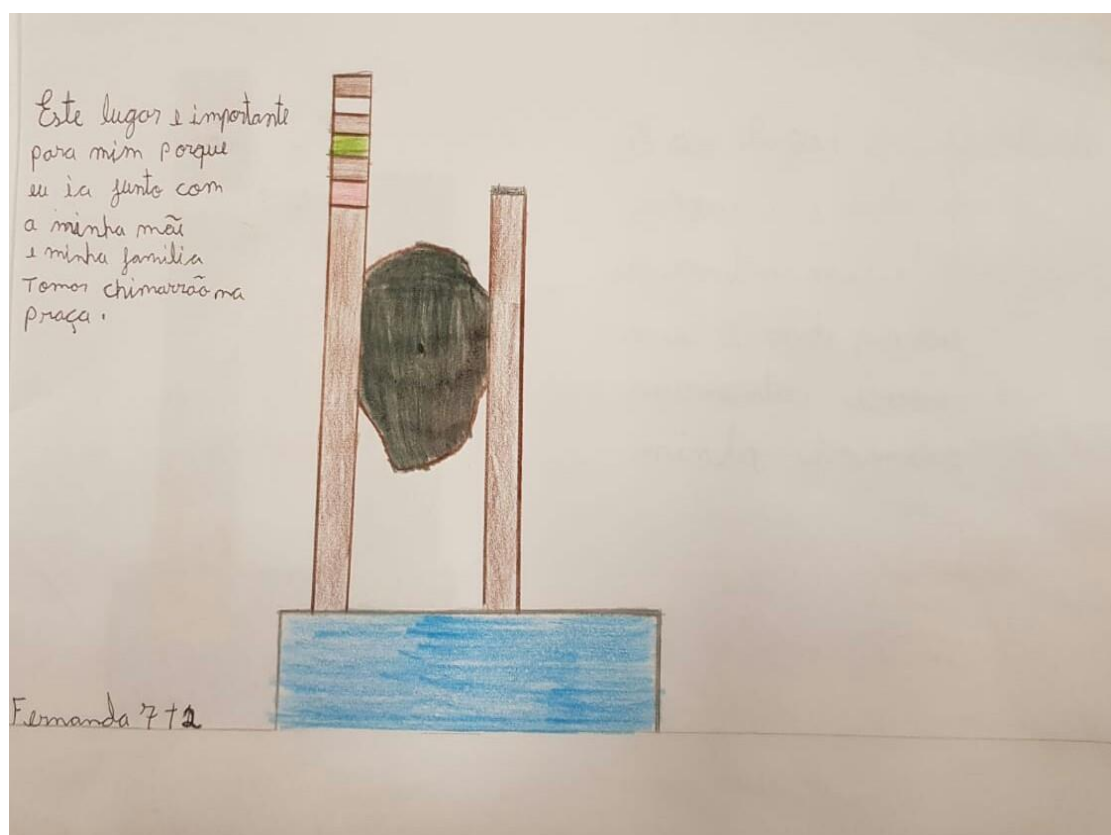


Fonte: Experiência Pedagógica, 2018.

### **Paisagem e Afetividade**

Representações da pedra fundamental localizada na praça central da cidade, com as seguintes descrições: “Este lugar é importante pra mim porque eu ia junto com a minha mãe e minha família tomar chimarrão na praça.”. “Esse lugar é importante porque é a onde eu encontro meus amigos e é a onde passei momentos bons com minha família”.

Figuras 11 e 12: Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi.

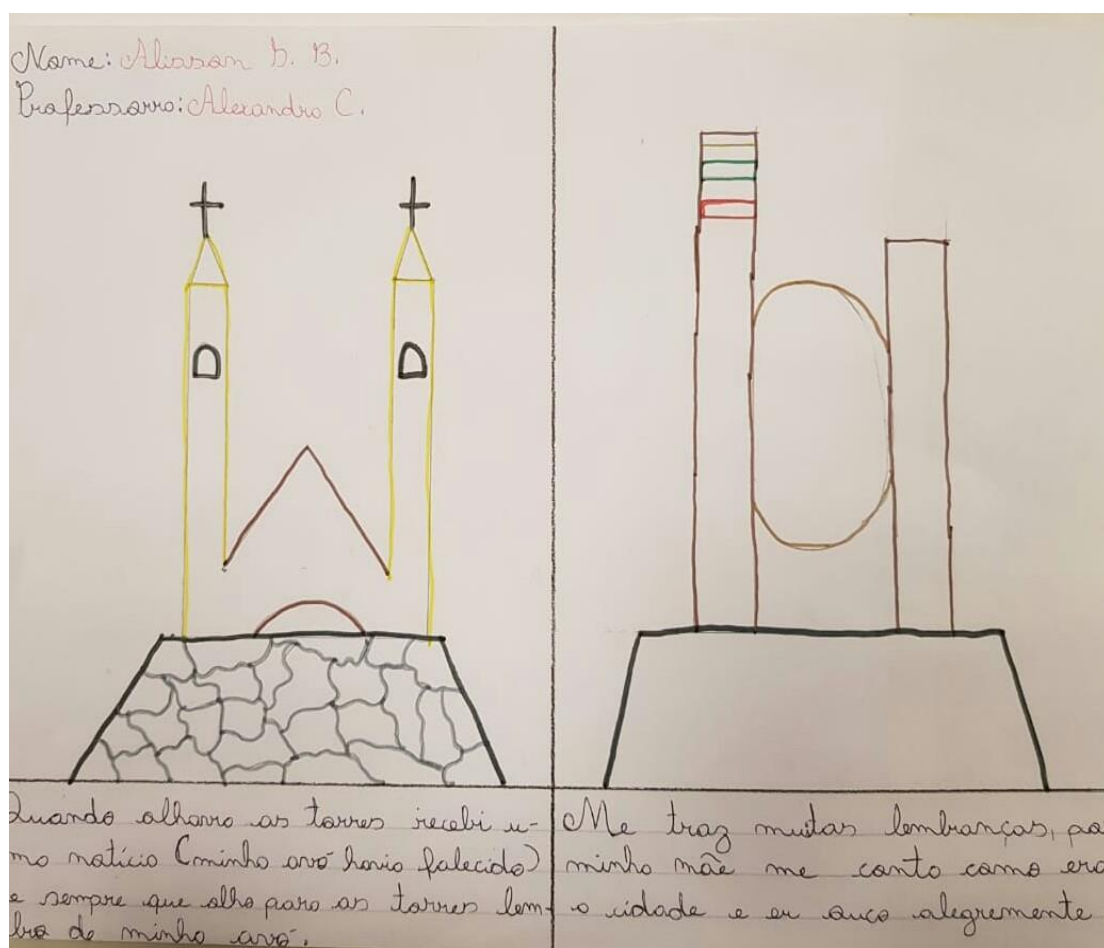


Fonte: Experiência Pedagógica, 2018.



Um estudante optou por retratar as torres e a pedra fundamental em seu desenho. Com a seguinte descrição sobre as torres: “ Quando olhava as torres recebi uma notícia (minha avó havia falecido) e sempre que olho para as torres lembro de minha avó.”. Percebe-se um fato marcante na vida do estudante que ao olhar para as torres lhe vem a lembrança de um ente querido. Sobre a pedra fundamental o estudante descreveu: “Me traz lembranças, pois minha mãe me conta como era a cidade e eu ouço alegremente.” Representando o gosto e a curiosidade sobre a vida na antiga cidade, e as memórias e lembranças de sua família, constituindo uma relação afetiva.

Figura 13: Desenho realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi.



Fonte: Experiência Pedagógica, 2018.

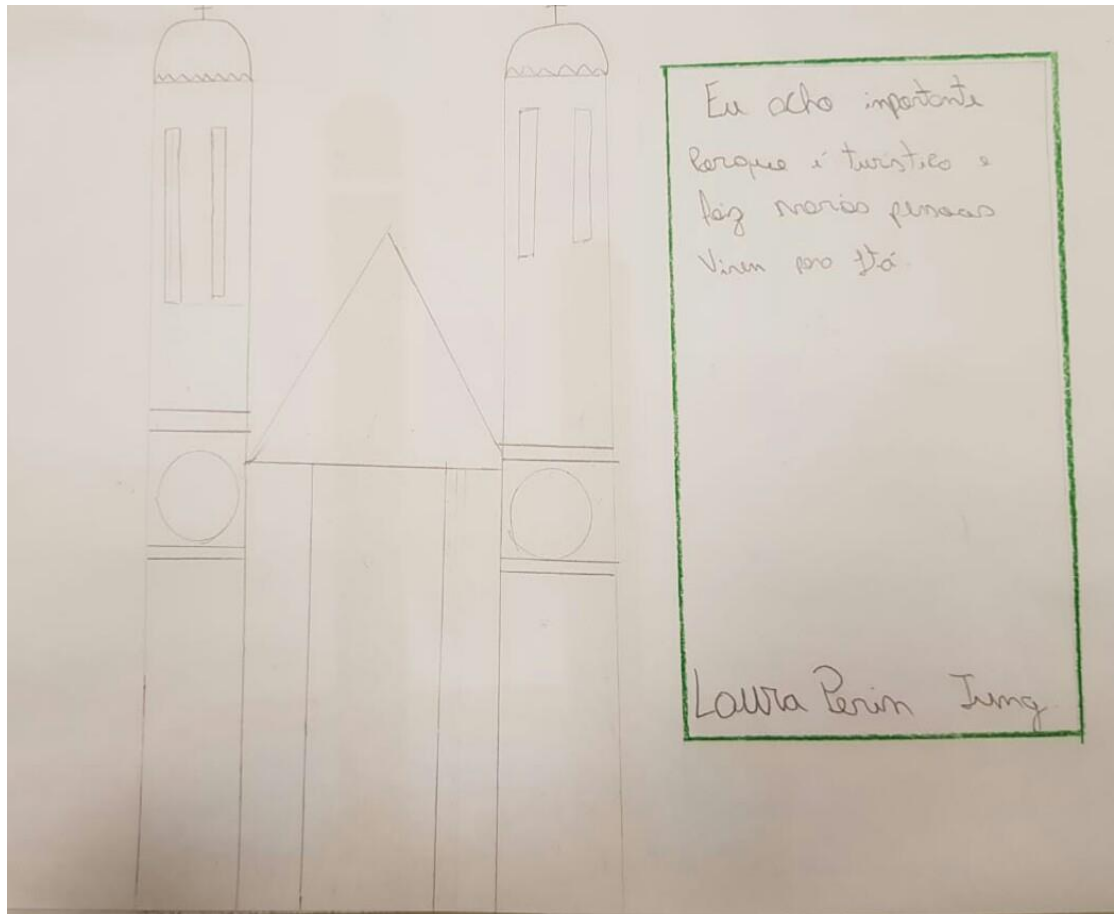
### Paisagem e símbolos turísticos

“Para mim a pedra é um dos principais símbolos da cidade”. “Eu acho importante porque é turístico e faz várias pessoas virem para Itá”. Duas descrições uma sobre as torres e

outra sobre a pedra fundamental de Itá que representam o significado e a importância dos principais símbolos da cidade, bem como sua importância comercial e turística que traz o fluxo de pessoas sobre Itá, compondo a sua base econômica, e intervindo no modo de vida e nas dinâmicas do município e sua população.

Figura 14 e 15: Desenhos realizado por estudante do 7º ano da E. M. E. F. Valentin Bernardi.





Fonte: Experiência Pedagógica, 2018.

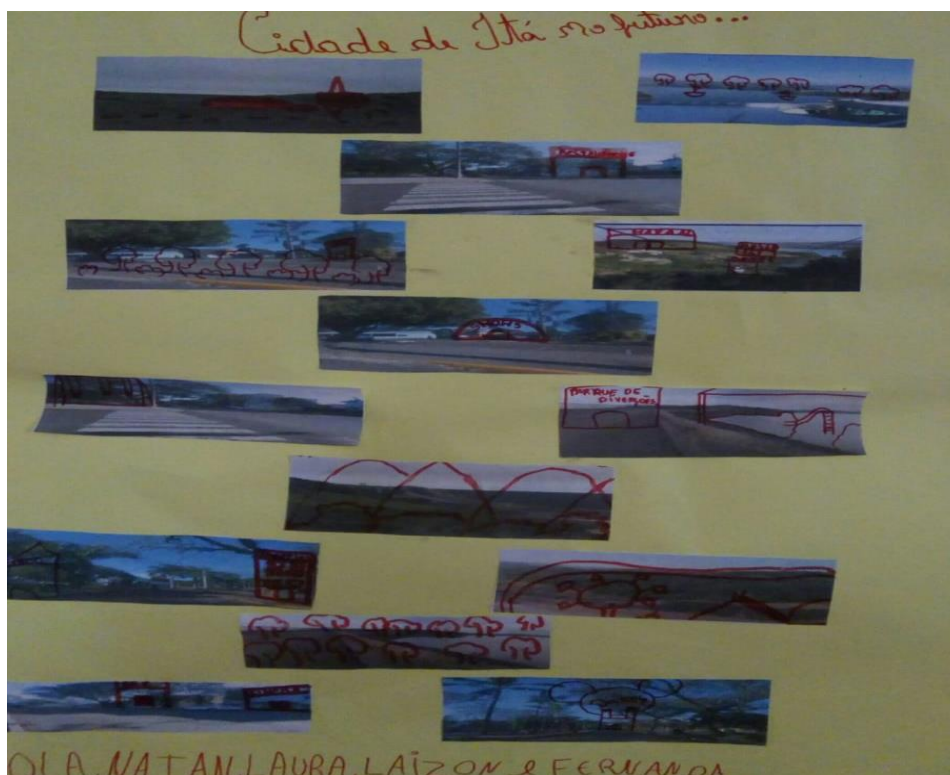
### 5.6.UMA VISÃO FUTURÍSTICA SOBRE AS PAISAGENS DE ITÁ

Com o intuito de trabalhar com a percepção dos estudantes e inserir a fotografia como recurso didático para estudos paisagísticos, foi solicitado aos alunos que elaborassem fotografias de paisagens significativas para eles, e explicassem através de um cartaz, como queriam esta paisagem no futuro, em que os estudantes poderiam desenhar sobre as fotografias se assim preferissem, lançando uma visão futurística sobre as paisagens de Itá. Os alunos foram divididos em quatro grupos, para a elaboração de quatro cartazes, sobre o futuro de Itá-SC. Os trabalhos realizados pelos grupos não foram divididos em categorias por tratar-se de uma visão futurística sobre a cidade de Itá. É preciso ressaltar que não temos a intenção de caracterizar todas as fotografias como representações da paisagem, pois algumas apresentam apenas fragmentos. Porém queremos frisar a percepção e a imaginação dos estudantes em relação ao futuro de Itá.

O grupo 1 “Cidades de Itá no futuro” Desenhou elementos, como mais árvores nas margens do lago e nas praças. E mais pontos comerciais e de lazer, como: parque de

diversões, restaurantes, shoppings, circo, bar, museu, cinema e um parquinho para crianças. Nota-se desta forma o anseio por mais paisagens de lazer, de diversão, convívio, interação social e emoções. Paisagens que desencadeiam fluxos de pessoas, de mercadorias e a circulação do capital, bem como o maior potencial turístico. Transformações nas paisagens que trariam mudanças na função e identidade dos lugares e que também abririam novas vagas de emprego na cidade.

Figura 16: Cartaz elaborado por estudantes do 7º ano da Escola Valentin Bernardi.



Fonte: Experiência Pedagógica, 2018.

O grupo 2 “Itá no futuro” optou por desenhar em apenas uma fotografia e escrever uma descrição para as demais. Desenhando bancos e um local de lazer, aparentemente uma lanchonete. Sobre uma fotografia com lixo, escreveram: “Para o futuro eu espero que as pessoas tenham mais consciência de seus atos em relação ao lixo. Plantem mais árvores”. Através desta descrição chamam a atenção para a preocupação ambiental, a preocupação com o destino adequado ao lixo, a conservação das paisagens através da preservação ambiental, e o papel do ser humano na intervenção nas paisagens, no seu, uso, apropriação e os problemas deixados pela sociedade como a poluição ambiental.

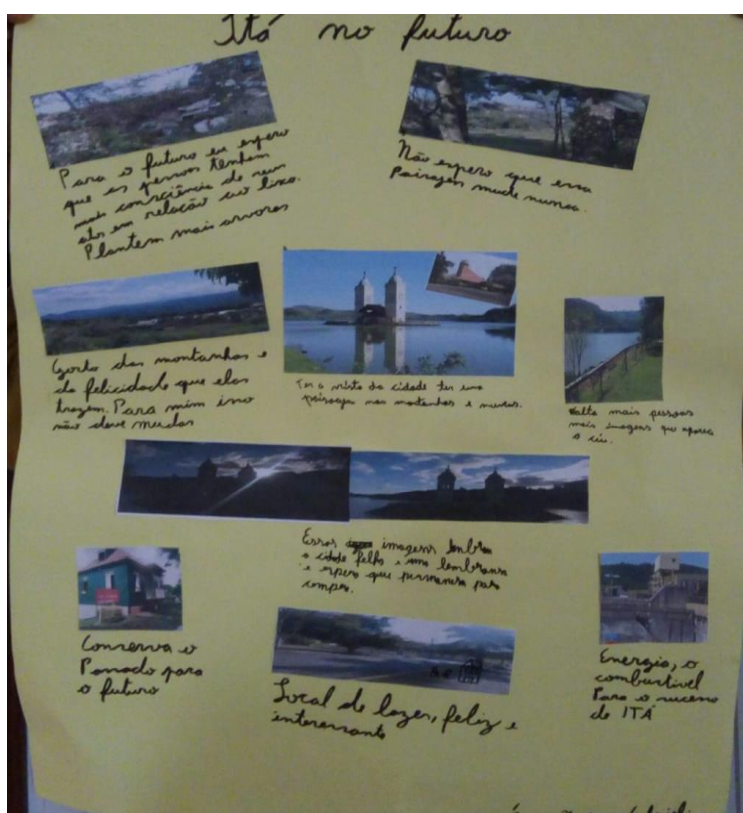


Sobre uma fotografia de montanhas escreveram: “Gosto das montanhas e da felicidade que elas trazem. Para mim isso não deve mudar”. Esta frase remete a contemplação da paisagem, o agradável aos olhos e também a mente e ao coração. O identificar-se com a paisagem, e também está expresso o gosto pela relação estética da paisagem.

Sobre a fotografia das Torres, o grupo assim descreveu: “Essas imagens lembram a cidade velha é uma lembrança e espero que permaneçam para sempre”. Salientando o apego, a afetividade, e o desejo da eterna lembrança da antiga cidade. As torres que sobreviveram ao tempo, as águas e ao progresso.

Na fotografia da usina adicionaram a seguinte descrição: “Energia o combustível para o sucesso de Itá”. Frase que remete a grande importância da UHE na base econômica do município, e também o valor agregado ao turismo e pontos de visitação. O fato de como a cidade de Itá tornou-se visível no estado de SC, a partir da construção da UHE, conhecida como a cidade que ressurgiu das águas.

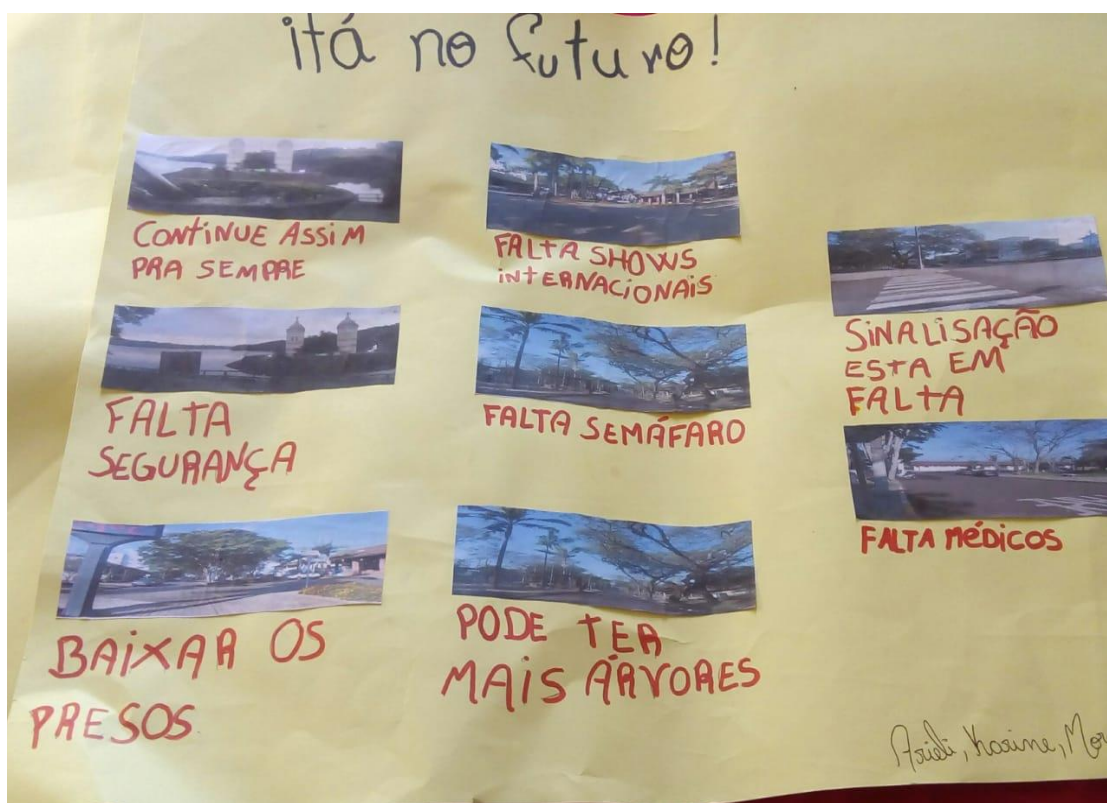
Figura 17: Cartaz elaborado por estudantes do 7º ano da Escola Valentin Bernardi.



Fonte: Experiência Pedagógica, 2018.

O grupo 3 optou por através das fotografias ressaltar pontos a serem melhorados na cidade, como: a falta de segurança, a falta de sinalização de trânsito, a falta de shows internacionais, a falta de médicos no hospital. E sugestões, como: “Pode ter mais árvores” e “baixar os preços” no comércio da cidade. Estes pontos destacados pelo grupo são muito interessantes, pois sugerem melhorias que tornariam a vida na cidade mais segura, atrativa e agradável na visão dos estudantes. Através das sugestões propostas pelos estudantes podemos refletir sobre a dimensão política da paisagem, e a importância da observação, do olhar empírico para buscar melhorias e transformações paisagísticas. Como na infraestrutura urbana, na especulação imobiliária e no trânsito.

Figura 18: Cartaz elaborado por estudantes do 7º ano da Escola Valentin Bernardi



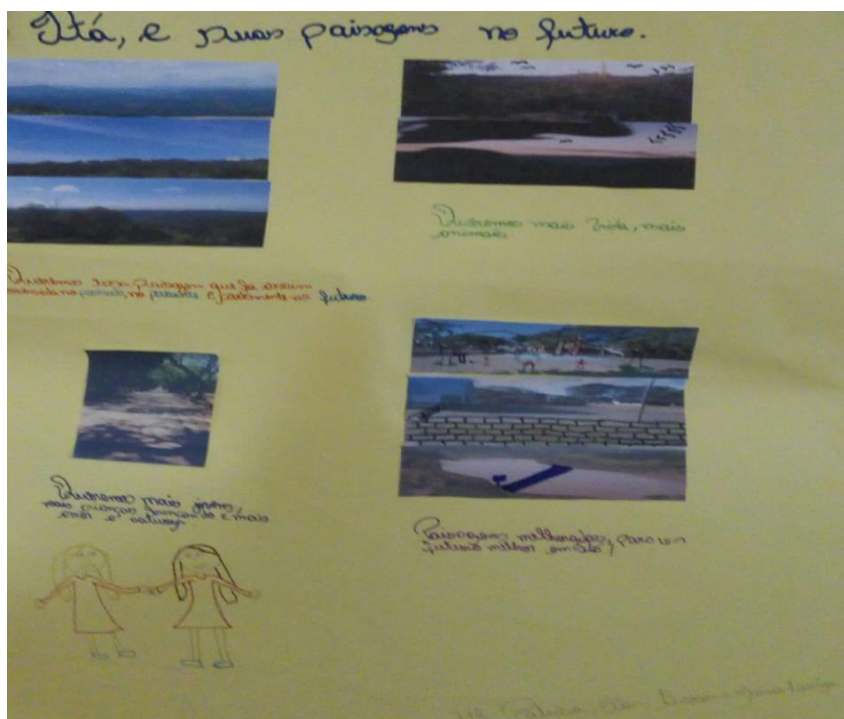
Fonte: Experiência Pedagógica, 2018.

O grupo 4 “Itá e suas paisagens no futuro” destacou pontos muito instigantes à cerca da reflexão da realidade, através da paisagem representada pelas fotografias. Sobre uma fotografia, com o céu e uma área verde em destaque, escreveram: “Queremos essa paisagem que foi assim preservada no passado, no presente e no futuro”. Em uma fotografia de paisagem verde adicionaram a seguinte descrição: “Queremos mais vida, mais animais”. Em ambas as reflexões percebe-se a preocupação ambiental com a preservação das paisagens e a

biodiversidade. Podemos relacionar com os direitos da paisagem, e a percepção ambiental. E a grande relevância da preservação das paisagens para a preservação das espécies, da superfície terrestre e da vida.

Sobre outras fotografias desenharam muros, uma ponte, uma praça mais arborizada com crianças, com a descrição: “Paisagens melhoradas, para um futuro melhor em Itá”. E como uma síntese final o grupo afirmou: “Queremos mais jovens, mais crianças brincando e mais amor a natureza”. Abordando assim, a preocupação com o envelhecimento da população e o desejo da liberdade de brincar e viver a cidade. Relatando assim uma paisagem de vida, de alegria, de preservação, em que o homem viveria em harmonia com a natureza, usufruindo dos recursos naturais, mas sem degradar. Mais jovens e mais crianças expressa o que na visão dos alunos talvez seja um problema, como o envelhecimento da população. Este grupo também desenhou duas meninas de mãos dadas, dialogando com membros do grupo eles afirmaram ser uma forma de representar o amor, a liberdade, a expectativa de transformações paisagísticas e da sociedade em que todos podem sentir-se seguros para expressar suas emoções sem sentir preconceito.

Figura 19: Cartaz elaborado por estudantes do 7º ano da Escola Valentin Bernardi



Fonte: Experiência Pedagógica, 2018.

A realização da experiência pedagógica com estudantes do 7º ano do município de Itá permitiu um olhar geográfico para as transformações da paisagem a partir da percepção dos estudantes sobre a sua própria realidade. As atividades de entrevistas com questionários, os desenhos de representações paisagísticas e os cartazes com uma visão para o futuro possibilitaram conhecer a cidade de Itá através das relações dos estudantes com a paisagem. Estudar a paisagem a partir de um empreendimento hidrelétrico favorece a análise dos impactos positivos e negativos da implantação de hidrelétricas e abordagem de questões ambientais.

Trabalhar com a percepção do indivíduo implica interferir na sua conduta espacial, na formação de opiniões e atitudes sobre determinado espaço. Questionando sobre as potencialidades, limitações e a organização de fragmentos espaciais. Através da percepção o indivíduo atribui sentidos e significados, criando vínculos afetivos com o ambiente e desenvolvendo a consciência ambiental e a preocupação com os impactos ambientais.

O aluno é sujeito histórico com papel social nas intervenções sobre o meio ambiente, de que também é parte integrante e atuante, através das paisagens vividas e transformadas pela ação humana.

Desenvolver a percepção ambiental significa criar uma visão de mundo, integrando ambiente físico, natural e humanizado através de uma perspectiva sociocultural. Uma junção de elementos que formam o ambiente, ao qual desenvolvemos elos afetivos, sensações e preocupações de pertencimento ou não pertencimento.

A percepção ambiental pode ser desenvolvida através de diferentes olhares e perspectivas lançadas sobre a cidade, quais os impactos que suas construções, seus elementos imprimem no ambiente, deixando marcas nas paisagens, nos lugares e nas dinâmicas sociais de seus habitantes. A percepção ambiental pode ser trabalhada através de representações, como a fotografia, através de paisagens consideradas marcantes e significativas na composição da cidade como um todo.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: PRESENTE, PASSADO E FUTURO E CIDADANIA**

As leituras e bases teóricas ajudaram a pensar uma sequência didática a partir das reflexões, questionamentos, dúvidas e propostas sugeridas por autores, tanto de cunho geográfico como filosófico, contribuindo para a construção de um novo conceito de paisagem que ultrapassa a dimensão do visível. A paisagem é a categoria de análise espacial, essencial ao entendimento do funcionamento do mundo, através da observação da relação homem-sociedade e natureza, o cenário dos fluxos, dos movimentos, ritmos e funcionalidades do meio urbano ou rural.

Procurou-se através da experiência pedagógica construir em conjunto com os estudantes um conceito de paisagem a partir da realidade vivenciada e das transformações na paisagem com a construção da UHE. Com reflexões sobre os impactos positivos e negativos ocasionados pela UHE, com a formação de posicionamentos críticos a partir de sua própria realidade e a forma como este processo interfere nas dinâmicas territoriais e paisagísticas.

A elaboração da sequência didática trouxe o raciocínio em relação à importância dos conceitos geográficos, essencialmente a paisagem, que está presente diante e além dos olhos do observador, primordial na interpretação do mundo, na intervenção da realidade e na busca pela transformação. A temática dos empreendimentos hidrelétricos foi fundamental para compreender as transformações paisagísticas e suas implicações de ordem ambiental, econômica, política, territorial e social. E também na compreensão sobre as potencialidades, os usos, os direitos sobre a paisagem e suas implicações para a vida.

Ao longo da pesquisa a paisagem foi tratada como o conceito chave fundamental, mas por tratar-se de um trabalho pautado numa experiência pedagógica, o uso da fotografia como recurso didático foi fundamental na observação do novo e do antigo, nos principais elementos de destaque das novas e antigas paisagens, na resignificação dos lugares e nos novos modos de vida.

A fotografia é uma representação paisagística da realidade apresentada, uma estratégia didática que permite ao aluno captar a paisagem do momento e expressar suas colocações, dúvidas e inquietações. Favorecendo o olhar sobre o antigo, a história, a formação do território e a luta da população. Bem como a observação sobre o presente, sobre a dinâmica vigente na cidade, as dificuldades, os desafios apresentados e também as potencialidades.

As fotografias foram utilizadas como forma de dimensionar um olhar para o futuro, com os seguintes questionamentos: o que a cidade precisa? O que está faltando? De que maneira a vida poderia ser melhor? Com o que devemos tomar cuidado para não sofrermos depois? Quais os problemas a serem superados para um futuro melhor? E qual o futuro que queremos, e o que estamos fazendo para de fato conquistá-lo?

Trabalhar com a fotografia permite que os próprios estudantes a partir de suas percepções e sensibilidades elaborem os recursos didáticos a serem utilizados em aula, defendendo seus pontos de vista e a opinião sobre sua própria realidade. Durante a realização da sequência didática, a fotografia foi uma estratégia fundamental na interpretação das transformações da paisagem de âmbito político, econômico, social e ambiental, e na leitura sobre os impactos positivos e negativos ocasionados pela UHE, a fotografia foi utilizada muito além de uma ilustração, mas como a base para a realização da leitura de conteúdos paisagísticos que dizem respeito a organização social e interferem na vida dos próprios estudantes.

E foi através do conhecimento pedagógico do conteúdo que todas as leituras de embasamento geográfico e filosófico foram transformadas em ensino, através da proposta da sequência didática, optando-se pela fotografia e pelos desenhos como instrumento e metodologia pedagógica, como maneira de mediar conteúdos e temas com vinculações paisagísticas a estudantes de 7º ano. O tema das hidrelétricas na transformação da paisagem também tem relação com o conhecimento pedagógico do conteúdo, pois parte da compreensão da realidade do aluno para reflexões mais profundas que abrangem a escala local desde a global.

A elaboração desta pesquisa foi muito proveitosa, em que aprendi muito na elaboração deste trabalho. Me aproximei de temáticas instigantes e relevantes a organização da sociedade, e apropriação do espaço geográfico. Compreendi a grande dimensão dos empreendimentos hidrelétricos que também fazem parte e interferem na minha própria realidade. Aliei as hidrelétricas com as transformações na paisagem, em que a todo o momento me questionava da importância deste tema, e de que forma transformá-lo em ensino e abordar a estudantes de 7º ano. Através das bases teóricas, das leituras realizadas com diferentes enfoques sobre a paisagem, percebi a fundamental importância deste conceito para a ciência geográfica e para análise espacial. Um conceito estruturante que não poderia ser trabalhado apenas por seus aspectos físicos ou visíveis, mas que deveria ser explorado ao

máximo, como uma porta aberta para o entendimento do mundo e também para a intervenção humana neste mundo.

Diante da complexidade e essencialidade dos conteúdos paisagísticos, optei pela fotografia por tratar-se da representação paisagística, como uma forma de captar e eternizar a paisagem de determinado período ou momento, e pela possibilidade de comparação e percepção das transformações paisagísticas. Em que os próprios estudantes podem construir os recursos didáticos utilizados em aula por meio de suas percepções e sensibilidades, instigando-se assim a construção da autonomia e da cidadania. Através das fotografias elaboradas pelos estudantes foram construídas relações entre paisagem- passado, presente e futuro. Em que foi direcionado um olhar crítico para as transformações da paisagem e suas implicações para a vida na cidade. A imaginação sobre a paisagem do futuro de Itá colocou em pauta pontos positivos, problemas a serem solucionado e as potencialidades futurísticas de Itá. Durante a realização da experiência pedagógica me questionei sobre os direitos da paisagem e agora relaciono a fundamental importância destes direitos para os direitos a cidadania e os direitos a educação, através de uma formação cidadã crítica, uma Geografia que faça a diferença na vida dos estudantes e na sua atuação e participação em sociedade.

Durante todo o processo de pesquisa e principalmente na realização da sequência didática, percebi a relevância extrema de domínio dos saberes científicos geográficos e também a essencialidade dos conhecimentos pedagógicos, do planejar a aula, selecionar temas e conteúdos, buscar recursos e metodologias diferentes. E é esta junção dos conhecimentos específicos com os conhecimentos pedagógicos que gera o conhecimento pedagógico do conteúdo. Conhecimento este, que transforma temáticas como a paisagem, as hidrelétricas em ensino e busca recursos didáticos como a fotografia para transformá-los em aprendizagens significativas aos estudantes.

Para a sequência didática foram destinadas 10 aulas, devido ao curto período de tempo, e ao prazo para a entrega da presente pesquisa, porém a paisagem é um caminho para a abordagem de diversos temas e conteúdos, uma categoria de análise que não se esgota e que pode ser muito explorada pela geografia na visão e entendimento de mundo, na construção da cidadania e na formação crítica.



## **BIBLIOGRAFIA**

ANDREIS, A. M. **Ensino de geografia: fronteiras e horizontes**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura: Imprensa Livre, 2012.

ASSUNTO, Rosário. A paisagem é a estética. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. **Filosofia da Paisagem: Uma antologia**, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2013.

ASSUNTO, Rosário. Paisagem-ambiente- território. In: **Filosofia da Paisagem: Uma antologia**, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2013.

BERQUE, Augustin. A ecúmena: medida terrestre do homem, medida humana da Terra. In: **Filosofia da Paisagem: Uma antologia**, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2013.

BERQUE, Augustin. O pensamento paisageiro: uma aproximação mesológica. In: **Filosofia da Paisagem: Uma antologia**, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2013.

BESSE, Jean. Mar. As cinco portas da paisagem ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas. In: **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. RJ: Eduerj, 2014.

BERTRAND, Georges. **Paisagem e geografia física global esboço metodológico**, Curitiba, n.8, p.141-152, 2004, Editora UFPR.

BERTRAND, Claude; BERTRAND, Georges. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. PASSOS, Messias Modesto (org.). Maringá: Massoni, 2009.

BRITTO, Monique Cristina de; FERREIRA, Cássia de Castro Martins. Paisagem e as diferentes abordagens geográficas. In: **Revista de geografia PPGeo**, Juiz de Fora- MG, v.2, n1, 2011.

CALLAI, H. C; MORAES, M. M. Educação Geográfica, Cidadania e Cidade. In: **ACTA Geográfica**, Boa Vista, 2017. Disponível em: <<file:///C:/Users/ACER/Downloads/4771-18404-1-PB.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2018

CARTA BRASILEIRA DA PAISAGEM-2012. Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas.

COELHO, Letícia Castilhos. **A paisagem na fotografia, os rastros da memória nas imagens**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/gpit/wp-content/uploads/2011/03/castilhos-leticia-a-paisagem-na-fotografia.pdf>>. Acesso em 25 set. 2017.

COELHO, Silvério José. **Transformação na paisagem decorrentes da construção da Usina Hidrelétrica do Funil- UHE-Funil e o impacto no município de Ijaci MG**. Lavras:UFL, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/handle/1/3821>. Acesso em 03 jun. 2018.

CORAJOURD, Michel. A paisagem é o lugar onde o céu e a terra se tocam. In: **Filosofia da Paisagem: Uma antologia**, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2013.

DEZAN, M. D.S; ANTONIO, F. D. **A fotografia como instrumental no ensino de Geografia: uma proposta pedagógica para uso em sala de aula**. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/141651/ISSN2357-7819-2014-10065-10074.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 08 fev. 2018.



ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio. **As transterritorializações na bacia do Rio Uruguai e o alagamento sistemático das coletividades**. Universidade Federal de Santa Catarina-Centro de Filosofia e Ciências Humanas-Programa de Pós –Graduação em Geografia, Florianópolis-SC, abril,2009.

FERNANDEZ, Carmen. **PCK-Conhecimento Pedagógico do Conteúdo: Perspectivas e possibilidades para a formação de professores**. Instituto de Química da Universidade de São Paulo. Disponível em: < <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0370-1.pdf>>. Acesso em 08 jun. 2018.

FREISLEBEN, A. P. Como os professores usam a fotografia no ensino de Geografia. In: **V Seminário Nacional Interdisciplinar em Experiências Educativas**, Francisco Beltrão, maio 2015.

HAGAT, CRISTIANE DE LURDES XAVIER. **Aprender a geografia: para ler o mundo: o olhar dos alunos sobre a cidade**. Ijuí, 2016. (Dissertação de mestrado- Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Educação nas ciências.)

LOPES, Claudivan Sanches. **O professor de geografia e os saberes profissionais: o processo formativo e o desenvolvimento da profissionalidade**. Tese apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARICATO, Ermínia. MetrÓpole, legislação e desigualdade. In: **Estudos Avançados**, 17 (48), USP, 2003.

MARTINEZ, C. A. F. Paisagem como categoria articuladora ao ensino de geografia: provocações teórico-metodológicas. **Geographia Meridionalis**, v. 03, n. 02 Out/2017 p. 217–231. Disponível em: < <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/index>>. Acesso em 08 jun. 2018.

MARTINI, Liamara. **Repercussões territoriais e econômicas em Aratiba-RS**, a partir da construção da Usina Hidrelétrica Itá, 2015.

OLIVEIRA, Livia De. Percepção Ambiental. In: **Paisagens Geográficas: Um tributo a Felisberto Cavalheiro**. Organização de Douglas Gomes dos Santos e João Carlos Nucci. Campo Mourão: Editora da FECILCAM, 2009, p.152-162. Disponível em: < [http://www.academia.edu/21390892/Paisagens\\_geográficas\\_um\\_tributo\\_a\\_Felisberto\\_Cavalheiro](http://www.academia.edu/21390892/Paisagens_geográficas_um_tributo_a_Felisberto_Cavalheiro)>. Acesso em 28 nov. 2017.

OLIVEIRA, Livia De. **Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

OLIVEIRA Livia. Percepção da Paisagem Geográfica. In: **Percepção do meio ambiente e Geografia: Estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

OLIVEIRA, S. A; LIMA, J. P; FARIAS, W. I. B. O conceito de paisagem na construção do conhecimento geográfico. In: **Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos**, Porto Alegre,jul. 2010.

PLANO DIRETOR DA USINA HIDRELÉTRICA ITÁ Disponível em: [www.consorcioita.com.br/fmanager/consorcioita/uhe/arquivo\\_plano\\_diretor1\\_1.pdf](http://www.consorcioita.com.br/fmanager/consorcioita/uhe/arquivo_plano_diretor1_1.pdf). Acesso em 04 jun.2018.

PUNTEL, Geovane Aparecida. A paisagem no ensino de geografia. In: **Revista Ágora**, Santa Cruz do Sul, v.13, 2007. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/index>>. Acesso em 28 jan. 2018.

QUADROS, Daiane de Almeida. **A percepção das transformações na cidade de Itá-SC:** Antes e depois da instalação da UHE, 2016.

RITTER, Joachin. Paisagem sobre a função do estético na sociedade moderna. In: **Filosofia da Paisagem:** Uma antologia. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia.** Hucitec, São Paulo, 1998. Disponível em: [http://www.fisica.uniud.it/URDF/masterDidSciUD/materiali/pdf/Shulman\\_1986.pdf](http://www.fisica.uniud.it/URDF/masterDidSciUD/materiali/pdf/Shulman_1986.pdf)>. Acesso em 31 maio 2018.

SIMMEL, Georg. **A filosofia da paisagem.** Universidade da Beira Interior Covilhã, 2009.

SOUZA, Reginaldo José de. **O sistema GTP (Geossistema-Território-Paisagem) aplicado ao estudo sobre as dinâmicas socioambientais em Mirante do Paranapanema-SP,** Presidente Prudente, 2010.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. In: **Revista Eletrônica de geografia y ciencias sociales.** Universidade de Barcelona, n.93, 15 jul. 2001.

UHE-ITÁ. Disponível em:< <http://www.consorcioita.com.br/consorcio-ita.html>>. Acesso em 04 jun. 2018.

## APÊNDICE A

### APRESENTAÇÃO DE SLIDES UTILIZADA NA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA



#### Transformações na paisagem

Alexandra Carniel

\*Acadêmica de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul

- O que é a paisagem?
- Que paisagens vocês conhecem?
- Existem paisagens transformadas pelo homem? Cite exemplos.
- Como as paisagens são modificadas? E por que são modificadas?
- Transformações naturais, culturais ou humanas;



► Conforme Milton Santos “a paisagem é tudo que a vista alcança”. É o plano do visível das cores, das formas e volumes. A paisagem não refere-se apenas ao belo e estético mas ao conjunto de elementos;

► Conhecer uma paisagem é reconhecer seus elementos sociais, culturais e naturais e a interação existente entre eles;

► Segundo Milton Santos (1997) “(...) tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca”;



► Elementos naturais: relevo, clima, vegetação, rios e oceanos;

► Elementos culturais: plantações, cidades, indústrias, estradas, pontes, construções;

► A paisagem expressa todas as relações que se desenvolvem no espaço geográfico;

► Nem toda paisagem é totalmente natural (intocada pelo homem), ou totalmente humanizada (inteiramente modificada). Muitas paisagens são composições de elementos humanos situados entorno ou próximo a um conjunto de elementos naturais. Também, com a evolução das técnicas, tornou-se possível ao homem habitar qualquer parcela do espaço desde os desertos às florestas.

## Paisagem natural

► É aquela que apresenta apenas elementos naturais, que ainda não foi modificada pelo homem e não sofreu com a ação antrópica. Ex: florestas, montanhas, desertos;



► Na sua opinião ainda existem paisagens totalmente naturais? Ou a intervenção humana já interferiu direta ou indiretamente nas dinâmicas de todo o planeta?

### Paisagem modificada, cultural ou humanizada

- Quando a paisagem sofreu transformações através da intervenção humana é chamada de paisagem modificada, cultural ou humanizada;
- Cidades, praças, rodovias, pontes, comércio, etc;



- As transformações na paisagem podem ser de ordem natural, como as condições de tempo, clima, a pressão atmosférica, a erupção de vulcões;
- Ou de ordem cultural, com: a construção de moradias, cidades, estradas;

### Escala de tempo para explicar as transformações da paisagem

- Tempo histórico: é calculado em séculos, com fatos históricos marcantes, ex: as grandes navegações século XV e XVI, a revolução industrial séculos XVII e XVIII;
- Tempo cíclico: marca a ocorrência de fenômenos que ocorrem em ciclo, em intervalos de duração variável, eventos sociais, migração de trabalhadores e eventos naturais: terremotos, erupções vulcânicas;



- Tempo geológico: calculado em eras e períodos. Marca acontecimentos de duração longa, como a história da formação da terra e dos continentes;



### A paisagem presente na arte



### A geografia e a paisagem

- Mais do que apenas descrever as paisagens a função da geografia é: esclarecer a rede de relações que se passam no espaço geográfico, em que cujo resultado é a paisagem. Interpretar fatos sociais, naturais, e econômicos e de que maneira moldam as feições da paisagem;





- ▶ Para a Geografia, a importância da paisagem está na possibilidade de entender o mundo e o lugar em que vivemos através de sua observação e análise;
- ▶ Identificando elementos naturais e humanizados compreendemos a dinâmica das atividades empreendidas por uma sociedade;
- ▶ Atividades econômicas, sua estrutura social – as sociedades, o grau de urbanização e de intervenções na natureza;

- A história da paisagem e os acúmulos de tempos presentes na paisagem... Mistérios a serem desvendados....



- ▶ A transformação na paisagem pelos grupos humanos através das técnicas e tecnologias;
- ▶ Transformações nas áreas urbanas construção de prédios, sistema de transporte, industrialização;

- ▶ Transformações nas áreas rurais, as florestas dão lugar a áreas de cultivo. O agronegócio e as transformações na paisagem...



- ▶ Transformações de ordem natural...
- ▶ De que maneira a paisagem interfere no bem estar social da população....
- ▶ A influência da cultura na paisagem..



- ▶ O trabalho transforma a paisagem: O homem necessita da natureza para sobreviver. Com o seu trabalho extrai da natureza tudo o que necessita: planta, cria animais, constrói moradias, cidades, pontes;



### Paisagens culturais que se tornaram patrimônios históricos



### A desigualdade social presente na paisagem



### As paisagens e a qualidade de vida

- › Muitas das transformações provocadas pelo homem na paisagem trouxeram inúmeras melhorias e facilidades a vida humana, porém outras acarretaram grandes problemas, ameaçando espécies de seres vivos e a qualidade de vida.;



### As transformações na paisagem de Itá com a construção da Usina Hidrelétrica



### A dimensão política da paisagem

- › E quais são as dimensões políticas da paisagem, expressas em suas formas e escalas? Possui a paisagem uma história política?
- › A paisagem é sim histórica, é história e também fruto de uma produção histórica. Acompanhando desta maneira a formação do universo, os avanços da sociedade e a organização do território.;



### A paisagem no contexto da globalização

- › A paisagem que se naturalizou com as consequências do capitalismo, com a globalização, com o avanço das técnicas, tecnologias e ciência, mas também a fragmentação dos espaços sociais, a segregação, as profundas e acentuadas desigualdades sociais.;



### Paisagem e os conflitos

- › A paisagem também é uma discussão que diz respeito aos conflitos, ao seu uso militar, político e intencional, na busca por mais soberania, mais terras, disputas territoriais, guerras e acordos;
- › A paisagem no centro dos debates que envolvem o território, no poder centralizado, no controle visual e estratégico, na dominação e alienação política, democrática e ideológica;

### A paisagem e os conflitos



### A paisagem e as características regionais



### Hibridação da paisagem



- › Como as tribos e grupos sociais marcam os lugares e paisagens;
- › Paisagem comum e projetada;
- › Paisagem e experiência de vida;
- › Apropriação pelo corpo;

### Questões polêmicas e a paisagem



Homem e o Meio Ambiente





### A poluição sonora e visual da paisagem



- › A função dos lugares e das paisagens;



### As memórias e a paisagem



### A paisagem e a afetividade



- › A paisagem e as representações sociais e culturais;



- › A mídia e a imagem das paisagens;
- › O turismo e o consumo das paisagens;



### Por que não utilizar as redes sociais para a preservação das paisagens?

- › As possibilidades que a paisagem oferece;
- › As limitações da paisagem;

### A paisagem e os desafios globais?





- A sensibilidade paisagística e a percepção ambiental;



### O futuro da paisagem



### A fotografia é paisagem?



### Direitos da paisagem



- Música paisagem da janela  
<https://www.youtube.com/watch?v=7sQclHhvEIU>>.  
<https://www.youtube.com/watch?v=9b4HBRXpZvs>>

- Qual paisagem vocês gostariam de ver da janela do quarto de vocês?
- Para quais paisagens vocês fechariam a janela?
- Será que muitas vezes vimos, mas não damos atenção para o que a realidade da paisagem de uma janela perto ou distante nos mostra?
- Se você pudesse mudar a realidade do lugar em que vive, qual janela você abriria, o que mostraria, e em qual ponto você fecharia a janela?

## REFERÊNCIAS

- ▶ BESSE, Jean. Mar. **As cinco portas da paisagem ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas**. In: O gosto do mundo: exercícios de paisagem. RJ: Eduerj, 2014.
- ▶ BRITTO, Monique Cristina de; FERREIRA, Cássia de Castro Martins. Paisagem e as diferentes abordagens geográficas. In: **Revista de geografia PPGEQ**, Juiz de Fora- MG, v.2, n1, 2011.
- ▶ OLIVEIRA, Livia De. **Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.
- ▶ SOUZA, Reginaldo José de. **O sistema GTP (Geossistema-Território-Paisagem)** aplicado ao estudo sobre as dinâmicas socioambientais em Mirante do Paranapanema-SP, Presidente Prudente, 2010.



## APÊNDICE B

### SÍNTESE SOBRE PAISAGEM E GEOGRAFIA

#### Paisagem e Geografia

Professora: Alexandra Carniel

\*A paisagem é tudo que a vista alcança. É a visão do horizonte, o ponto em que o céu e a terra se tocam. Podemos considerar a paisagem como um conjunto de elementos que podem ser naturais (montanhas, planaltos, rios, mares, matas) ou humanos, também chamados de humanizados ou culturais.\*Lembre-se a sala de aula não é paisagem! A paisagem refere-se a ambientes externos. (paisagem da janela).

\*Paisagem natural: é aquela que ainda não foi modificada pelo homem, e não sofreu com a ação antrópica. Ex: florestas, montanhas e desertos.

\*Paisagem cultural ou humanizada: Quando a paisagem sofreu transformações através da intervenção humana é chamada de paisagem modificada, cultural ou humanizada. Ex: Cidades, praças, rodovias, pontes, comércio, etc.

\*Muitas paisagens são composições de elementos humanos situados entorno ou próximo a um conjunto de elementos naturais.

\*As transformações na paisagem podem ser de ordem natural, como as condições de tempo, clima, a pressão atmosférica, a erupção de vulcões. Ou de ordem cultural, com: a construção de moradias, cidades e estradas.

\* A importância da paisagem para a geografia está na possibilidade de entender o mundo e o lugar em que vivemos através de sua observação e análise. Identificando elementos naturais e humanizados compreendemos a dinâmica das atividades empreendidas por uma sociedade. Atividades econômicas, sua estrutura social, as sociedades, o grau de urbanização e de intervenções na natureza;

\*As técnicas e tecnologias transformam as paisagens, sejam elas rurais ou urbanas; A paisagem interfere no modo de vida e no bem estar social da população; (trânsito, poluição atmosférica, etc.).

\*O trabalho transforma a paisagem seja através de plantações, ou nas decisões políticas e democráticas exercidas pelo cidadão.

\*A paisagem possui uma dimensão política: na organização do território, nos avanços da sociedade,

\*A globalização trouxe inúmeros avanços para a sociedade, mas também grandes transformações nas paisagens (degradação ambiental, desigualdade social, fragmentação de espaços sociais).

\*As tribos e grupos sociais marcam e se apropriam das paisagens. A apropriação da paisagem é realizada pelo próprio corpo;

\*O turismo e o consumo das paisagens, em que nem todos possuem acesso às mesmas paisagens (contemplação da paisagem).

\*As fotografias e as pinturas não são paisagens, mas sim representações da paisagem;

\*A paisagem é o ponto de debate sobre os desafios globais: erradicação da fome e miséria, desigualdades sociais, preservação ambiental.

## APÊNDICE C

### **As hidrelétricas e a transformação das paisagens**

A água é um elemento essencial para o desenvolvimento de toda e qualquer forma de vida. A história nos conta que desde o início, as primeiras civilizações buscavam formar as primeiras comunidades a margem de rios, para tornar mais fácil o abastecimento de água e o desenvolvimento da agricultura, como por exemplo, o rio Nilo no Egito e o Rio Tigre e Eufrates na Mesopotâmia. À medida que as sociedades foram se desenvolvendo, cada vez mais a demanda por água tornou-se maior e junto com ela a demanda de energia. A água

também é utilizada como recurso energético, através das usinas hidrelétricas, gerando uma série de impactos ao meio ambiente. Muito destes impactos são irreversíveis.

O que é uma usina hidrelétrica? Uma usina hidrelétrica é o conjunto de obras, equipamentos e estruturas, com o objetivo de geração de energia elétrica, através do aproveitamento do potencial hidráulico existente em um rio.

O que são impactos ambientais? Impacto ambiental de acordo com a Resolução 01/1986 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) significa qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente causada por alguma forma de matéria ou energia resultante de atividades humanas, que direta ou indiretamente afetam a sociedade.

As barragens acarretam impactos ambientais enormes, como a perda da biodiversidade, estudos comprovam que cerca de 37% de espécies de água doce desapareceram entre 1970 e 2008. As hidrelétricas possuem um elevado custo, obstruem os rios e não duram para sempre, isto é uma hidrelétrica possui um tempo de vida útil estimada em uma centena de anos. Cerca de 20% da energia elétrica do mundo é proveniente de hidrelétricas. No Brasil existem 158 usinas hidrelétricas. A segunda maior usina hidrelétrica do mundo é a Itaipu Binacional pertencente ao Brasil e ao Paraguai.

Para a construção de uma hidrelétrica, um vasto território precisa ser alagado, em que ocorre a perda de sítios arqueológicos, a população ribeirinha que precisa ser deslocada para outros lugares. Grande perda da fauna e da flora, espécies animais e vegetais que acabam por ser extintas, degradação dos nutrientes do solo, destruição de grandes espaços de floresta nativa e interferência nas dinâmicas da natureza.

A construção de uma hidrelétrica também pode ser considerada uma hibridação, uma fusão da sociedade com a natureza, em que o ambiente é alterado, mudam-se as formas de vida, a paisagem é transformada, a vista já não é mais a mesma, criam-se territorialidades movimentos de resistência, críticas ou sugestões na construção de tal empreendimento que traz profundas mudanças à região. A construção de uma hidrelétrica ao mesmo tempo em que traz perspectivas de progresso também gera frustração de moradores que há anos residiam naquelas propriedades e são obrigados a deixá-las para atender as demandas da sociedade.

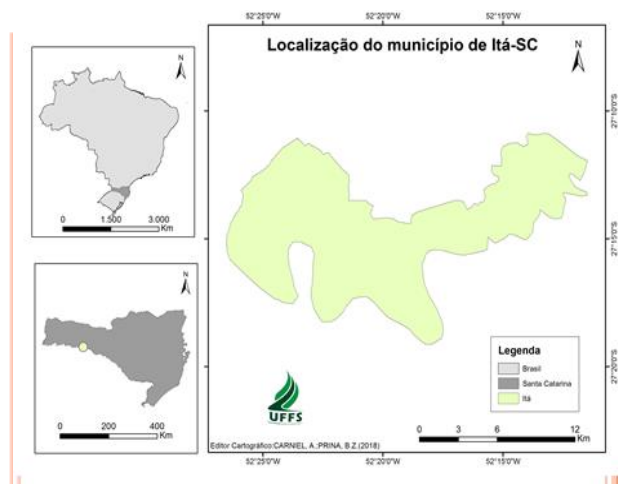
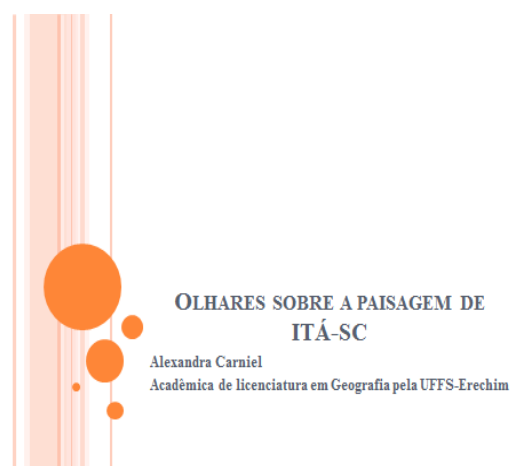
A paisagem é fator principal na construção de uma hidrelétrica, pois seus pontos positivos e negativos estão refletidos na vista do horizonte, nas alterações dos lugares e

espaços, nas memórias presentes e passadas, no cuidado com o ambiente, nas mudanças econômicas, sociais e culturais.

Portanto através da observação, da comparação do antigo e do novo sobre uma paisagem é possível compreender os grandes impactos de um empreendimento hidrelétrico na vida social e cotidiana de uma população.

Referências: Hidrelétricas. <<http://riosvivos.org.br/a/Canal/O+que+sao+hidreletricas+/576>>

## APÊNDICE D



### USINA HIDRELÉTRICA ITÁ

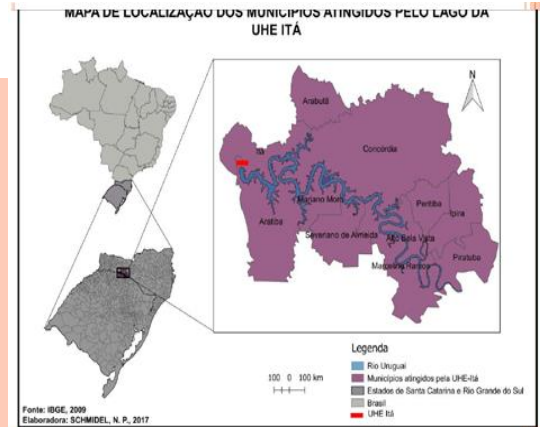


#### A CIDADE DE ITÁ SEMPRE FOI ASSIM?

- Principais mudanças?
- Como as paisagens foram transformadas?
- De que forma estas transformações impactaram a vida das pessoas?

#### MUNICÍPIOS ATINGIDOS PELO RESERVATÓRIO DA UHE-ITÁ

- SC: Itá, Araribá, Concórdia, Alto Bela Vista, Ipira, Peritiba e Piratuba;
- RS: Aratiba, Mariano Moro, Severiano de Almeida e Marcelino Ramos;



#### A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E O USO DE ENERGIA

- Como era o modo de vida de antigamente sem a energia elétrica? Hoje é melhor?
- A realização de encontros;
- De que maneira a energia elétrica transformou a paisagem e a vida das pessoas?



- Quais os principais impactos das hidrelétricas?
- As hidrelétricas continuarão produzindo energia para sempre?
- Qual o tempo de vida útil de uma hidrelétrica?



- Tempo de vida útil das hidrelétricas;
- Usina de Itaipu: 200 anos;
- O consórcio Itá possui concessão da usina até 2030;
- Geralmente as hidrelétricas possuem vida útil de 50 anos podendo ser estendida por mais 50 anos, se realizados alguns investimentos;
- Desativação de uma usina é uma ocorrência rara;



#### AS HIDRELÉTRICAS E AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM

- Solo;
- Animais;
- Vegetais;
- Moradores;
- Desvio da dinâmica natural do Rio;



- A UHE- Itá e a gestão dos recursos hídricos;
- Órgãos governamentais: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA);



### HIDRELÉTRICAS

- Paisagem;
- Lugar;
- Território e territorialidades;
- Cultura e memória;
- Dinâmicas sociais, econômicas e políticas;



### A ÁGUA COMO RECURSO ENERGÉTICO



### HIDRELÉTRICAS E MOVIMENTOS SOCIAIS

- MAB (Movimento de Atingidos por Barragens)



### REFERÊNCIAS

- QUADROS, Daiane de Almeida. *A percepção das transformações na cidade de Itá- SC: Antes e depois da instalação da UHE*, 2016.
- SCHIMIDEL, Natiele Patricia. *A Geografia nos seus olhos: Impactos da UHE- Itá nas paisagens dos moradores da linha Rio Branco Mariano Moro-RS*.